

**A EDUCAÇÃO MUSICAL INFANTIL E O USO DAS TECNOLOGIAS DE
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: PERCEPÇÃO DOS DOCENTES**

ANELISE LUPOLI CHAMORRO

**A EDUCAÇÃO MUSICAL INFANTIL E O USO DAS TECNOLOGIAS DE
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: PERCEPÇÃO DOS DOCENTES**

ANELISE LUPOLI CHAMORRO

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Instituição educacional e formação do educador.

Orientadora:
Prof^a. Dr^a. Raquel Rosan Christino Gitahy

370
C449e

Chamorro, Anelise Lupoli

A educação musical infantil e o uso das tecnologias de informação e comunicação: percepção dos docentes / Anelise Lupoli Chamorro. – Presidente Prudente, 2015. 110 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista – Unoeste, Presidente Prudente, SP, 2015.

Bibliografia.

Orientadora: Raquel Rosan Christino Gitahy

1. Música na educação. 2. Educação Infantil. 3. Aprendizagem. 4. Tecnologias educacionais. 5. Professores – Formação. I. Título.

ANELISE LUPOLI CHAMORRO

**A EDUCAÇÃO MUSICAL INFANTIL E O USO DAS TECNOLOGIAS DE
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: PERCEPÇÃO DOS DOCENTES**

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Presidente Prudente, 03 de junho de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Raquel Rosan Christino Gitahy
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente - SP

Prof^a. Dr^a. Adriana Aparecida de Lima Terçariol
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente - SP

Prof. Dr. Elson Luiz de Araujo
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS
Paranaíba - MS

*Dedico este mestrado aos meus pais,
Elisabeth Lupoli Chamorro e Luiz Antonio
Mendes Chamorro, meus amigos e conselheiros,
por tudo o que fizeram e ainda fazem por mim.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelas grandes bênçãos que Ele tem derramado em minha vida.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Raquel Rosan Christino Gitahy pela imensa ajuda na concretização deste trabalho.

A todos os professores que lecionaram matérias curriculares durante o mestrado, me trazendo novos conhecimentos.

À diretora e aos professores da escola EMEIF Profa. Aparecida Marques Vaccaro, pela paciência e colaboração tão importantes para a realização do trabalho.

RESUMO

A educação musical infantil e o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação: percepção dos docentes

Esta pesquisa, vinculada ao programa de Mestrado em Educação da Universidade do Oeste Paulista, tem abordagem qualitativa e busca compreender a percepção dos docentes sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) como ferramenta auxiliar no processo de ensino aprendizagem da educação musical infantil. Este estudo apresenta a importância do uso das TIC no processo de ensino-aprendizagem e abre caminho para os docentes buscarem estratégias de ensino que possam auxiliar no aprendizado musical das crianças. Foi realizado, inicialmente, um questionário de perfil social e uma entrevista semiestruturada com cinco professores de educação infantil de uma escola pública da cidade de Álvares Machado (SP) sobre o uso das TIC na educação musical infantil. Na sequência, foi oferecida uma oficina de 30 horas, na qual o pesquisador apresentou três objetos de aprendizagem (OA) – “Zorelha”, “Práticas criativas na web 2.0” e “Gen Virtual” – que foram manuseados pelos docentes entrevistados. Em outro momento, foi realizada nova entrevista, baseada em roteiro semiestruturado, a fim de identificar possíveis mudanças na concepção sobre ensino e aprendizagem musical dos docentes depois de conhecerem os objetos de aprendizagem. Com base nas respostas do questionário, nas entrevistas e na observação durante a oficina, foram criadas as seguintes categorias de análise: o ensino da música; o uso da tecnologia; o uso dos OA no ensino da música. Este estudo permitiu compreender sobre a preparação dos professores para o ensino de música nas escolas, sobre a utilização da tecnologia neste ambiente, e qual a finalidade desta ação pedagógica. Constatou-se, ainda, que os professores apresentam dificuldades em lecionar música na escola porque não adquiriram conhecimento suficiente da matéria; que as TIC usadas como ferramenta de ensino contribuem para a formação das crianças; que os docentes desconhecem qualquer tipo de objeto educacional que possa ser utilizado com os alunos nas aulas e, ao conhecê-lo, por intermédio da oficina, apresentaram dificuldades de incorporá-lo no dia a dia escolar.

Palavras-chave: Música. Educação Infantil. Objetos de Aprendizagem. Tecnologias de Informação e Comunicação.

ABSTRACT

Child music education and the use of Information Technology and Language Arts: teachers' perception

This research, linked to the Masters' Program in Education at Univesidade do Oeste Paulista, has a qualitative approach and was carried out as an attempt to understand teachers' perception of Information Technology and Language Arts (ITLA) as a complementary tool for the teaching learning process of child music education. This study points out the importance of ITLA in the teaching-learning process and shows the way for teachers in their attempt to work out teaching strategies which might help children learn music. Firstly, a social profile questionnaire and a semi-structured interview were designed comprising five teachers of child education at a public school in Álvares Machado (SP) dealing with the use of ITLA in child music education. Afterwards, a 30-hour workshop was held, in which the researcher presented three learning subjects (LS) - "Zorelha", "Creative practices on web 2.0" and "Gen Virtual" - which were broached by the interviewed teachers. After that, a new interview was held, based on a semi-structured direction, in order to identify possible changes in their conception of teaching-learning music following their contact with the learning subjects. Based on the answers given to the questionnaire, on the interviews, and on observation held during the workshop, the following analysis categories were devised: the teaching of music; the use of technology; the use of SL in music learning. The survey allowed us to understand those teachers' background development meant for the teaching of music in schools, the use of technology in that specific environment, and aim of such a pedagogical action. One also found out that teachers encountered difficulties to teach music in schools because they did not have enough knowledge of the subject; that the ITLAs used as a teaching device contribute to the children's background development; that teachers hardly know any kind of educational subject which might be used with the children in classroom and, by getting acquainted to it, by means of the workshop, they encountered difficulties to incorporate it into everyday school life.

Keywords: Music. Child education. Learning Subjects. Information Technology and Language Arts.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Informações pessoais	57
QUADRO 2 - Formação acadêmica e formação profissional	58
QUADRO 3 - Atividade profissional	59
QUADRO 4 - Primeira questão da entrevista	60
QUADRO 5 - Segunda questão da entrevista	61
QUADRO 6 - Terceira questão da entrevista	63
QUADRO 7 - Quarta questão da entrevista	64
QUADRO 8 - Quinta questão da entrevista	65
QUADRO 9 - Sexta questão da entrevista	66
QUADRO 10 - Primeira questão da entrevista após aplicação da oficina	72
QUADRO 11 - Segunda questão da entrevista após aplicação da oficina	73
QUADRO 12 - Terceira questão da entrevista após aplicação da oficina	74
QUADRO 13 - Quarta questão da entrevista após aplicação da oficina	75

LISTA DE SIGLAS

ATPC	-	Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo
BDTD	-	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BIOE	-	Banco Internacional de Objetos Educacionais
DECEL	-	Divisão de Educação, Cultura, Esporte e Lazer
EaD	-	Educação a Distância
EMEIF	-	Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental
ENEM	-	Exame Nacional do Ensino Médio
LDB	-	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
AO	-	Objetos de aprendizagem
PCN	-	Parâmetros Curriculares Nacionais
Proerd	-	Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência
RIVED	-	Rede Internacional Virtual de Educação
SUS	-	Sistema Único de Saúde
TIC	-	Tecnologias de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Origem do problema	12
1.2	Justificativa e relevância da pesquisa	13
1.3	Organização e dissertação	16
2	EDUCAÇÃO MUSICAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL	18
2.1	O contexto da educação infantil	18
2.2	A música e a educação	20
2.3	Educação musical infantil	26
2.4	A ludicidade e a aprendizagem infantil	31
3	AS TIC E A EDUCAÇÃO MUSICAL NA INFÂNCIA	35
3.1	Tecnologias de Informação e Comunicação na educação	35
3.2	As TIC e o desenvolvimento da criança	36
3.3	A educação musical e os objetos de aprendizagem na Educação Infantil	38
3.4	A formação do professor para atuação com as TIC e a educação musical na infância	43
4	OBJETOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	48
4.1	Objetivos geral e específicos	48
4.2	Natureza da pesquisa	48
4.3	Contexto e sujeitos de investigação	49
4.4	Fases de desenvolvimento da pesquisa	51
5	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	57
5.1	Questionário sobre perfil	57
5.2	Entrevista com os professores antes da oficina com os objetos educacionais (Apêndice C)	60
5.3	Observação durante a oficina	67
5.3.1	Observação na oficina do objeto educacional “Zorelha”	67
5.3.2	Observação na oficina do objeto educacional “Práticas criativas na web 2.0”	69
5.3.3	Observação na oficina do objeto educacional “Gen Virtual”	70

5.4	Entrevista com professores pesquisados após aplicação da oficina com os objetos educacionais	72
5.5	Categoria 1: O Ensino da Música	76
5.6	Categoria 2: O Uso da Tecnologia	81
5.7	Categoria 3: O Uso dos Objetos Educacionais no Ensino da Música	85
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS	88
	REFERÊNCIAS	93
	APÊNDICES	103
	APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	104
	APÊNDICE B - Questionário sobre o perfil dos pesquisados	107
	APÊNDICE C - Roteiro de entrevista semiestruturado	109
	APÊNDICE D - Roteiro de entrevista semiestruturado	110

1 INTRODUÇÃO

1.1 Origem do problema

O interesse pelo tema deste trabalho tem estreita ligação com minhas vivências pessoais. Desde minha infância fui desenvolvendo experiências musicais que me levaram a gostar de música. Iniciei meus estudos de música aos 6 anos de idade, no Conservatório de minha cidade, com aulas de violino, teoria musical e coral. Desde então a música se faz presente em todos os momentos de minha vida. Com formação em música, aprendi a sua importância na formação do ser humano. A música contribui para o desenvolvimento psicomotor, socioafetivo, cognitivo e linguístico, além de ser facilitadora do processo de aprendizagem.

A música contribui para a formação integral do indivíduo, reverencia os valores culturais, difunde o senso estético, promove a sociabilidade e a expressividade, introduz o sentido de parceria e cooperação, e auxilia o desenvolvimento motor, pois trabalha com a sincronia de movimentos. (LIMA, 2011 apud BERNARDINO et al., 2013, p. 2).

Com o término do Bacharelado em Música, voltei para minha cidade natal e comecei a trabalhar numa escola particular da cidade. Logo de início percebi as dificuldades de lecionar, pois, em razão de não ter cursado licenciatura, não tivera nenhuma matéria didática durante os quatro anos passados na universidade.

Busquei, então, fazer cursos que pudessem suprir essa minha deficiência.

Para conseguir que os alunos se apropriem do saber escolar de modo a se tornarem autônomos e críticos, o professor precisa estar, ele próprio, apropriando-se desse saber e tornando-se cada vez mais autônomo e crítico. (MAZZEU, 2009, p. 2).

Ao entrar em contato com outros professores de música, de escolas não só particulares como também municipais e estaduais, pude perceber que a grande maioria não possuía formação em música e apresentava dificuldade em trabalhar música na sala de aula, sobretudo por falta de conhecimento da matéria ou por não possuir material didático para trabalhar com os alunos durante a aula.

1.2 Justificativa e relevância da pesquisa

Considerando que a música é um elemento contribuinte para o desenvolvimento da inteligência e a integração do ser, foi sancionada em 18 de agosto de 2008, a Lei nº 11.769 (BRASIL, 2008), na qual a música passa a ser conteúdo obrigatório na Educação Básica (Educação Infantil e Ensino Fundamental) de todas as escolas públicas e privadas do Brasil.

Entretanto, quais os objetivos do ensino de música nas escolas? Além de ajudar a tornar os alunos capazes de exercer cidadania, a música pode ajudar a criança a sentir, expressar e pensar as manifestações sonoras no cotidiano. Ela é um instrumento para desenvolver a concentração, coordenação motora, sociabilização, destreza de raciocínio, audição, disciplina pessoal, entre muitos outros atributos.

A música, além de suas próprias atribuições, sociabiliza e sensibiliza o indivíduo, desenvolve o seu poder de concentração e raciocínio, tão importante em todas as fases de nossas vidas. Auxilia, ainda, na coordenação motora e na parte fono da criança. A criança que escuta bem, fala bem e esse desenvolvimento do senso auditivo vem colaborar diretamente no processo de alfabetização e estudo de línguas estrangeiras. (BIAGIONI et al., 1998, p. 26).

Mas será que os professores estão preparados? O educador que está sempre em busca de uma formação contínua, bem como a evolução de suas competências, tende a ampliar o seu campo de trabalho. A educação continuada tem o objetivo de contribuir para a melhoria da formação dos professores.

A formação continuada apresenta-se como fator relevante para uma atuação repleta de significação, possibilitando ao educador maior aprofundamento dos conhecimentos profissionais, adequando sua formação às exigências do ato de ensinar, levando-os a reestruturar e aprofundar conhecimentos adquiridos na formação inicial. O professor que participa de atividades de formação continuada pode refletir sobre suas práticas e trabalho diário. (LIMA et al., 2011, p. 1).

Nessa formação continuada, é importante o professor preparar-se para a era da tecnologia. Hoje é quase impossível pensar o mundo sem as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). As crianças entram em contato com essas tecnologias desde muito pequenas e os professores podem utilizar essas ferramentas a fim de tornar a aula mais interessante. As TIC são um excelente meio

para cativar as crianças, proporcionam uma motivação extra e podem ajudar no desenvolvimento escolar. É possível, ainda, usar as tecnologias como método lúdico, didático e educativo, sendo adotadas como auxílio para outras Unidades Curriculares.

A escola é um espaço privilegiado de interação social, mas este deve interligar-se e integrar-se aos demais espaços de conhecimento hoje existentes e incorporar os recursos tecnológicos e a comunicação via internet, permitindo fazer as pontes entre conhecimentos e tornando um novo elemento de cooperação e transformação. (MERCADO, 2002, p. 13-14).

Destacando as TIC no processo de ensino-aprendizagem da música, podemos utilizar os objetos de aprendizagem (OA) que são recursos digitais que dão suporte ao aprendizado.

Conforme Careo (2002 apud MIRANDA, 2004, p. 22), um objeto de aprendizagem:

[...] é qualquer recurso digital com um valor pedagógico demonstrado, que pode ser usado, reusado e referenciado para suporte de aprendizagem. Os objetos de aprendizagem podem ser uma applet Java, uma animação Flash, um quiz online, ou um filme QuickTime, mas podem também ser uma apresentação Power Point ou arquivo .pdf, uma imagem, um site ou uma webpage.

Mas será que os professores conhecem objetos de aprendizagem que possam auxiliá-los no ensino da música? Este trabalho busca entender a concepção dos professores sobre o ensino de música, auxiliado pelas Tecnologias de Informação e Comunicação.

Assim, realizamos uma análise acerca de teses e dissertações relacionadas à área do conhecimento em questão. A ferramenta de pesquisa utilizada foi a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), na qual localizamos poucos temas geradores com este foco.

Utilizamos como descritor “Educação Musical Infantil” e encontramos 58 teses e dissertações, porém nenhuma envolvia TIC e objetos educacionais. No descritor “Musicalização”, encontramos 32 teses e dissertações, contudo, apenas uma utilizava a tecnologia (multimídia). Usando o descritor “TIC educação musical”, localizamos apenas duas dissertações. O descritor “Objetos de aprendizagem música” nos indicou apenas três teses e dissertações. E ao utilizarmos o descritor “Musicalização TIC”, nenhuma tese ou dissertação foi encontrada.

Dentre os trabalhos identificados e explorados, destacamos os seguintes:

- a) Martins (2008), em sua dissertação em Ciência da Computação, apresenta uma biblioteca de objetos Pd que combina ferramentas de análise de áudio e síntese de imagens para acompanhamentos visuais de entradas musicais;
- b) Tomiazzi (2013), cuja dissertação em Educação investiga as contribuições da formação continuada nas aulas de educação musical infantil;
- c) Borges (2010), em sua dissertação em Música, busca compreender como os estudantes do último ano de três cursos de graduação em música existentes no estado de Santa Catarina se relacionam com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), à luz da fundamentação legal e curricular para a formação docente nos cursos de Licenciatura em Música;
- d) Ferreira (2008), em sua dissertação em Engenharia Elétrica, enfoca uma arquitetura de objetos de aprendizagem digitais adaptativos, com uma aplicação no processo de aprendizagem de ritmos musicais brasileiros, como exemplo de utilização. Tais objetos são dinamicamente recuperados a partir de repositórios, por meio de técnicas baseadas em mapas auto-organizáveis;
- e) Marciel Filho (2004), em sua tese em Educação, investiga a imagem de leitura nos métodos musicais e o papel do professor nesse processo de ensino-aprendizagem;
- f) Borne (2011), em sua dissertação, busca compreender as práticas docentes desenvolvidas pelos professores universitários da Educação a Distância (EaD), nas disciplinas de Música.

Valendo-se desse levantamento de dados e com base no referencial teórico pesquisado, podemos constatar que são poucas as pesquisas que unem a educação musical infantil e o uso de objetos de aprendizagem. Esta pesquisa se difere das poucas que foram encontradas na área, porque busca entender a percepção dos professores sobre a educação musical mediada pelas Tecnologias

de Informação e Comunicação e, mais especificamente, por mostrar que os objetos de aprendizagem (OA) disponíveis gratuitamente na rede mundial de computadores, embora pouco explorados pelos professores, constituem-se um bom meio de auxiliar a prática do ensino musical.

Verificamos, portanto, a necessidade de haver mais trabalhos nesta área e reiteramos a contribuição deste estudo para a sociedade. Por intermédio desta pesquisa, esperamos despertar nos professores a importância do uso desta tecnologia no processo de ensino-aprendizagem e abrir caminho para os docentes buscarem estratégias de ensino e objetos de aprendizagem que possam ser facilitadores no aprendizado musical das crianças.

1.3 Organização e dissertação

A pesquisa foi organizada em uma introdução, quatro capítulos e considerações finais com perspectivas futuras, representados a seguir.

A introdução é subdividida em três seções: Origem do Problema, Justificativa e Relevância da Pesquisa e Organização da Dissertação.

O primeiro capítulo, intitulado “Educação musical na educação infantil”, encontra-se subdividido em quatro seções, a saber: o contexto da educação infantil, que reflete sobre as reformas educacionais e formação de professores na área da educação infantil; a música e a educação, em que discorremos sobre a importância da música no ensino; educação musical infantil, esclarecendo o que pode ser estimulado na criança por meio da Musicalização e a ludicidade e a aprendizagem infantil, no qual discutimos sobre a importância dos jogos no ensino das crianças.

No segundo capítulo, intitulado “As TIC e a educação musical na infância”, encontram-se as seguintes seções: Tecnologias de Informação e Comunicação na educação, que reflete a importância das TIC em qualquer área educacional; as TIC e o desenvolvimento da criança, que trata sobre a importância desta tecnologia para o desenvolvimento das crianças; a educação musical e os objetos de aprendizagem na educação infantil, que descreve sobre objetos de aprendizagem que auxiliam no ensino de musicalização; e, por fim, a Formação do Professor para atuação com as TIC e a Educação Musical na Infância, na qual explanamos sobre a importância da formação e capacitação do professor para um ensino musical efetivo.

O terceiro capítulo – Objetivos e Procedimentos Metodológicos de Pesquisa – subdividimos em quatro seções: objetivo geral e específicos, natureza da pesquisa, contexto e sujeitos de investigação e fases de desenvolvimento da pesquisa. Nestas seções, apresentamos os objetivos da pesquisa, os dados, bem como os instrumentos utilizados na recolha dos dados, para que, posteriormente, seja realizada sua análise.

O capítulo quatro mostra a Apresentação e Discussão dos Resultados, com resultado do perfil social, entrevista com os professores antes da oficina com os Objetos Educacionais, observações durante a oficina dos três OE, além da entrevista com os professores após a oficina. Ainda no mesmo capítulo, há três categorias de análise: o ensino da música, o uso da tecnologia e o uso dos objetos educacionais no ensino da música. Por fim, expõe-se as Considerações Finais e Perspectivas Futuras.

2 EDUCAÇÃO MUSICAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

2.1 O contexto da educação infantil

Historicamente, durante séculos, a educação das crianças era responsabilidade familiar. Por meio do convívio com os adultos, da cultura e regras da casa, a criança era educada.

Do ponto de vista histórico, a educação da criança esteve sob a responsabilidade exclusiva da família durante séculos, porque era no convívio com os adultos e outras crianças que ela participava das tradições e aprendia as normas e regras da sua cultura. (MACHADO; PASCHOAL, 2009, p. 79).

A chegada do capitalismo e da revolução industrial promoveu uma mudança na sociedade. As mulheres passaram a fazer parte do mercado de trabalho, empregadas pelas fábricas.

As máquinas permitiram que o trabalho não exigisse tanta força bruta e, desse modo, poderia ser feito por mulheres e crianças.

“Com o avanço da divisão do trabalho, a ocupação da maior parte daqueles que vivem do trabalho, isto é, da maioria da população, acaba restringindo-se a algumas operações extremamente simples, muitas vezes a uma ou duas” (SMITH, 1983, p. 213).

Diante disso, a educação das crianças também se modificou, pois, com os pais trabalhando, surgiram mulheres que recebiam para cuidar dos filhos das mães operárias. Eram mulheres da comunidade que ensinavam bons hábitos e regras morais.

O tempo foi passando e surgiram instituições para cuidar e proteger as crianças no período em que a família estivesse trabalhando. E é por isso que, inicialmente, a maioria destas instituições tinha um objetivo assistencialista, em que o profissional (cuidador) era responsável pela higiene, alimentação e pelo sono da criança, entretanto, atividades pedagógicas não eram valorizadas.

Surgiram, também, estabelecimentos com o objetivo de ensinar habilidades motoras, obediência, noções morais, atividades para desenvolver raciocínio, letras do alfabeto. Eram instituições educativas que valorizavam as atividades pedagógicas.

No Brasil, especificamente, as creches foram criadas, inicialmente, com fins unicamente assistencialistas e eram, geralmente, para combater o alto índice de mortalidade infantil.

As instituições “[...] apresentavam as suas justificativas para a implantação de creches, asilos e jardins de infância onde seus agentes promoveram a constituição de associações assistenciais privadas” (KUHLMANN JR., 1998, p. 88).

Mais tarde, no período industrial, e a inserção da mão de obra feminina, os donos das fábricas criaram instituições de educação para apaziguar os movimentos operários.

Os donos das fábricas, por seu lado, procurando diminuir a força dos movimentos operários, foram concedendo certos benefícios sociais e propondo novas formas de disciplinar seus trabalhadores. Eles buscavam o controle do comportamento dos operários, dentro e fora da fábrica. Para tanto, vão sendo criadas vilas operárias, clubes esportivos e também creches e escolas maternas para os filhos dos operários. O fato dos filhos das operárias estarem sendo atendidos em creches, escolas maternas e jardins de infância, montadas pelas fábricas, passou a ser reconhecido por alguns empresários como vantajoso, pois mais satisfeitas, as mães operárias produziam melhor. (OLIVEIRA, 1992, p. 18).

Eram, então, instituições para crianças pobres. Somente décadas depois, com a entrada da mulher de classe média no mercado de trabalho, as instituições começaram a atender todas as mulheres, independente de suas condições econômicas.

As instituições públicas, portanto, atendiam crianças de camadas mais populares, com o intuito de superar suas deficiências de saúde e escolares. As particulares cuidavam das crianças ricas, socializando-as e preparando-as para o ensino regular.

Como um meio de melhorar esta situação e preocupados em atender todas as crianças, não importando sua classe social, houve o processo de regulamentação do trabalho no âmbito da legislação.

Hoje, é considerado Educação Infantil, no Brasil, o período pedagógico de crianças com idade de 0 a 6 anos. As crianças de 0 a 3 anos são atendidas pelas creches, e as de 4 a 6, pela pré-escola, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Em 1998 foi publicado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, com os objetivos, conteúdo e orientações didáticas para os professores. De acordo com o Referencial, as crianças devem adquirir a capacidade de:

- desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;
- descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar;
- estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua auto-estima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;
- estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;
- observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;
- brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;
- utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas idéias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;
- conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade (BRASIL, 1998a, p. 63).

Desse modo, a qualidade destas instituições foi melhorando, mas ainda há muitos desafios para que o desenvolvimento e aprendizado da criança seja mais qualificado. Um destes desafios é dar mais importância ao ensino de música.

2.2 A música e a educação

A música está presente no cotidiano das pessoas em maior ou menor grau. Em qualquer sociedade, em qualquer época e cultura, ela está presente no dia a dia, em momentos significativos de nossa existência. Em momentos de alegrias, tristezas, comemorações, em comunhão ou na solidão. Ela é uma forma de expressão humana e está presente nas manifestações pessoais e sociais.

A música é uma linguagem universal, tendo participado da história da humanidade desde as primeiras civilizações. Conforme dados antropológicos, as primeiras músicas seriam usadas em rituais, como: nascimento, casamento, morte, recuperação de doenças e fertilidade. Com o desenvolvimento das sociedades, a música também passou a ser utilizada em louvor a líderes, como a executada nas procissões reais do antigo Egito e na Suméria. (BRÉSCIA, 2003, p. 12).

Sabendo da importância da música como linguagem, podemos reconhecer a importância do estudo da música para a formação dos seres humanos e os benefícios que ela pode proporcionar no ambiente escolar.

Muitos filósofos dedicaram especial atenção à música em seus estudos e a consideraram desde sempre uma parte importante da educação. Platão afirmava que “o ritmo e a harmonia chegam a todas as áreas d’alma e toma posse delas, outorgando graça ao corpo e mente que apenas se encontram em quem tenha sido educado de forma correta.” Aristóteles também promoveu a educação musical integral, pois estava convencido de que “alcançamos uma certa qualidade de personalidade graças a ela”. Confúcio considerava que a música exercia influência tanto pessoal como política: “O homem superior pretende promover a música como meio de aperfeiçoamento da cultura humana. Quando a música prevalecer e conduzir as pessoas para seus ideais e aspirações, contemplaremos o panorama de uma grande nação”. (ALVAREZ, 2008, p. 67).

A utilização da educação musical como formadora do indivíduo é algo que vem dos primórdios da civilização. Platão já discutia o uso da música para modelar o caráter do cidadão.

Para Platão, a música seria capaz de atingir mais profundamente a alma de um cidadão, podendo moldá-la para o bem ou para o mal. O uso correto da educação musical iria abrandar os irascíveis e afastar os maus vícios, assim como atrairia as boas virtudes, coragem, ordem à alma e até mesmo justiça. (RIBEIRO, 2001, p. 7).

Aristóteles (1998, p. 579) também acreditava na importância de se legislar sobre a música:

É precisamente nos ritmos e nas melodias que nos deparamos com as imitações mais perfeitas da verdadeira natureza da cólera e da mansidão, e também da coragem e da temperança, e de todos os seus opostos e outras disposições morais.

Como normalmente quem estuda música toca ou canta em grupos como banda, orquestra, coral, grupo de câmara, entre outros, o estudo da música valoriza o trabalho em equipe e a responsabilidade. Para que um grupo musical tenha sucesso ao tocar ou cantar junto, deve haver comprometimento individual em estudar as partituras, comparecer aos ensaios, trabalhar tocando ou cantando em conjunto com o objetivo de fazer música harmoniosamente.

Tocar um instrumento também exige coordenação motora. Todos os instrumentos musicais exigem uma postura, uma maneira correta de segurar e a

capacidade de coordenar os movimentos exigidos pelo instrumento de modo eficiente.

O estudo da música exige autodisciplina, paciência, uma vez que necessita de um estudo diário, com muita atenção às notas, ao tempo, à dinâmica, à afinação, entre outros itens. Além disso, é necessário repetir várias vezes o mesmo trecho musical, até que o movimento esteja automatizado.

Concentração é outro importante aspecto que é trabalhado no estudo musical, pois, quando o músico toca ou canta com outros instrumentistas ou cantores, é necessário estar conectado com os demais para estarem bem sincronizados na velocidade da música (andamento), começo e finalização de frases musicais, estar atento ao regente ou maestro, além de estar concentrado na leitura da partitura.

O estudo de um instrumento musical pode ser considerado como importante ferramenta no auxílio do exercício da concentração, ajudando o indivíduo a manter sua atenção direcionada, objetivando uma boa execução de seu próprio instrumento, via utilização de técnica instrumental adequada e eficiente leitura da partitura, além de oportunizar o prazer de ouvir o bom resultado com a harmonia conquistada pelos músicos do grupo. (MELLO, 2011, p. 6).

A música também auxilia na capacidade de memorização, pois ela exige memória auditiva, que funciona quando são identificadas as repetições e outros fenômenos técnicos; a memória afetiva, que está relacionada à dinâmica (tocar mais suave ou mais forte) e à expressividade da música; a memória tátil, que os instrumentistas necessitam para localizar as notas nos instrumentos; e a memória visual, referente à leitura da partitura musical, com as notas nas pautas e as figuras de duração de cada nota. Segundo Jourdain (1998, p. 222), “a capacidade de lembrar uma composição inteira, nota por nota, [...] talvez seja o mais notável feito de memória da experiência humana”.

Sensibilidade é, também, uma característica importante adquirida pelo estudo da música. O estudante de música deve conseguir dar mais vivacidade à ideia musical, por meio da sensibilidade, do vigor e do sentimento.

A música pode contribuir para a formação global do aluno, desenvolvendo a capacidade de se expressar através de uma linguagem não-verbal e os sentimentos e emoções, a sensibilidade, o intelecto, o corpo e a personalidade [...] a música se presta para favorecer uma série de áreas da

criança. Essas áreas incluem a “sensibilidade”, a “motricidade”, o “raciocínio”, além da “transmissão e do resgate de uma série de elementos da cultura”. (DEL BEN; HETSCHKE, 2002, p. 52-53).

A Lei de nº 11.769, sancionada em 18 de agosto de 2008 (BRASIL, 2008), determinou que as escolas públicas e privadas incluíssem o ensino de música como grade curricular, com o objetivo de desenvolver a criatividade, sensibilidade e, conseqüentemente, a integração dos alunos.

A recomendação do Ministério da Educação – MEC é que o ensino de música aborde noções básicas de música, cantos cívicos nacionais e sons de instrumentos de orquestra. Além disso, os alunos deverão aprender cantos, ritmos, danças e sons de instrumentos regionais e folclóricos, representativos da diversidade cultural brasileira. As próprias diretrizes curriculares nacionais da educação básica já estabelecem que os currículos tenham uma dimensão nacional e uma dimensão regional específica, de acordo com o espaço em que eles estão inseridos. Isso é um princípio das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. (BRANDÃO, 2012 apud VIANNA, 2012, p. 1).

Mas, nem sempre o ensino da música foi implantado com estes objetivos.

No início de 1920, graças à intervenção do maestro Heitor Villa-Lobos, o ensino do Canto Orfeônico foi implantado nas escolas, no ensino primário e ginásial. A principal preocupação do ensino de música, naquela época, era apenas o resgate da identidade nacional, ensinando elementos do folclore (nacionalismo).

Espírito de fina observação, Villa-Lobos notou que o costume admirável de cantar em coros ainda não penetrou nos povos latinos, sendo um hábito antigo na raça teutônica. Na Alemanha, cada indivíduo tem a sua voz determinada, com seu repertório de canções nacionais e, na primeira reunião em que se encontra, sabe executar a sua parte num concerto vocal. Na França já se começa a educar o povo com as músicas a vozes, sendo um exemplo incipiente o hino dos estudantes em greves, num cortejo qualquer pelas ruas de Paris. É necessário que, também aqui, se tente o mesmo, começando pelas escolas, único ponto de seguros efeitos nas vindouras gerações de moços. Em lugar de encher a cabeça das crianças com os famosos hinos que nas escolas se cantam, de letra e de música estúrdias, sem a menor compreensão por parte, muitas vezes, até dos professores, é preciso que se ensine os pequenos a cantar as nossas canções apanhadas entre o povo, conseguindo que eles aprendam, cada qual a sua voz determinada, de modo que, no primeiro momento em que se encontre um grupo reunido, se possa, muito naturalmente, passar umas horas de agradável música. Mas a criança não poderá reter uma composição de várias vozes... Pois que não seja de muitas vozes, mas de duas apenas. E os nossos cantos, já estão fixados? Temos já canções nossas? Canções, temo-las e muitas; falta-nos somente quem as ame e as queira cantar. Da sistematização delas se encarregou o próprio Villa-Lobos e, muito breve, ouvi-las-emos nos seus adoráveis concertos. Dos coros

passou a falar da nossa nomenclatura musical, dizendo que vai tudo muito errado, jamais sendo tango ou tanguinho o que hoje com tais nomes se publica. (FOLHA DA NOITE apud KIEFER, 1986, p. 142-143).

Com o passar do tempo, a realidade musical tinha se modificado. Então, em 1930, Villa-Lobos apresenta um plano de educação musical por escrito à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, tentando reconstruir a educação musical brasileira por intermédio de canções folclóricas (nacionalismo).

Aos interventores e diretores de instrução de todos os estados do Brasil foi enviado em 1933 um apelo no sentido de que se interessassem pela propagação do ensino da música nas escolas e pela organização de orfeões escolares, apresentando-se ao mesmo tempo uma exposição das necessidades e vantagens que poderiam advir para a unidade nacional, da prática coletiva do canto orfeônico, calcada numa orientação didática uniforme. (VILLA-LOBOS, 1946, p. 528).

O objetivo do estudo do Canto Orfeônico nas escolas secundárias era, sobretudo, compreender e valorizar os diferentes elementos musicais, além das funções de disciplinar e socializar.

A finalidade do estudo do canto não é apenas a de promover a aquisição da habilidade de entoar canções, mas o de proporcionar melhor compreensão da música e aumento de satisfações, baseados em apreciação e execução. A apreciação, incluída, forçosamente em cada detalhe do ensino de música, tem o poder de motivá-lo. Estimula o espírito de análise e observação e, por isso, aperfeiçoa a execução. Concorre, portanto, para o aumento do interesse em compreender e sentir a música. (BARRETO, 1938, p. 69).

A disciplina de música tinha cinco horas-aula distribuídas entre as primeiras séries do ginásio. Em 1946, houve uma reforma, na qual a carga horária das aulas de música foi modificada para uma hora-aula para cada ano, nas quatro séries do ensino ginásial. As perspectivas sociais do Canto Orfeônico também ganharam mais destaque.

Finalidade do Canto Orfeônico

Na Portaria Ministerial nº 300, de 7 de maio de 1946, referente ao ensino de canto orfeônico nas escolas secundárias do país, lê-se o seguinte:

I- O ensino de Canto Orfeônico tem as seguintes finalidades:

- a) Estimular o hábito de perfeito convívio coletivo, aperfeiçoando o senso de apuração do bom gosto.
- b) Desenvolver os fatores essenciais da sensibilidade musical, baseados no ritmo, no som e na palavra.
- c) Proporcionar a educação do caráter em relação à vida social por intermédio da música viva.

- d) Inculcar o sentimento cívico, de disciplina, o senso de solidariedade, e de responsabilidade no ambiente escolar.
- e) Despertar o amor pela música e o interesse pelas realizações artísticas.
- f) Promover a confraternização entre os escolares. (ARRUDA, 1960, p. 153).

O Canto Orfeônico esteve presente nas escolas do Brasil até, aproximadamente, final da década de 1960, em razão da promulgação da Lei nº 5.692/1971 (BRASIL, 1990) que tornou obrigatório o ensino de artes na escola. Cabe salientar que um mesmo professor deveria ensinar artes visuais, música, teatro e dança.

Art. 7º - Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto à primeira o disposto no Decreto-Lei n. 369, de 12 de setembro de 1969. (BRASIL, 1990, p. 1).

Aos poucos, acabou ocorrendo a predominância do ensino de artes visuais, enquanto dança, teatro e música foram desaparecendo gradualmente do ensino de artes, pois o professor de artes teve a liberdade de escolher como e o que ensinar nas suas aulas.

Em 1996, por meio da Lei nº 9.394 (BRASIL, 1996), houve uma mudança de terminologia, em que a aula de Educação Artística passou a ser chamada de aula de Artes. Mas, embora a terminologia tenha mudado e nos Parâmetros Curriculares a música estivesse inclusa, na prática, não ocorreram mudanças.

Penna (2004, p. 2) ressalta que: “Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997; 1998; 1999), são propostas diversas modalidades artísticas para a matéria escolar Arte: artes visuais, teatro, dança e música”.

Mas será que é possível que as aulas de música de hoje sejam planejadas e executadas como as do canto orfeônico? Essas aulas serão bem aceitas na atualidade?

A sociedade, com o passar do tempo, foi se modificando. Uma dessas mudanças ocorreu na área tecnológica. O mundo virtual está cada vez mais presente no cotidiano das crianças e adolescentes. As informações estão disponíveis com apenas um clique e oferecem a eles uma perspectiva abrangente do mundo.

A educação, por consequência, deverá também modificar para se tornar atrativa aos alunos. O professor deve inovar e enriquecer suas práticas pedagógicas visando a um ensino de melhor qualidade.

Para Moran (2006, p. 1), “a escola pode ser um espaço de inovação, de experimentação saudável de novos caminhos e que não precisamos romper com tudo, mas implementar mudanças e supervisioná-las com equilíbrio e maturidade”.

Assim, com o intuito de colaborar com a construção de conhecimentos, o professor deve refletir sobre o uso das novas tecnologias e tentar integrar as mídias tecnológicas a favor da educação, dando oportunidade aos alunos de terem contato com a tecnologia de uma forma didática.

Para tornar as aulas mais interessantes e criativas, é possível utilizar objetos de aprendizagem como um recurso pedagógico. Com a ajuda destes recursos, a aula tende a se tornar mais divertida, criativa e interessante, além de colaborar com a construção do conhecimento musical.

A música presente em OAs, com a mediação do professor, pode levar a uma construção de conhecimentos musicais a partir de uma audição crítica e da interatividade. Nessa audição crítica ou escuta consciente, o sujeito não é apenas passivo (recebe as informações prontas), mas construtor de significados e do próprio conhecimento. Diante do avanço da informática na educação e dos recursos tecnológico-musicais, os OAs são recursos interativos que enriquecem o espaço pedagógico. (BEHAR; ROSAS, 2010, p. 8).

2.3 Educação musical infantil

A música entra na vida da criança desde muito cedo, ainda na barriga de sua mãe. É comprovado cientificamente que o ouvido do feto fica pronto no quinto mês de gestação. Além disso, na vida intrauterina, ao atingir a sexta semana de gestação, o coração possui contrações rítmicas e, a partir da décima sétima semana, o feto possui movimentos globais rítmicos. A criança, ainda no ventre da mãe, já tem, então, contato com duas propriedades do som: altura e duração (ritmo).

Lino (2002, p. 70) destaca a importância da música intrauterina, argumentando que:

Inicialmente, é na barriga da mãe, ouvindo as batidas de seu coração, que a criança percebe a música. Afinal, o que move o bebê e a mãe é a necessidade de comunicação, seja ao ouvir os sons internos de sua mãe, seja ao ouvir sua fala ou pessoas que conversem com ela.

A partir deste momento, a música está sempre presente na vida do ser humano. “Com a música nós sonhamos, nós rimos, nós choramos, nós propomos,

nós pedimos, nós entendemos, nós aprendemos, enfim, nós vivemos todos os nossos anseios interiores” (NEGREIROS, 1995, p. 67).

Mas, em que fase do desenvolvimento da criança devemos inserir a música? E qual a importância da musicalização em cada fase de vida da criança?

A esse respeito, Biagioni et al. (1998, p. 15) assinalam que “Durante o período Pré-Escolar é que a criança é mais receptiva a esse desenvolvimento musical, podendo-se obter excelentes resultados com a aplicação sistemática de práticas musicais”.

Para os bebês (crianças de até 2 anos e meio), a música estimula a fala, proporciona um ambiente com liberdade de criação, ajuda a conhecer limites e obedecer regras, desenvolve a musicalidade, lateralidade, coordenação motora, entre muitas outras habilidades ou competências.

Segundo Feres (1998, p. 13), as aulas de musicalização para bebês trazem os seguintes objetivos específicos:

- Estimular maior ligação afetiva entre a mãe (ou o adulto que cuida da criança) e o bebê;
- Proporcionar à criança momentos de prazer junto a quem ama;
- Contribuir para resgatar o nosso patrimônio cultural, utilizando canções folclóricas e populares nas aulas;
- Dar modelos de interação musical, fornecendo um repertório para a mãe cantar e brincar com o filho;
- Proporcionar à criança um ambiente onde terá maior liberdade para criar;
- Estimular o canto e a fala. A criança aprende a cantar ao mesmo tempo que aprende a falar;
- Dar oportunidade à criança de ter contato com outras pessoas numa atmosfera expressiva e agradável;
- Desenvolver a musicalidade, sensibilidade, percepção auditiva, psicomotricidade, senso rítmico e sociabilidade.

Por meio das canções, as crianças imitam sons, desenvolvem atenção e memória, experimentam ritmos do corpo com ou sem deslocamento, desenvolvem convivência com outras crianças, percepção e controle do ambiente sonoro.

Com o passar do tempo e o desenvolvimento da criança, as aulas de musicalização passam a ter outro foco, mas continuam sendo importantes.

Elas passam a ajudar na concentração, destreza de raciocínio, disciplina pessoal, entre muitos outros atributos.

1. Desenvolver a capacidade de bater acompanhando a música.
2. Desenvolver a percepção sonora e a capacidade de discriminar, identificar e classificar sons, percebendo similaridades e diferenças.

3. Desenvolver a capacidade de concentração, atenção e raciocínio.
4. Tomar consciência das relações espaciais e temporais.
5. Ter liberdade para explorar as características do som.
6. Desenvolver habilidades motoras grandes e pequenas, coordenação viso-motora e perceber frases musicais através de movimentos.
7. Ter interdependência para respostas musicais.
8. Participar de atividades musicais com outras crianças numa atmosfera expressiva, positiva e agradável.
9. Aumentar a curiosidade para sons expressivos e as muitas opções de fazê-los.
10. Participar de um ambiente onde há liberdade para criar.
11. Respeitar regras e conhecer limites.
12. Resgatar um patrimônio cultural aprendendo canções populares e folclóricas, parlendas e danças.
13. Ter maior estímulo para o canto e a fala. (FERES, 1998, p. 15).

A aula de musicalização não é apenas colocar um CD para tocar e cantar junto com as crianças. O educador deve estar bem preparado para dar essas aulas e, assim, obter um bom resultado. Além disso, o repertório deve ser apropriado à idade da criança para seu bom desenvolvimento.

Na aula de musicalização para bebês, é importante lembrar que eles possuem a concentração curta, então o professor deve fazer um planejamento da aula, com músicas rápidas e objetivas. As músicas escolhidas devem explorar alguma propriedade do som, como intensidade, timbre, altura ou duração.

As partes da aula, segundo Feres (1998, p. 25) são:

1. Brinquedo livre
2. Canto de entrada
3. Hora do canto:
 - Expressão corporal
 - Percussão corporal
 - Brinquedo projetivo
 - Movimento sem locomoção
 - Movimento com locomoção
 - Socialização
4. Parlendas, rimas e brincadeiras musicais
5. Marchas, danças e cirandas
6. Conjunto de Percussão
7. Relaxamento e estiramento
8. Canto de despedida

A hora do brinquedo livre é o momento em que o bebê tem a oportunidade de explorar e conhecer os instrumentos e brinquedos sem a ajuda e manuseio do professor. “Através da exploração, as crianças chegarão, conseqüentemente, ao conhecimento desejado” (FERES, 1998, p. 26).

O canto ou canção de entrada é sempre o mesmo durante todas as aulas, nas quais o professor nomeia a criança e deseja-lhe que seja bem-vindo.

Em seguida, na hora do canto, o docente deve escolher três aspectos que quer trabalhar, desenvolver na aula. Devem ser músicas com letras simples e de fácil entendimento do bebê. É necessário que o professor lembre, também, que a música deve ser repetida várias vezes, em várias aulas para ser assimilada pela criança.

A expressão corporal na música é transmitir, por meio desta e dos gestos, um sentimento, emoção, uma sensação. Por intermédio das músicas é possível nomear as partes do corpo, tocando-as com gestos, fazer pequenas coreografias de acordo com a letra da música. Essas atividades permitem que o bebê adquira noções temporais e espaciais e, ainda, desenvolva a percepção do próprio corpo e desperte a consciência de si mesmo.

Em primeiro lugar, o espaço pessoal, que é aquele ocupado pelo nosso corpo e, além disso, seus espaços internos. Em segundo lugar, temos o espaço parcial, constituído pelo espaço imediato que circunda nosso corpo. Depois vem o espaço total, que é o espaço abarcado pelo deslocamento do nosso corpo. Podemos ainda agregar um quarto aspecto, que é o espaço social, aquele que compartilhamos com os demais. (HARF; STOKOE, 1980, p. 27).

A percussão corporal compreende as músicas cujo ritmo é batido em alguma parte do corpo, auxiliando na habilidade motora ou fazendo barulhos com a boca, que ajuda no processo da fala (linguagem oral). Também desperta o senso rítmico e a motricidade.

O brinquedo projetivo se constitui de duas partes. Primeiramente, por meio da música, o movimento é feito com o próprio bebê. Em seguida, a criança terá a oportunidade de repetir a mesma atividade, mas desta vez ela se torna o adulto e faz o movimento com um boneco. É um processo de imitação, em que ela tem a oportunidade de experimentar, reproduzir o que foi anteriormente feito.

Nesse contexto, segundo Feres (1998, p. 39), “A criança faz o papel do adulto e se projeta no brinquedo fazendo-o andar, pular ou dançar, recurso muito usado pelas crianças quando brincam sozinhas em casa”.

Movimento sem locomoção acontece quando a criança, no ritmo da música, é balançada pelos braços do adulto, pedala no ar, fica em cima do joelho do adulto e este mexe as pernas, entre outros. Esta atividade auxilia na pulsação e percepção rítmica.

O movimento com locomoção, como o próprio nome diz, segue-se o ritmo da música se locomovendo pelo espaço. Se o bebê ainda não anda, ele fica no colo e o adulto se locomove. Além de auxiliar na percepção e pulsação rítmica, é importante para o desenvolvimento motor do bebê.

A socialização é o momento em que, junto com a música, o brinquedo ou instrumento é passado de criança para criança, levando-a a entender que é preciso esperar sua vez e aprender a compartilhar. Essa atividade auxilia no ensino de regras, limites e comportamento.

O momento das rimas, parlendas e brincadeiras musicais possibilita que o bebê tenha mais contato com o folclore brasileiro. Durante essas atividades, pode-se acompanhar o ritmo com palmas, movimentos corporais (auxiliando na lateralidade), trabalha-se com noções de tamanho (grande e pequeno), números (contar os dedos, por exemplo), antônimos (como fechar e abrir), além de divertir a criança com cócegas e abraços.

Nas marchas, danças e cirandas, trabalha-se equilíbrio, coordenação motora e pulsação rítmica. Quando a criança ainda não anda, ela deve participar no colo do adulto.

O conjunto de percussão caracteriza-se pelo momento em que o bebê terá um melhor contato com um instrumento musical. Normalmente, são instrumentos de percussão de bater (como clavas e tambores) ou chacoalhar (como chocalhos e guizos). Outro dado importante é que não se pode dar um instrumento diferente para cada criança. Todas devem receber os mesmos instrumentos e devem tocar todas juntas. As músicas utilizadas neste momento são as com pulsação forte, em que se deve seguir o ritmo.

O relaxamento corresponde ao momento de apreciação musical: um tempo para se acalmar, com uma música lenta, quando a criança deita e recebe uma leve massagem. Para finalizar a aula, vem o canto de despedida, que tem a mesma função do canto de entrada, lembrando que as músicas devem ser curtas, a fim de evitar que a criança se desconcentre, já que sua atenção dura poucos minutos.

Para as crianças de 2 anos e meio até 4 anos, as aulas de musicalização são bem parecidas, e pode-se utilizar a mesma sequência de aula. A diferença está no conjunto de percussão. Com as crianças menores, todas devem utilizar os mesmos instrumentos, mas nesta faixa etária pode-se começar a

diversificar. Além disso, sugere-se a utilização de outros tipos de instrumentos, como flautas de êmbolo, pau de chuva, pratos, reco-reco, maculelê, entre muitos outros. É possível dividir a turma em dois grupos, umas crianças tocando determinado instrumento e outras tocando um instrumento diferente, e depois inverter.

Outra parte da aula que se difere da musicalização para bebês é o ensino básico das propriedades do som (altura, duração, timbre e intensidade), para isso, são utilizadas músicas em que são trabalhadas noções básicas de percepção de sons longos e curtos, agudos e graves, forte e piano e diferentes timbres.

As aulas de musicalização para crianças de 5 a 7 anos são bastante distintas das aulas dos bebês, pois, além de trabalhar a psicomotricidade por meio das músicas, as crianças devem ter noções de canto, bem como uma aula mais aprofundada das propriedades do som (percepção sonora, movimento sonoro e noção melódica, noção de som e silêncio), conjunto de percussão (pulsção, ritmo da melodia, acentos, tempos, compassos, subdivisão binária e ternária) utilizando vários instrumentos diferentes ao mesmo tempo e algumas vezes até tocando separadamente, além de noções básicas de flauta doce. É possível, também, fazer atividades com paisagens sonoras, criação e sonorização de histórias. A apreciação musical com crianças maiores também é uma atividade que pode ser feita com maior frequência e com músicas de maior duração.

Assim, podemos notar que a “Apreciação musical é uma forma lúdica, a apresentação de várias peças de vários gêneros, estilos, épocas e seus compositores, instrumentos e diferentes formações de conjuntos musicais” (FERES, 1998, p. 42).

2.4 A ludicidade e a aprendizagem infantil

No Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), está registrado que toda criança e adolescente, por estar em desenvolvimento, tem o direito a diversão, que faz parte da natureza da criança. Entretanto, brincar nem sempre foi considerado uma forma de aprendizado.

A partir do século XVI, começaram a surgir brincadeiras que ajudavam no aprendizado religioso. E, mais tarde, no Renascimento, a brincadeira começou a ser valorizada na educação, sobretudo na Educação Física. No período romântico,

houve a valorização da infância e tiveram início as propostas educativas com a utilização de brincadeiras.

Atualmente, a ludicidade vem sendo adotada pelas escolas como auxiliadora na construção do ensino das crianças. Há, portanto, uma preocupação em utilizar o lúdico para promover melhores condições de ensino.

Suzuki (1994, p. 91) compartilha deste pensamento ao salientar que: “Começar dando as crianças o prazer de brincar com um brinquedo, deixando o espírito do divertimento levá-las pelo caminho certo – é assim que deveria iniciar toda a educação das crianças”.

Proporcionar o prazer em aprender por meio de jogos é algo que pode ser utilizado em qualquer matéria curricular, porque quando a criança brinca, ela está organizando a realidade.

O trabalho com jogos, com brincadeiras e com linguagens artísticas pode ser um caminho para a construção do conhecimento da criança na fase pré-escolar. É preciso resgatar os jogos simbólicos, os jogos regrados, as atividades de recreação etc., tanto com suas manifestações verbais como não-verbais, para que a linguagem verbal e socializada possa se transformar em um verdadeiro instrumento do pensamento. (CÓRIA-SABINI; LUCENA, 2004, p. 10).

Para a criança, brincar promove a grande atividade mental consciente e inconsciente e desenvolve a concentração, atenção, socialização, fazendo-a criar novas habilidades.

Brincando a criança desenvolve suas capacidades físicas, verbais ou intelectuais. Quando a criança não brinca, ela deixa de estimular, e até mesmo de desenvolver as capacidades inatas podendo vir a ser um adulto inseguro, medroso e agressivo. Já quando brinca a vontade tem maiores possibilidades de se tornar um adulto equilibrado, consciente e afetuoso. (VELASCO, 1996, p.78).

Brincando, a criança sente prazer em realizar as tarefas, pois essas atividades não exigem esforço, aprendendo com entusiasmo.

O lúdico compreende brinquedos, brincadeiras de faz-de-conta e jogos com regras preestabelecidas de cunho educativo que auxiliam no convívio social e na aprendizagem.

Jean Piaget (1971) estudou o brincar em diferentes faixas etárias e descobriu que as crianças mais novas fazem descobertas por meio de experimentos

e atividades que se repetem. As crianças maiores, por sua vez, traçam e compreendem regras e lidam com desafios. Nessa perspectiva, Piaget divide o jogo em quatro categorias, a saber: jogo simbólico, em que a criança está independente das características do objeto; jogo de regras, no qual há relação inter individual; jogo de exercício, cujo objetivo é se exercitar; e jogo de construção, em que a criança cria algo. A origem do jogo, para Piaget, está na imitação.

O violinista e pedagogo Shinishi Suzuki também acreditava na imitação como o melhor meio de aprendizado. A partir de um ambiente favorável e a repetição, a criança aprenderá. É o método de ensino da língua materna. Toda a criança sabe falar a língua de seu país porque ouve muito e imita seus pais. De acordo com o pedagogo, “[...] Se hoje nas escolas, fosse utilizado o método de ensino da língua materna, poderíamos esperar resultados muito além dos obtidos com os métodos atuais” (SUZUKI, 1994, p. 12).

Para Vygotsky (1988), a brincadeira desenvolve a criança socialmente e traz vantagens cognitivas e sensitivas. Por meio do jogo, a criança tem a possibilidade de exercitar o simbolismo. A brincadeira também possui as características de imitação, imaginação e regra. Além disso, Vygotsky assevera que o brincar desenvolve a autonomia da turma e que o professor tem um papel de mediador, ampliando o repertório cultural das crianças.

No ato de brincar está o pensamento, o movimento, a verbalização, aos quais são incorporados valores morais e culturais, trabalha-se autoestima, autoconhecimento, cooperação, criatividade, imaginação. Por isso, desenvolve a criança integralmente.

No brincar, ocorre um processo de troca, partilha, confronto e negociação, gerando momentos de desequilíbrio e equilíbrio, e propiciando novas conquistas individuais e coletivas. Constatamos, então, que a ação de brincar é fonte de prazer e ao mesmo tempo, de conhecimento. (BERTOLDO; RUSCHEL, 2000, p. 8).

O brincar pode ser utilizado em todas as matérias, tornando o aprendizado mais divertido.

Na aula de música o brincar é uma parte fundamental, uma vez que a música permite que a criança vivencie sons e ritmos. Nesse sentido, “Musicalizar brincando é um processo que completa o desenvolvimento da criança, que vai de

encontro aos seus interesses e proporciona benefícios que ela própria não consegue avaliar, mas sentir” (BIAGIONI et al., 1998, p. 26).

As brincadeiras cantadas promovem a consciência corporal e melhoram as relações interpessoais. Também ajudam no processo de alfabetização, na medida em que as crianças identificam, na canção, as rimas.

A ludicidade nas aulas de música tornam o aprendizado mais divertido, e só dependem de um professor bem preparado, que tenha experienciado na prática muitas vivências e estratégias didáticas inovadoras, interferindo de forma positiva no ambiente escolar.

3 AS TIC E A EDUCAÇÃO MUSICAL NA INFÂNCIA

3.1 Tecnologias de Informação e Comunicação na educação

A tecnologia, atualmente, é algo que está inserido na rotina diária das crianças. A internet, o telefone celular e outros equipamentos tecnológicos fazem parte do dia a dia familiar e transformam comportamentos, relações familiares e amizades. Então, por que não fazer uso desta tecnologia em sala de aula?

As diversas tecnologias – entre elas a Internet com seus infinitos recursos – oferecem meios para que a colaboração e as aprendizagens decorrentes delas ultrapassem os limites da sala de aula, que alunos participem de redes de aprendizagem com outros alunos de sua escola, de outras escolas de seu bairro, de sua cidade, do mundo, e possam participar de transformações que vivem para a construção de um mundo melhor e mais justo. (VOSGERAU, 2011, p. 37).

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) compreendem todas as tecnologias que medeiam ou interferem no processo de ensino-aprendizagem, na indústria, comércio e nos investimentos.

Utilizar TIC como uma ferramenta de ensino de qualidade em sala de aula é uma inovação nas práticas de ensino e pode tornar as escolas mais atraentes para a nova geração.

As TIC devem ser um instrumento de construção do conhecimento, podendo evoluir e revolucionar a educação.

Nesse contexto de grandes números, enormes distâncias e gigantescos desafios, parece indiscutível a potencial contribuição das tecnologias de informação e comunicação (TIC) para as escolas públicas: democratizar o acesso para alunos e professores tanto a ferramentas quanto a conteúdos educacionais de qualidade; inovar na linguagem e nas práticas de ensino, tornando a escola mais atraente à nova geração e mais relevante na sua formação; proporcionar a conectividade entre alunos, professores, escolas, redes de ensino e outras instituições, ampliando horizontes de aprendizagem e viabilizando a produção coletiva de conhecimento; introduzir novas práticas de gestão e avaliação dos processos escolares. Esses são apenas alguns dos benefícios possibilitados pela adoção das TIC na educação. (LIMA, 2011, p. 27).

Então, ser educador, hoje em dia, não é mais como antigamente. Não é apenas ler e explicar a matéria e não exige apenas conhecimento em uma área específica. É necessário construir o conhecimento, estimular os alunos a pensar, desenvolver e construir habilidades.

De acordo com Canavarro e Ponte (2005, p. 6), “Este papel de mediadores pode ser entendido de uma forma essencialmente passiva, segundo a qual os professores funcionam como meios para pôr em ação os fins de outrem [...]”.

Nesse contexto, o professor deixa de ser um transmissor de conhecimento e passa a ser um facilitador de condições que potencializem a aprendizagem.

Para que isso aconteça, toda a escola deve ter consciência da importância da utilização das TIC em sala de aula como uma ferramenta de ensino.

Os professores, por sua vez, devem estar seguros e aptos para utilizar esta tecnologia de maneira eficaz em sala de aula. Para isso, é necessário planejar a aula a fim de utilizar as TIC como uma estratégia de ensino e não como diversão.

É importante, também, que o professor saiba utilizar explorar bem esses recursos tecnológicos, pois a grande maioria dos professores não pertencia à era digital.

Adicionalmente, dois terços dos professores reconhecem que os alunos dominam melhor do que eles as tecnologias de comunicação e informação – e um terço deles chega a expressar desconfiança e preocupações com a sobrecarga de informação que afeta os alunos no contato com as TIC. (LIMA, 2011, p. 30).

Uma forma de suprir esta deficiência é a capacitação dos docentes por meio de cursos de formação continuada.

3.2 As TIC e o desenvolvimento da criança

Em sala de aula, o modelo tradicional de ensino é aquele em que apenas a professora fala, reproduzindo seus conhecimentos e os alunos memorizam o que foi dito por ela. Durante muito tempo, este era o modelo de ensino cuja melhor fonte de informações era o professor.

Com o surgimento de novas tecnologias, o aluno tem ao seu dispor muitas informações, e o professor deixa de ser o detentor do saber. Nessa perspectiva, o professor torna-se o mediador do conhecimento.

Baseada na educação construtivista de Paulo Freire (1970), a escola deve mudar seu estilo pedagógico para se adequar à nova realidade de ensino e, assim, possibilitar o contato dos alunos com as tecnologias como um recurso educativo, aproximando os conteúdos escolares do aluno.

De acordo com Ponte (2000, p. 75), “A escola, tal como a conhecemos hoje, terá inevitavelmente que mudar e será, com grande probabilidade, irreconhecível dentro de algumas décadas”.

Contudo, essa mudança será gradual, pois depende de uma mudança de visão educacional de todos os funcionários e de infraestrutura adequada.

“Mas, tal como a escola da sociedade moderna levou o seu tempo a afirmar-se a partir das instituições educativas do passado, também podemos esperar que as transformações que se avizinham envolverão várias gerações” (PONTE, 2000, p. 75).

Neste contexto de mudanças, o professor deve se preparar para saber lidar com a tecnologia, organizando suas aulas para que as TIC ajudem no processo de ensino-aprendizagem.

É necessário que a escola incorpore tecnologias em seu cotidiano, a fim de aprimorar nos alunos e professores habilidades para torná-los cidadãos conscientes. Nesse sentido, as TIC podem contribuir positivamente.

As TIC podem contribuir de modo decisivo para mudar a escola e o seu papel na sociedade. A escola pode passar a ser um lugar da exploração de culturas, de realização de projetos, de investigação e debate. O professor poderá ser um elemento determinante nestas actividades. (PONTE, 2000, p. 89).

O aluno está sempre pesquisando informações, mas o professor precisa ajudá-lo a filtrar e distinguir quais são as verdadeiramente relevantes, além de trabalhar com a contextualização destas.

O uso de tecnologia no ensino não deve se reduzir apenas à aplicação de técnicas por meio de máquinas ou aplicando teclas e digitando textos, embora possa limitar-se a isso, caso não haja reflexão sobre a finalidade da utilização de recursos tecnológicos nas atividades de ensino. (BETTEGA, 2010, p. 19).

Muitas disciplinas aderiram à utilização do computador em contexto escolar, mas, quais as contribuições das TIC no desenvolvimento da criança?

Assmann (2000, p. 9) acredita que as TIC:

[...] ampliam o potencial cognitivo do ser humano (seu cérebro/mente) e possibilitam mixagens cognitivas complexas e cooperativas. Uma quantidade imensa de insumos informativos está à disposição nas redes (entre as quais ainda sobressai a Internet). Um grande número de agentes cognitivos humanos pode interligar-se em um mesmo processo de

construção de conhecimentos. E os próprios sistemas integrantes artificiais se transformam em máquinas cooperativas, com as quais podemos estabelecer parcerias na pesquisa e no aviamento de experiências de aprendizagem. (ASSMANN, 2000, p. 9).

A contribuição das TIC é provocar as estruturas cognitivas dos indivíduos – adultos ou crianças –, gerando novas aprendizagens.

As funções cognitivas de um indivíduo compreendem: linguagem, atenção, memória, lógica, raciocínio, habilidades visuais e espaciais. As TIC são uma maneira diferente e estimulante de desenvolver essas funções.

A aprendizagem pode acontecer como aquisição de respostas, em que há desenvolvimento cognitivo e emocional. Neste modelo, o professor estimula e reforça a busca pelo conhecimento. E também é possível construir novos significados, em que o professor fornece pistas para o aluno construir os conhecimentos, usando a experiência para compreender o novo.

As TIC também podem ajudar na psicomotricidade, que é uma prática pedagógica que colabora no desenvolvimento global da criança no processo de ensino aprendizagem, como percepção, lateralidade, memória, coordenação, leitura e escrita e raciocínio lógico-matemático.

Fazer atividades no computador utilizando o mouse para cima e para baixo ou para direita e esquerda, apertar as teclas respectivas, pode ajudar na coordenação motora.

É possível, igualmente, utilizar as TIC para ajudar no processo de alfabetização, por meio de jogos com letras, formando palavras, ou até em atividades motoras que ajudarão a criança a estimular o traçado das letras no papel.

Jogos ou atividades que desenvolvem a audição podem ajudar na percepção auditiva das crianças, auxiliando até mesmo na observação das trocas de letras na alfabetização. Também podem conter regras que auxiliam na disciplina, colaboração e socialização, de maneira lúdica.

3.3 A educação musical e os objetos de aprendizagem na Educação Infantil

Tecnologias são instrumentos que auxiliam as pessoas a realizar algum tipo específico de tarefa, contribuindo para com o desenvolvimento e o aprendizado do indivíduo de forma dinâmica, atendendo às várias nuances da vida. As tecnologias vieram para ficar e para facilitar o trabalho humano em suas diversas atividades.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) são recursos tecnológicos que auxiliam em várias áreas da vida. São tecnologias que reúnem, distribuem e compartilham informações na pesquisa, no ensino e em muitas outras áreas. Na educação, são definidas por Sancho (1998, p. 17) como “ferramentas intelectuais, organizadoras e de instrumentos à disposição de ou criados pelos diferentes envolvidos no planejamento, na prática e avaliação do ensino”.

Na educação, a tecnologia é usada de uma maneira muito ampla. Pode ser por intermédio de televisão, aparelho de som, rádio, etc., ou também por meio de tecnologias mais recentes como internet, videoconferência, aulas em EaD (Educação a Distância), realidade virtual, objetos de aprendizagem, entre outros.

E um objeto de aprendizagem, o que é? Para que serve?

Um objeto de aprendizagem (OA), conforme o Comitê de Padronização das Tecnologias de Aprendizagem (LTSC), é “qualquer entidade digital ou não digital que pode ser utilizada, reutilizada ou referenciada durante o aprendizado apoiado pela tecnologia.” (IEEE, 2002, p.?).

Objeto de aprendizagem é qualquer material digital, como por exemplo, textos, animação, vídeos, imagens, aplicações, páginas web de forma isolada ou em combinação, com fins educacionais. (BEHAR et al., 2009, p. 67).

Objetos de aprendizagem são recursos que podem facilitar o processo de aprendizagem, pois devem ter um propósito educacional definido, que detenha a atenção e estimule a reflexão do estudante.

Segundo Nunes (2004, p. 38),

A vantagem dos objetos de aprendizagem é que, quando bem escolhidos, podem ajudar em cada uma dessas fases. Existem objetos de aprendizagem muito bons para motivar ou contextualizar um novo assunto a ser tratado, outros ótimos para visualizar conceitos complexos, alguns que induzem o aluno a certos pensamentos, outros ideais para uma aplicação inteligente do que estão aprendendo [...].

Gallota (2007, p. 22) complementa:

Os objetos de aprendizagem permitem a construção de contextos digitais para os conteúdos que serão explorados. Esses contextos fazem uso de uma série de ferramentas midiáticas, tais como música, desenhos, gráficos, simulações, jogos etc. A contextualização permite aos alunos traçar mais facilmente uma relação entre determinado conteúdo e suas aplicações práticas e enxergar a interdependência das várias disciplinas.

Os objetos de aprendizagem podem ser muito úteis para o cotidiano do professor, enriquecendo sua didática e, conseqüentemente, promovendo o aprendizado de forma íntegra.

E para o professor de música? É possível utilizar-se de objetos de aprendizagem para auxiliar nas aulas?

Os objetos de aprendizagem podem auxiliar o professor a trabalhar criação sonora, diferenciação de sons longos e curtos, agudos e graves, timbres, entre muitas outras coisas. Isto tudo é possível, utilizando o OA certo, de uma maneira efetiva.

É importante aproveitar a facilidade e interesse que as crianças têm pelas realidades virtuais e saber utilizá-las de uma maneira positiva em favor do ensino musical.

O impacto do avanço tecnológico (entendido como um processo social) sobre processos e instituições sociais (educação, comunicação, trabalho, lazer, relações pessoais e familiares, cultura, imaginário e identidades, etc.) tem sido muito forte embora percebido de modos diversos e estudado a partir de diferentes abordagens. (BELLONI, 2005, p. 7).

Os professores devem analisar de maneira crítica os meios que têm à disposição e que podem auxiliar no ensino de música nas escolas. E a educação convencional também pode ser melhorada por meio do uso de OA.

Na música, os objetos de aprendizagem poderiam ser utilizados para estimular as crianças a realizarem tarefas que se tornam mais interessantes e estimulantes para elas por meio da tecnologia. Seria uma maneira de transmitir um mesmo conteúdo de uma maneira mais divertida, com uma nova roupagem.

Um levantamento sobre softwares (protótipos), realizado entre 1989 e 2003, obteve os seguintes resultados:

- a) Sete softwares teórico-práticos individuais para adultos: dois para uso presencial sobre ensino de harmonia; cinco para Internet (dois de harmonia, um para ensino de flauta doce, um para percepção de intervalos e um editor de partituras);
- b) Sete softwares para uso por adultos, em atividades instrumentais individuais: dois para ensino e/ou execução pianístico, um para percussão, um para violão, um para afinação de instrumentos em geral, um para captação de sons e transcrição em forma de notação e um para percepção musical e acompanhamento automático;
- c) Um software para uso infantil (individual e colaborativo) em atividades educativo-musicais presenciais e a distância com foco em composição/arranjo musical;

- d) Duas pesquisas sobre informática em curso de licenciatura em música e curso técnico; e
- e) Uma proposta de método de ensino de programação musical e um para o ensino de música e tecnologia. (KRÜGER, 2006, p. 77).

Em busca de objetos de aprendizagem de 2003 até 2014, fizemos um levantamento no Banco Internacional de Objetos Educacionais (BIOE), em educação infantil, no campo de música. Localizamos sete objetos educacionais, sendo dois de animações/simulações e cinco de softwares educacionais.

Em animações/simulações, encontramos:

- a) Los Tamaños (MÁRQUEZ, 2006), um objeto educacional em espanhol que trabalha espaço e forma, para Educação Infantil e Educação Especial.
Ao explorar este objeto educacional percebemos que ele, na realidade, não trabalha o conteúdo musical. Apesar de estar no link música, é relacionado ao conteúdo de artes.
- b) Toca El Pianimbo (MILLAS, 1996), um objeto de aprendizagem em espanhol para aprender as notas musicais no piano.

Em softwares educacionais, encontramos:

- a) Actividades de música para educación infantil (ANTONI et al., 1997), software educacional em espanhol com atividades para identificar sons, características destes sons e ritmos.
- b) Actividades de música para primaria y ESO (ROYO, 1997), em espanhol, com atividades que trabalham com linguagem musical, formas musicais, instrumentos de orquestra e história da música.
- c) Actividades musicales (GARCÍA, 2006), em espanhol, contém atividades que trabalham linguagem musical, instrumentos, história da música e prática.
- d) El cuerpo humano – 1 (D'URGELL, 1997), em espanhol, com atividades sobre o corpo humano.
- e) El nombre de los números (FERNÁNDEZ, 1997), em espanhol, com atividades para trabalhar o nome dos números.

Frise-se que estes dois últimos softwares não são da área de música, apesar de estarem no link música.

Pesquisando na Rede Internacional Virtual de Educação (RIVED), na área de artes, encontramos três objetos de aprendizagem, a saber:

- a) Geometria (FARIA et al., 2007) que trabalha as formas geométricas e a identificação destas nas construções arquitetônicas.
- b) Cores (BRUM; LIRIO; VICTOR, 2006) que trabalha conceitos sobre cor-luz e cor pigmento.
- c) Zorelha (JESUS, 2008) que desenvolve a percepção musical, tais como: reconhecer o timbre dos instrumentos; noções de sobreposições de sons de instrumentos; identificar ritmos, instrumentos melódicos e harmônicos.

A RIVED possui link na área de artes, e não especificamente música. Analisando os objetos de aprendizagem acima citados, apenas o “Zorelha” pertence à área musical.

Como se pode notar, conseguimos encontrar poucos objetos de aprendizagem diretamente relacionados à área musical, e ainda a maioria deles está em língua espanhola. Continuamos a busca de outros objetos de aprendizagem em língua portuguesa que também trabalhassem conceitos musicais e, com base em informações contidas em artigos na área, tivemos conhecimento dos objetos “Gen Virtual”, disponível no site <<http://www.lsi.usp.br/nate/projetos/genvirtual>> e “Práticas criativas na web 2.0”, disponível no site <http://www.nuted.ufrgs.br/objetos_de_aprendizagem/2009/criativas/>.

Mas será que os professores conhecem objetos de aprendizagem que possam auxiliá-los no ensino de música na sala de aula?

Pensando nisso, selecionamos três objetos de aprendizagem que serão muito úteis no ensino de música na escola e podem ser encontrados gratuitamente.

O “Zorelha” é um objeto de aprendizagem que auxilia na percepção musical na Educação Infantil. Ele permite que as crianças realizem experimentos sonoros utilizando o computador como ferramenta para a descoberta e construção de seus conhecimentos musicais.

O principal objetivo do Zorelha é possibilitar a construção dos conhecimentos musicais através do desenvolvimento da percepção auditiva das crianças, permitindo que elas mesmas investiguem e descubram as muitas possibilidades do fazer musical. (JESUS, 2008, p. 3).

No “Práticas criativas na web 2.0”, o computador é usado como uma ferramenta para aprender por meio de um ciclo de imaginar, criar, brincar, compartilhar e refletir.

Tais recursos podem ser utilizados valendo-se das trocas entre as crianças na interação com a máquina e com os outros colegas. Logo, poderão utilizar o computador como um prolongamento de seus modos de pensar, tornando a aprendizagem um processo de descoberta através da ação humana sobre a máquina, na qual a conexão à rede mundial possibilita a interação com outros sujeitos. (AMARAL et al., 2009, p. 1).

O “Gen Virtual” é um software musical com a tecnologia da Realidade Aumentada, que foi criada com o intuito de auxiliar pacientes com paralisia cerebral, limitação física e funcional, pois ajuda a desenvolver a parte motora. Mas ele também pode ser utilizado como uma ferramenta da aula de música na Educação Infantil, trabalhando timbre de instrumentos de corda, sopro e percussão, composição musical, improvisação musical e imitação musical, possibilitando que a criança tenha a sensação de estar tocando o instrumento ao qual, muitas vezes, as escolas não têm acesso.

3.4 A formação do professor para atuação com as TIC e a educação musical na infância

Ser educador é auxiliar o aluno na busca do autoconhecimento, é dar bases necessárias para a criança construir sua identidade, expandir e sistematizar seus conhecimentos prévios.

O educador é o responsável por estimular o prazer de compreender, descobrir, construir o conhecimento, curiosidade, autonomia e atenção no aluno. É preciso ensinar a pensar; a pensar a realidade e não apenas o “já dito” o “já feito”, e só reproduzir o conhecimento. (SILVEIRA, 2009, p. 1).

Ser um educador infantil é uma grande responsabilidade porque é ele que ajuda a criança a construir conhecimentos significativos no modo de perceber a vida.

Mas será que o professor/educador está preparado para dar boas aulas? Consegue levar a criança a se interessar pelo assunto a ser estudado em aula?

Para uma melhor qualidade da educação, é necessária uma boa formação e capacitação do professor. Sendo assim, o que é e qual é a importância da formação continuada para uma educação de qualidade?

“A formação do professor é reconhecidamente um dos fatores mais importantes para a promoção de padrões de qualidade adequados na educação, qualquer que seja o grau ou modalidade” (BARRETO, 1994, p. 11).

Formação continuada é composta pelos cursos de aprimoramento que o professor faz para se especializar cada vez mais, buscando melhorar a prática docente.

A formação continuada dos professores visa:

[...] a necessidade de contínuo aprimoramento profissional e de reflexões críticas sobre a própria prática pedagógica, pois a efetiva melhoria do processo ensino-aprendizagem só acontece pela ação do professor; a necessidade de se superar o distanciamento entre contribuições da pesquisa educacional e a sua utilização para a melhoria da sala de aula, implicando que o professor seja também pesquisador de sua própria prática; em geral, os professores têm uma visão simplista da atividade docente, ao conceberem que para ensinar basta conhecer o conteúdo e utilizar algumas técnicas pedagógicas. (SCHNETZLER; ROSA, 2003, p. 27).

Sabendo que serão os professores de arte ou os professores regulares – professores efetivados das matérias curriculares –, que, normalmente, irão ministrar as aulas de música nas escolas, é possível que eles estejam preparados?

É necessário repensar a formação deste professor, especialmente na área musical, possibilitando, assim, a aquisição de um conhecimento capaz de contribuir efetivamente na formação de crianças mais críticas e criativas que, no futuro, poderão transformar a sociedade positivamente.

O educador que está sempre em busca de uma formação contínua, bem como a evolução de suas competências, tende a ampliar o seu campo de trabalho. A educação continuada tem o objetivo de contribuir para a melhoria da formação dos professores.

A formação continuada apresenta-se como fator relevante para uma atuação repleta de significação, possibilitando ao educador maior

aprofundamento dos conhecimentos profissionais, adequando sua formação às exigências do ato de ensinar, levando-os a reestruturar e aprofundar conhecimentos adquiridos na formação inicial. O professor que participa de atividades de formação continuada pode refletir sobre suas práticas e trabalho diário. (LIMA et al., 2011, p. 1).

A implantação das aulas de música nas escolas requer uma formação continuada que auxilie os educadores. Se os professores que adotarem esta matéria estiverem mal preparados, a música em nada contribuirá no crescimento e desenvolvimento da criança e a aula será em vão.

Qual seria, então, o conteúdo ideal para um curso de formação continuada em educação musical?

Como a finalidade da aula de música não é ensinar os sinais e símbolos musicais, o curso deveria focar no objetivo de promover a música nas escolas, abordando aspectos como: o que ensinar; qual o repertório musical que mais se adequa a cada idade; o que deve ser desenvolvido na criança por meio da música; como trabalhar com instrumentos de percussão; utilização de sucata na fabricação de instrumentos; entre outros.

O objetivo principal da aula de educação musical infantil é fazer a criança ter prazer de ouvir e fazer música. E o professor tem que ter conhecimento de que, independente de qual atividade musical for dada em sala de aula, ela deve despertar no aluno a vontade de ouvir e fazer música de qualidade.

Mas, afinal, o que é música de qualidade? A música de qualidade para uma criança é apenas música infantil? A música de qualidade é composta de uma harmonia bem produzida e elaborada que aguça os ouvidos dos discentes: pode ser só instrumental ou cantada, mas deve ter uma harmonia, uma melodia na tessitura para que a criança consiga cantar e uma boa letra.

Por meio desta música de qualidade, o que é ensinado à criança, além de desenvolver o gosto por ouvir e fazer música?

De modo lúdico, ensina-se sons graves e agudos, sons longos e curtos, sons lentos e rápidos e timbres diferentes. Pode-se ensinar sobre a orquestra e seus naipes (cordas, madeiras, metais e percussão) e quais instrumentos pertencem a cada grupo. É possível trabalhar marcação de tempo com instrumentos de percussão. Também é válido conversar com os professores de outras matérias e saber o que as crianças estão estudando em sala de aula e formular a aula de música com base no tema em questão (interdisciplinaridade).

O ensino baseado na interdisciplinaridade proporciona uma aprendizagem muito mais estruturada e rica, pois os conceitos estão organizados em torno de unidades mais globais, de estruturas conceituais e metodológicas compartilhadas por várias disciplinas. (GIRARDELLI, 2007, p. 1).

É provável, também, que sejam ensinadas às crianças músicas específicas para serem apresentadas em datas comemorativas, como Páscoa, Dia dos Pais e das Mães, Natal, entre outras. Neste caso, é muito importante lembrar que as músicas devem estar numa tonalidade boa, em que as crianças consigam cantar sem forçar a voz. “Só depois da mudança da voz, na altura da puberdade, o timbre infantil e as características pueris desaparecem para dar lugar à voz do adulto” (GIGA, 2004, p. 70).

Outro problema a que o professor deve se atentar consiste na dificuldade da criança em cantar reproduzindo o que ela ouve, é o chamado “monotonismo”, no qual a criança emite sempre um mesmo som: “Trata-se de um problema que afeta milhares e milhares de crianças. Se não for tratado na primeira infância, perdurará para toda a vida privando a pessoa do prazer de cantar” (GIGA, 2004, p. 71). Por esta razão, é importante o estímulo musical o quanto antes, a fim de evitar e/ou amenizar esse problema.

Para a criança cantar bem, de maneira clara e afinada, o professor também precisa cantar desta maneira, porque a criança imita o professor.

Para começar o trabalho vocal com as crianças, a imitação constitui o fator principal. Assim, o professor deve empregar todos os esforços para ser um bom modelo. Este supõe, necessariamente, uma voz afinada, clara, isenta de trémulo ou portamento. Para isso, deve praticar com regularidade os mesmos vocalizos propostos e que servem para preparar a voz das crianças. (GIGA, 2004, p.74).

E, de que maneira o professor responsável pelo ensino de música poderá aprender estratégias para ajudá-lo no ensino destas aulas? Qual o tipo de formação que auxiliaria o professor neste quesito?

Mas, mesmo com formação musical, o professor pode ter dificuldades para ensinar música em sala de aula.

[...] a formação do futuro profissional em música, nos cursos de Licenciatura, não condiz com a realidade que ele vai encontrar nas escolas e que, por isso, é preciso mudar e inovar. Há indícios já suficientemente

seguros de que a Universidade está preparando de uma forma diferente do que se precisa lá fora. (SOUZA, 1997, p. 9).

Desta maneira, tanto um professor formado especificamente na área de música como outro que esteja lecionando esta matéria na sala de aula devem estar conscientes de que é necessário – enquanto educador – estar sempre aprendendo mais, se aperfeiçoando, para garantir que a sua aula seja eficiente. Este aperfeiçoamento pode ocorrer, por exemplo, por meio de cursos de capacitação específica, presenciais ou *online*; pelo acesso a programas de computador que utilizem música de maneira lúdica; por intermédio da leitura de referencial teórico específico da área; pela elaboração de brinquedos que desenvolvam a música; entre outros.

4 OBJETOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

4.1 Objetivos geral e específicos

O objetivo geral da pesquisa é compreender a percepção dos docentes sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação como ferramenta auxiliar no processo de ensino aprendizagem da educação musical infantil.

Os objetivos específicos são:

- Identificar as metodologias mais utilizadas no ensino musical da Educação Infantil.
- Constatar se os docentes conhecem e utilizam objetos educacionais disponíveis em rede virtual.

4.2 Natureza da pesquisa

Para esta pesquisa, adotamos a abordagem qualitativa. Segundo Minayo (1993, p. 21-22):

[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Escolhemos esta abordagem porque a pesquisa deste caráter busca compreender o fenômeno social, considerando o sujeito, sua subjetividade e o contexto.

[...] pesquisa de caráter qualitativa por buscar dados nas experiências e vivências dos agentes pesquisados, por meio de um contato direto e interativo, atento, porém, aos cuidados que se deve ter na compreensão dessas experiências e vivências e no tipo de relação que se estabelece entre o pesquisado e o pesquisador. (ARAUJO, 2006, p. 135).

Desta maneira, a pesquisa permitiu compreender e interpretar dados e ações dos professores pesquisados, em seu ambiente natural. Foi possível, também, imputar significados a estes dados.

4.3 Contexto e sujeitos de investigação

Para a realização desta pesquisa, foi escolhida, como campo de pesquisa, uma escola municipal. Assim, fazendo a pesquisa numa escola pública, teríamos uma melhor noção da realidade das aulas de música nas escolas do país.

A instituição de ensino que acolheu esta pesquisa foi a EMEIF Profa. Aparecida Marques Vaccaro, de Ensino Infantil e Fundamental (Séries Iniciais), localizada no município de Álvares Machado (SP).

De acordo com o histórico da Divisão de Educação, Cultura, Esporte e Lazer (DECEL) de Álvares Machado, a escola foi fundada no dia 7 de fevereiro de 1975, na gestão do Prefeito José Antonio Fernandes Suniga, e passou a funcionar na Rua Fernando Costa, 314, como Escola de 2º Grau Municipal de Álvares Machado, com habilidades profissionais de Técnico em Contabilidade e Técnico em Secretariado contando com sete educadores.

Em 18 de dezembro de 1975, foi autorizado o funcionamento do Curso Supletivo de 1º Grau na modalidade de suplência. E na data de 14 de fevereiro de 1977, a escola passou a funcionar no prédio da Igreja Metodista, situado na Rua Monsenhor Nakamura, s/n.

Na gestão do prefeito Arthur Boígues Filho, em 1981, foi construído o prédio próprio com seis salas de aula, diretoria, secretaria, sala do professor, biblioteca, laboratório, cozinha e pátio. E, aos 22 de maio de 1981, iniciaram-se as atividades escolares no novo prédio. O quadro docente era então composto por 14 professores. No quadro administrativo, contavam com uma coordenadora pedagógica, um secretário, duas inspetoras de alunos e um servente.

Durante sua trajetória, a escola recebeu várias denominações: Escola de 2º Grau Municipal de Álvares Machado (1975), Escola de 2º Grau e Supletivo de 1º Grau Municipal de Álvares Machado (1983), Pré-Escola Rui Barbosa (1987), Pré-Escola Municipal de Álvares Machado (1996) e, desde 2003 até hoje, EMEIF Profa. Aparecida Marques Vaccaro.

Atualmente, a escola conta com 12 salas de aula, com um total de 378 alunos, funcionando nos períodos matutino e vespertino. Atende crianças do Ensino Infantil, com quatro salas de Educação Infantil I, para crianças na faixa etária de 4 e 5 anos, 4 salas de Educação Infantil II, para crianças de 5 e 6 anos, e 12 salas do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano, com crianças na faixa etária de 6 a 12 anos).

O corpo administrativo é formado por: uma diretora, uma coordenadora, quatro serventes, três inspetores de alunos e uma escriturária. O corpo docente é composto por 26 professores efetivos e dois não efetivos (auxiliares).

Além da sala de aula, a instituição conta com: 1 sala de diretoria, 1 sala de professores, 1 laboratório de informática com 15 computadores, 1 cozinha, 1 biblioteca, parque infantil, 1 banheiro feminino e 1 masculino dentro do prédio para professores, sendo o masculino também para deficientes, 1 banheiro feminino, 1 masculino e 1 banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida do lado de fora do prédio, 1 sala da secretaria, 1 despensa, 1 almoxarifado e 1 pátio coberto. Possui como equipamentos: TV, videocassete, DVD, copiadora, retroprojetor, impressora, aparelho de som e câmera fotográfica/filmadora.

Essa instituição promove diversos projetos, entre os quais destacamos: Cidade Limpa, Família na Escola, Combate ao Abuso e Violência Sexual contra Criança e Adolescente, Nutrição e Saúde, Índio, Saúde da Boca, Dia das Mães, Festa Junina, Semana do Trânsito, Tempo de Leitura, Dia dos Pais, Teatro de Fantoques, Civismo e Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (Proerd).

Os alunos são bastante heterogêneos, descendentes de várias raças e considerados carentes econômica e socialmente.

As famílias, na sua maioria, residem na zona urbana e uma minoria na zona rural. A maior concentração de alunos da zona urbana mora dos bairros do Jardim Raio do Sol, Vila Nossa Senhora da Paz, Jardim São José; e os da zona rural advêm das seguintes regiões: Córrego do Macaco, Córrego Álvares Machado, Bairro São Geraldo, Bairro Reservado, Km 4, Bairro Brejão, Bairro Limoeiro, Bairro Floresta, Bairro Guaiçara, Jardim São Francisco, Chácara Arthur Boígues, Bairro Ouro Verde e 5ª Escola.

A prefeitura disponibiliza ônibus gratuito apenas para as crianças dos Bairros Nossa Senhora da Paz, São José e zona rural. Os outros chegam na escola sozinhos, com irmãos, amigos, pais, ou são trazidos por carros particulares, lotação de transporte particular, ou a pé.

O grau de escolaridade dessas famílias é bastante variado, desde analfabetos até com curso superior completo. Em sua maioria, consideram o estudo importante, contudo, não participam ativamente da vida escolar de seus filhos.

As profissões dos pais também são diversificadas. Em geral, motorista, caminhoneiro, pedreiro, pintor, lavrador, funcionário público, comerciante,

escriturário e alguns desempregados. As mães, na maioria, são: do lar, serviços gerais, professora, auxiliar de enfermagem, manicure, funcionária pública, comerciante, balconista.

Quanto à situação financeira, a maior parte das famílias vive de salário mínimo e possui assistência médica do SUS.

Os sujeitos da pesquisa compõem-se de cinco professores da escola, que trabalham com o ensino infantil. Cabe ressaltar que este número de participantes foi determinado em razão da facilidade de manusear os objetos de aprendizagem com todos reunidos numa sala pequena da própria escola, no período de ATPC.

Para selecionar os professores participantes, apresentamos, primeiramente, os objetivos da pesquisa, durante um dos momentos de ATPC e, em seguida, perguntamos aos docentes quais deles gostariam de fazer parte deste estudo.

4.4 Fases de desenvolvimento da pesquisa

A pesquisa de campo foi realizada por meio das técnicas do questionário (Apêndice B), da entrevista (Apêndice C e D) e da observação durante uma oficina pedagógica. Foram sujeitos da pesquisa cinco professores de educação infantil de uma escola pública da cidade de Álvares Machado (SP). Os critérios de escolha para os sujeitos da pesquisa foram:

- Ser professor da educação infantil que aborde o ensino de música;
- Estar disposto a participar da pesquisa.

Por se tratar de uma pesquisa que utiliza dados obtidos por seres humanos, foi cadastrada na Plataforma Brasil e no Comitê de Ética. Os sujeitos, ao aceitarem a pesquisa, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (vide Apêndice A), concordando participar deste estudo que foi elaborado em quatro etapas.

Na primeira etapa, procedemos a coleta de dados por meio de questionário de perfil social (Apêndice B) e informações sobre a formação inicial, atuação profissional e formação continuada dos professores pesquisados.

Em um segundo momento, realizamos uma entrevista individual com os professores seguindo um roteiro semiestruturado (Apêndice C) sobre o uso das TIC na educação musical infantil.

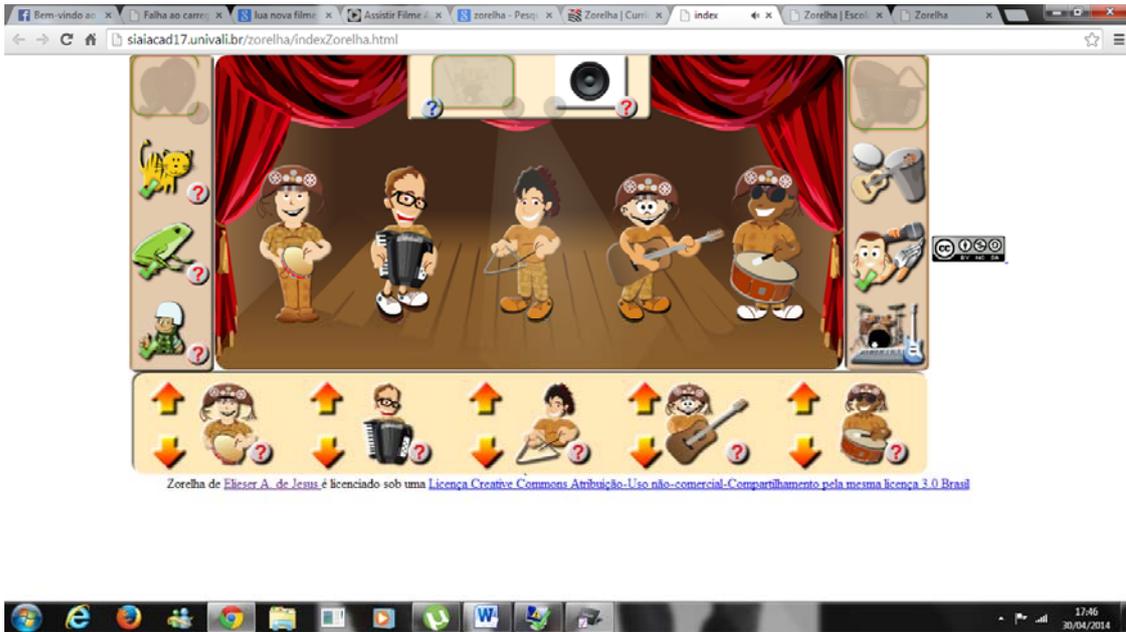
Na terceira etapa, promovemos uma oficina de 30 horas no horário da Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC) dos docentes. Esta oficina aconteceu na própria escola onde os professores lecionam. Inicialmente, apresentamos aos sujeitos da pesquisa três objetos de aprendizagem – “Zorelha”, “Práticas criativas na web 2.0” e “Gen Virtual” –, os quais foram manuseados pelo grupo.

Objeto 1: Zorelha

O “Zorelha” é um objeto de aprendizagem que serve como ferramenta para auxiliar na percepção musical na Educação Infantil. Desse modo, as crianças podem explorar os sons musicais utilizando o computador como ferramenta.

Este OA permite ouvir o som de cada instrumento (pandeiro, acordeom, triângulo, violão, tambor, flauta transversal, baixo, guitarra, bateria, teclado, agogô, entre outros) ou som corporal (mãos na barriga, mãos na bochecha, voz, estalo de dedos, assobio, palmas, entre outros) e ainda oferece a possibilidade de tocar, ao clicar no ícone do instrumento.

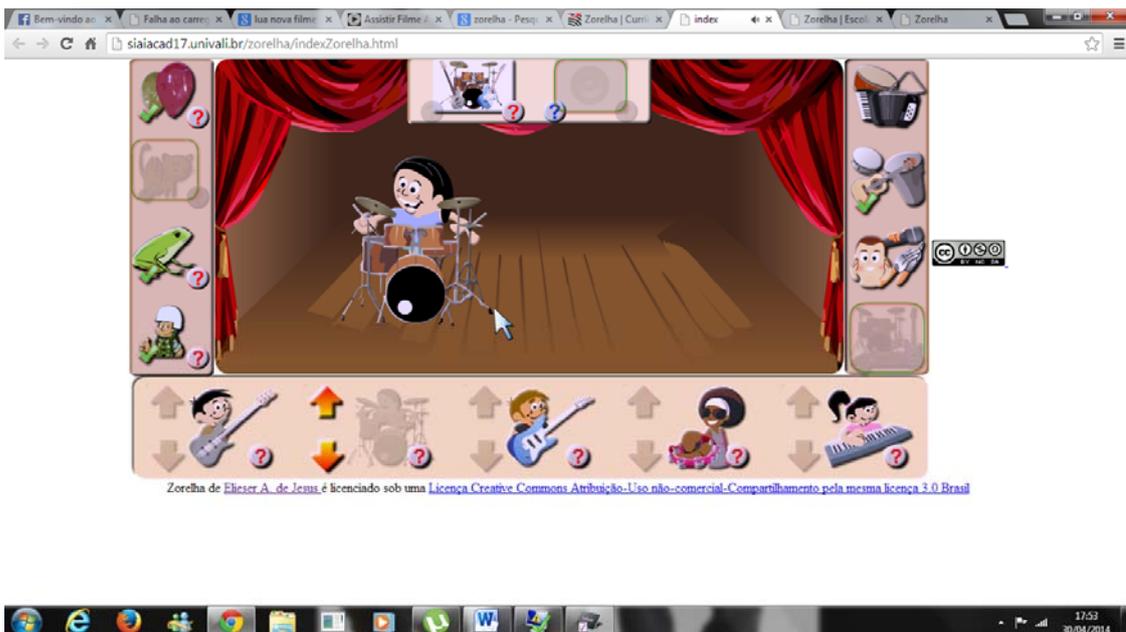
FIGURA 1 - Banda do Zorelha



Fonte: BRASIL (2015).

Há também uma atividade na qual a criança ouve o som do instrumento com o palco vazio e lhe é pedido para achar qual instrumento está tocando e clicar no ícone que o representa. Quando é indicado o instrumento certo indicado, ele aparece no palco.

FIGURA 2 - Acrescentando instrumentos à banda do Zorelha



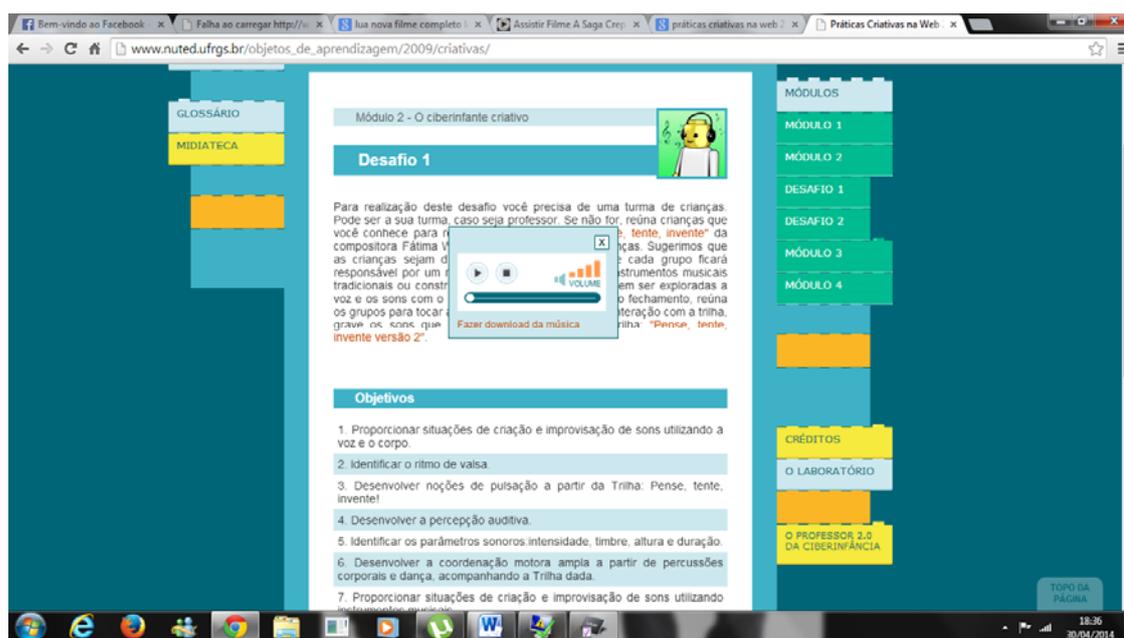
Fonte: BRASIL (2015).

Objeto 2: Práticas criativas na web 2.0

Neste objeto de aprendizagem, o computador é usado como uma ferramenta para promover a improvisação musical com criatividade.

As práticas são divididas em quatro módulos, cada um contendo desafios. O primeiro módulo trabalha definições de criatividade. O segundo módulo aborda o ciberinfante criativo e possui dois desafios. No desafio 1, a proposta é ouvir a música “Pense, tente, invente” e depois criar a versão das crianças, utilizando instrumentos ou sons do corpo e, depois, ainda é possível gravá-la. Este módulo mostra, também, os objetivos da atividade e traz sugestões de outras atividades que podem ser realizadas com as crianças antes da aplicação desta.

FIGURA 3 - Desafio de improvisação



Fonte: NÚCLEO DE TECNOLOGIA DIGITAL APLICADA À EDUCAÇÃO (2015).

O módulo 3 apresenta os espaços criativos na web 2.0 e discorre sobre a interação das crianças e a máquina. E o módulo 4 trata do planejamento de forma criativa.

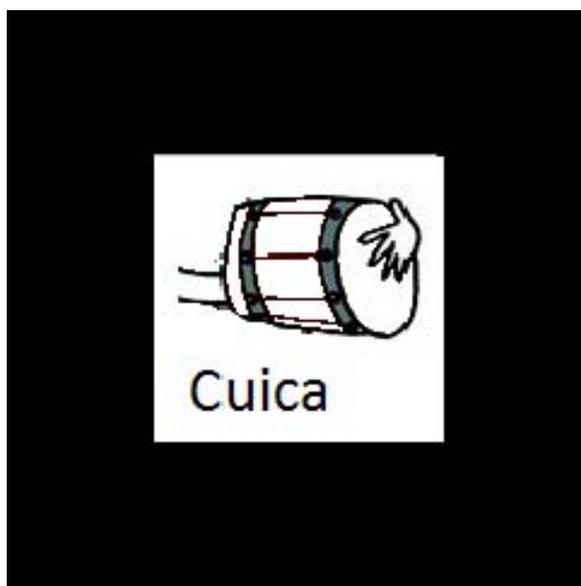
Há também uma midiateca com leituras complementares para cada módulo, material de apoio e glossário.

Objeto 3: Gen Virtual

O “Gen Virtual” é um software musical com a tecnologia da Realidade Aumentada que foi criada como ferramenta para reabilitação de pessoas com deficiência. Ele pode ser utilizado também nas aulas de música da Educação Infantil para trabalhar timbre, composição, imitação e improvisação.

Este OA apresenta cartões com as imagens dos instrumentos de sopro (flauta), cordas (violino, guitarra e piano) e percussão (repinique, cuíca, surdo, caixa, prato) e também cartas com as notas musicais para serem impressas. Escolhe-se a carta de um determinado instrumento e coloca-se a mão em cima das cartas de notas musicais, formando uma melodia com o timbre do instrumento selecionado. A câmera capta as imagens e o computador executa as notas no som do instrumento selecionado.

FIGURA 4 - Figura da cuíca



Fonte: Ana Grasielle (2015).

É diferente de um teclado porque as cartas são móveis. Pode-se colocá-las mais longe ou mais perto umas das outras, alinhadas ou desalinhadas ou até mesmo só utilizar as notas que desejar. Há também um jogo de memória sonoro.

Durante o manuseio dos objetos de aprendizagem acima descritos, realizamos observações considerando: as possíveis dificuldades dos docentes no uso da tecnologia; as comunicações realizadas pelos docentes durante o uso dos

OA; e as relações apontadas pelos docentes sobre os OA e sua prática no ensino de música.

Em uma última etapa, realizamos nova entrevista, segundo roteiro semiestruturado (Apêndice D) a fim de identificar as mudanças nos docentes depois de conhecerem objetos de aprendizagem.

Com base nas respostas do questionário, das entrevistas e da observação, procedemos à análise dos dados e informações coletados, criando categorias.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 Questionário sobre perfil

Com base neste questionário (Apêndice B), mapeamos o perfil dos sujeitos pesquisados, que totalizaram cinco professores de educação infantil de uma escola municipal.

I. Informações pessoais

O Quadro 1 apresenta as informações acerca dos sujeitos pesquisados.

QUADRO 1 - Informações pessoais

Sujeitos	Sexo	Idade
M. A.	Feminino	40 a 49 anos
M. C.	Feminino	40 a 49 anos
R.	Feminino	30 a 39 anos
M. R.	Feminino	40 a 49 anos
O.	Feminino	55 anos ou mais

Fonte: Dados colhidos pela pesquisadora.

Os dados do Quadro 1 permitiram-nos identificar a idade aproximada de cada participante da pesquisa. Isto é importante porque, de maneira geral, os mais velhos não sabem aproveitar os benefícios da tecnologia, por não terem nascido numa era tecnológica. Eles aprendem a lidar com a tecnologia, mas com restrições.

Prensky compara a pessoa não nascida na era digital (imigrantes digitais) com os imigrantes aprendendo a nova língua, que não é a sua nativa.

O “sotaque do imigrante digital” pode ser visto em coisas como recorrer a Internet para buscar informação em segundo lugar, e não em um primeiro momento, ou em ler o manual de um programa ao invés de assumir que o próprio programa vai nos ensinar a usá-lo. As pessoas mais velhas se socializaram de uma forma diferente de seus filhos, e estão em processo de aprendizagem de uma nova língua. E uma língua aprendida mais tarde, os cientistas confirmam, vai para uma parte diferente do cérebro. (PRENSKY, 2001, p. 2).

Essa exclusão digital das pessoas mais velhas, que não nasceram na era tecnológica, quando se trata de um professor, pode levá-lo a deixar de utilizar a tecnologia a seu favor em sala de aula.

II. Formação acadêmica e formação profissional

O Quadro 2 revela as informações acerca da formação acadêmica e profissional.

QUADRO 2 - Formação acadêmica e formação profissional

	Nível de Escolaridade	De que forma o curso superior foi realizado	Participou de alguma atividade de formação continuada	Participou de cursos de formação continuada sobre educação musical infantil	No curso(s) de que participou, foram tratados assuntos sobre tecnologia de informação e comunicação como auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da música
M.A.	Especialização	Semipresencial	Sim	Não	Não
M.C.	Licenciatura	Presencial	Sim	Não	Não
R.	Especialização	Presencial	Sim	Não	Não
M.R.	Licenciatura	Presencial	Sim	Não	Não
O.	Magistério	Presencial	Sim	Não	Não

Fonte: Dados colhidos pela pesquisadora.

De acordo com o item “Nível de escolaridade”, dos cinco participantes, dois possuem licenciatura (40%), dois possuem especialização (40%) e apenas um possui magistério (20%).

Podemos concluir, então, que os sujeitos da pesquisa não estão em busca constante de formação, pois, de cinco, apenas dois têm especialização. É interessante mencionarmos, ainda, que três sujeitos estão na faixa de 40 a 49 anos, um de 30 a 39 anos e um de 55 anos ou mais.

Durante o questionário de perfil, um dos professores perguntou sobre o mestrado em Educação e comentou sobre a importância desse curso, demonstrando interesse em ingressar na pós-graduação, mas alegou não ter condições de fazê-lo em razão do alto custo.

Os fatores que mais dificultam o processo de formação continuada estão relacionados basicamente à política salarial, às políticas de contenção de

despesas, ao envolvimento em atividades administrativas e à atualização do acervo bibliográfico. Esses fatores impossibilitam tanto o afastamento para capacitação em nível de pós-graduação quanto para a formação continuada. (JACOBUCCI, 2006, p. 22).

De acordo com o Quadro 2, todos os sujeitos de pesquisa já participaram de alguma atividade de formação continuada. Cabe ressaltar, entretanto, que nenhum participou de alguma formação continuada em educação musical infantil e, em nenhum dos cursos de formação continuada de que participaram continha assunto referente às Tecnologias de Informação e Comunicação como auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da música. As duas especializações mencionadas pelos professores estavam voltadas para o ensino do texto, uma de teoria e prática na sala de aula e a outra em Educação Infantil. Diante do exposto, podemos perceber que as professoras que buscaram uma continuidade do ensino, procuraram se especializar na melhoria do ensino da alfabetização e não da matéria de música ou do uso de tecnologia em sala de aula.

III. Atividade profissional

O Quadro 3 apresenta a atividade profissional dos participantes da pesquisa.

QUADRO 3 - Atividade profissional

	Há quantos anos leciona	Ao todo, quantas horas leciona por semana
M. A.	15 a 20 anos	Mais de 40 horas-aula
M. C.	10 a 15 anos	30 a 40 horas-aula
R.	15 a 20 anos	Mais de 40 horas-aula
M. R.	Mais de 20 anos	20 a 30 horas-aula
O.	Mais de 20 anos	30 a 40 horas-aula

Fonte: Dados colhidos pela pesquisadora.

Os dados do Quadro 3 permitem-nos analisar o quanto a quantidade de carga horária semanal ou o tempo de serviço influenciam no conteúdo das aulas. É importante saber que as professoras que cumprem uma carga horária semanal mais intensa ou as que lecionam há mais tempo estão, geralmente, mais cansadas e, por esta razão, planejam suas aulas de maneira rápida. Caberia averiguar se, devido a um planejamento mais rápido, esses profissionais não pensam em

estratégias de ensino para tornar as aulas mais interessantes para os alunos ou se isto não influencia no planejamento e ensino.

Todos os professores entrevistados lecionam mais de 20 horas-aula por semana, o que pode afetar o seu comprometimento com a qualidade do ensino. Isso porque o trabalho não se restringe à sala de aula, há correções de provas e trabalhos, preparação das aulas, lançamento de aulas, faltas e notas. Se o professor trabalha em mais de uma instituição, o serviço aumenta ainda mais, dificultando a existência de tempo hábil para o planejamento das aulas, pensando em momentos criativos e lúdicos que possam auxiliar na aprendizagem.

5.2 Entrevista com os professores antes da oficina com os objetos educacionais

Com base nas questões respondidas pelos docentes (Quadro 4), elaboramos categorias para estabelecer uma comparação com a entrevista aplicada após a oficina com os três objetos educacionais.

QUADRO 4 - Primeira questão da entrevista

	Na sua escola existem recursos de tecnologia em ambiente computacional? São eficientes? O que está faltando?
M.A.	<i>Não, não tem. Não tem computador, só para o professor utilizar. Não tem para os alunos. Tá preparado já o laboratório, mas não está sendo disponibilizado. Não estamos utilizando.</i>
M.C.	<i>Tem, mas é difícil estar levando porque não funciona. Não funcionam, os computadores estão todos parados. Tem um, mas daí eles têm que sentar tudo no chão, numa salinha pequena, sendo que se fosse uma coisa maior daria para trabalhar bem, né!</i>
R.	<i>Tem, tem sim. Só que é o seguinte. Na verdade a gente tem o laboratório de computador só que não está atualmente acessível ao aluno. Mas, se a gente precisar, por exemplo, se eu precisar de alguma música, alguma coisa, a gente tem o recurso da secretaria, a sala da coordenação, que ela libera pra gente usar. Para melhorar, é o que a gente está pedindo faz tempo, é que libere o laboratório de informática pra gente tá podendo levar as crianças. Que segundo ela, ele não está conectado em rede, eu não sei qual é bem o problema, é um problema externo que está faltando pra começar a funcionar. Tem vários computadores, é uma judiação ficar aqui parado.</i>
M.R.	<i>Existe, mas a gente trabalha só com um e é de vez em quando que a gente leva as crianças. Mas precisaria de mais e também de uma pessoa pra ajudar, pra ensinar a mexer, a gente mexer melhor. Só a professora também não dá conta.</i>
O.	<i>Tem a sala de informática mas não pode ser utilizada. Então tem um computador só, na secretaria. Esse computador não é muito eficiente, é mais ou menos.</i>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Analisando as respostas apresentadas no Quadro 4, percebemos que a sala de informática não está disponível para os alunos utilizarem. Existe apenas um computador conectado à internet disponível. Este computador disponível está na sala da diretora, um ambiente pequeno para levar as crianças.

Cabe observarmos que o comentário sobre a disponibilidade de apenas um computador na escola está diretamente relacionado à visão tanto das professoras como da diretora de que os demais computadores (sala de informática), apesar de estarem em funcionamento, são inúteis pelo simples fato de não permitirem acesso à internet.

No início da pesquisa, a diretora afirmou que havia uma sala de informática disponível e que a pesquisa poderia ser realizada nesse ambiente. Ao chegarmos à escola para a realização da pesquisa, percebemos que a realidade não era a afirmada pela diretora, já que, segundo os professores, a sala existe, mas não é utilizada.

A sala possui 15 computadores novos, mas os professores afirmam que, pelo fato de não haver internet, a diretora não permite o uso. Reiteramos, desse modo, que em virtude da falta de informação sobre as diversas maneiras de se utilizar um computador mesmo sem acesso à internet, a diretora conclui que os computadores não podem ser utilizados; assim, com medo de estragar os equipamentos, mantém a sala de computação trancada.

Salientamos que muitos dos objetos educacionais poderiam ser utilizados, mesmo sem acesso à internet, uma vez que podem ser instalados nos computadores por meio de software, CD, pen drive.

Podemos dizer que algumas escolas continuam na pré-história digital. O que é perigoso. Se ela continuar assim, terá problemas para conquistar a atenção dos alunos, pois toda a escola deve apresentar o computador para desmistificá-lo, mostrar o seu potencial e as suas limitações, ensinar os alunos a utilizá-lo e dominá-lo, isso são funções primordiais que nenhuma escola pode se desviar hoje. (CAETANO; MARQUES, 2002, p. 137).

QUADRO 5 - Segunda questão da entrevista

	Você tem usado a tecnologia em ambiente computacional para educação musical infantil? (se a resposta for sim, Como? Quais recursos utiliza? Se a resposta for não, por quê?)
M.A.	<i>A gente geralmente grava num pen drive, né. Mas não sei se chega nesse ponto que você está pensando... Não é bem um computador, só a gravação. Só o som, coisas assim. A gente não usa, porque eu desconheço programas que possam ser usados, mas também como na escola não tem computador disponível, para a gente trazer o particular, fica difícil, né? Porque tem todo aquele risco de quebrar, então a gente acaba não utilizando.</i>

(continua)

(conclusão)

	Você tem usado a tecnologia em ambiente computacional para educação musical infantil? (se a resposta for sim, Como? Quais recursos utiliza? Se a resposta for não, por quê?)
M.C.	<i>Não, porque como eu tinha falado, precisa do computador. Tem uma parte da apostila sobre música, mas teria que levá-los, abrir o portal, pra tá trabalhando, mas não dá porque é muito apertada a sala, com 23 alunos. Fica difícil assim, mas no portal tem umas coisas de música. As coisas que a gente utiliza são as que tã num CDzinho que vem junto com a apostila. Funciona, a gente canta, dança e dá pra trabalhar em cima da letra da música. Então, utilizamos mais aparelho de som e CD mesmo.</i>
R.	<i>Olha, educação musical infantil... a gente canta com eles. A gente usa muita música da Xuxa, Eliana, que têm musiquinhas com gestinhos, que eles gostam de brincar, pular, dançar, é o que a gente acaba usando. Senão os DVD's com vídeos. Computador não. Eu acho que não uso porque é mais inacessível, né? Eu tenho um computador, um notebook, mas aí tem a dificuldade da internet, que só fica na sala da diretora, a gente não consegue levar para o final do corredor. Então, por exemplo, Festa Junina, a gente vai lá em casa e pesquisa, acha música, grava e traz pra usar na sala.</i>
M.R.	<i>Ah! De vez em quando pra abrir o portal da apostila. Mas eu uso pouco. Eu não uso mais pela dificuldade em manusear o computador, do espaço porque eu tenho 27 crianças, é bastante. Tem que caber lá e tem um especial também. Apesar que ele anda, ele corre e tudo, mas tem que ter uma atenção especial.</i>
O.	<i>Não. Só o rádio. Porque é difícil, é um computador, fica lá naquela sala, como você traz uma sala de 25 alunos ali? Não tem nem condições.</i>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Por meio das respostas, percebemos que – embora os professores digam que não utilizam os computadores por não haver internet e porque o único computador que possui acesso à internet está instalado na diretoria, numa sala pequena, – elas não sabem como e o quê trabalhar com os alunos utilizando essa tecnologia, fato que podemos identificar nestas duas falas:

“A gente não usa, porque eu desconheço programas que possam ser usados [...]” (M.A.).

“Olha, educação musical infantil [...] a gente canta com eles” (R..)

Outra consideração importante que aflora dos depoimentos dos docentes diz respeito a concepção de que, para elas, trabalhar música nas aulas significa apenas cantar, fazer “gestinhos”. Desse modo, veem a música apenas como algo para alegrar, deixar as crianças mais calmas e trabalhar festas populares, como a festa junina. Isso é possível perceber nos seguintes relatos:

“As coisas que a gente utiliza são as que tão num CDzinho que vem junto com a apostila. Funciona, a gente canta, dança e dá pra trabalhar em cima da letra da música” (M.C.).

“Olha, educação musical infantil [...] a gente canta com eles. A gente usa muita música da Xuxa, Eliana, que tem musiquinhas com gestinhos, que eles gostam de brincar, pular, dançar, é que a gente acaba usando” (R.).

“Então, por exemplo, Festa Junina, a gente vai lá em casa e pesquisa, acha música, grava e traz pra usar em sala” (R.).

[...] a música ainda é vista como recurso para auxílio a outras disciplinas, ou como cantos de comandos e ainda como musiquetas para datas comemorativas, porém raramente é utilizado como linguagem de ensino musical. (ANDRAUS, 2008, p. 66).

As aulas de música não podem ser tratadas apenas como um momento de diversão, devem possuir um conteúdo que auxilie no desenvolvimento da criança.

“Porém, precisamos tomar cuidado para que as crianças não considerem as aulas de música somente como divertimento, descontração [...]” (OLIVEIRA, 2001, p. 100).

QUADRO 6 - Terceira questão da entrevista

	Você conhece objetos educacionais disponíveis nos ambientes virtuais? Se sim, quais você conhece?
M.A.	<i>Não, não, não conheço.</i>
M.C.	<i>Não, não conheço.</i>
R.	<i>Sim, o próprio site do positivo, ele tem. Mas não lembro nenhum. Tem lá na apostila.</i>
M.R.	<i>Não, nada.</i>
O.	<i>Não, não conheço, nunca entrei.</i>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os professores, de acordo com suas respostas, alegam desconhecer objetos educacionais disponíveis em ambientes virtuais, salvo R. que diz que no site da apostila possui. Esse comentário revela a falta de conhecimento dos educadores, tanto na área musical quanto na computacional.

Quando identificamos qual objeto educacional R. diz conhecer, percebemos que se tratava do portal da apostila, um material didático dividido em educação infantil, ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio e ENEM. Na parte específica de educação infantil, há atividades e brincadeiras com os

conteúdos. O portal é um site vinculado ao autor da apostila usada em sala, ao qual os professores e alunos podem ter acesso por meio de senha. Quando eles utilizam esse material, levam todos os alunos para a sala da diretora, onde o computador tem acesso à internet, ou trazem para a sala de aula o seu computador pessoal. Em razão da dificuldade para utilização do mesmo, quase não trabalham com este material do portal.

É interessante perceber, como mostra o Quadro 1, que R. é também a mais nova entre os entrevistados (de 30 a 39 anos) e também o único que afirma conhecer algum objeto educacional em ambiente virtual. Diante disso, apenas constatamos que as gerações mais novas possuem mais facilidade de utilizar a tecnologia na educação.

QUADRO 7 - Quarta questão da entrevista

	Você gostaria de ser mais capacitado para usar as TIC/objetos de aprendizagem na educação musical infantil? Por quê?
M.A.	<i>Ah, eu gostaria. Porque eu acho interessante. Eu não conheço, mas passando a conhecer a gente pode estar cobrando mais da direção, tudo. Até porque acaba ficando difícil você cobrar uma sala de computador funcionando, se você não vai usar. Então, se tivesse uma capacitação, eu faria sim.</i>
M.C.	<i>Ah, seria interessante porque ajuda bem a criança.</i>
R.	<i>Ah, seria interessante até. Porque a molecada gosta, por exemplo, teve uma vez que a professora de artes fez uma bandinha com chocalho, pandeirinho, essas coisas. Então, são coisas que eu acho que eles gostam. Também seria legal pra gente tá aprendendo mais e saindo mais com eles, porque a gente fica sempre por aqui, né!</i>
M.R.	<i>Eu gostaria de ser capacitada pra isso, para efetivar eles mais porque é sempre as mesmas musiquinhas, podia vir mais músicas diferentes e saber como trabalhar isso.</i>
O.	<i>Ah, sim, eu gostaria. Ah, porque é importante eles terem contato, terem um acesso.</i>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A fala de M.A. é muito interessante, pois revela que, a partir do momento que os professores conhecerem objetos de aprendizagem para o ensino de música, poderão cobrar mais da direção.

Essa fala mostra bem a insegurança dos professores. Essa insegurança se deve, também, por não terem nascido numa era tecnológica e, assim, terem medo de errar ou quebrar o computador.

Seria necessário, então, buscarem capacitação nesta área. Assim, entenderiam a importância da tecnologia na educação e poderiam mostrar a necessidade de sua utilização para a diretora.

Segundo Mercado (2002, p. 120), o professor, utilizando a tecnologia deve:

- Ser mais pesquisador do que transmissor – os nossos professores para sobreviver precisam trabalhar em várias escolas não lhes sobrando tempo para dedicar-se às pesquisas, os salários são poucos o que os impedem de adquirir instrumentos que facilitem o seu desenvolvimento profissional e pessoal;
- Perder o medo de usar a tecnologia e a vergonha de errar enquanto se aprende – o medo de ao usar quebrar a máquina foi a primeira grande dificuldade no início desta oficina, felizmente superado. Quanto a usar essa tecnologia em sua prática pedagógica são unânimes: “não estamos preparados” e a vergonha de errar está presente na maioria;
- Preparar o indivíduo para lidar com a incerteza, com a complexidade na tomada de decisões e ter responsabilidade sobre as decisões tomadas – nos parece que para isso o professor precisaria conhecer outras possibilidades de uso dessa tecnologia na educação e se tornar mais crítico;
- Abandonar a preocupação exclusivamente didática para criar uma nova ecologia cognitiva – a grande maioria trabalha em ambientes não suscetíveis a mudanças;
- Ter a prática cotidiana, a familiaridade e o prazer da intercomunicação – os nossos professores nem sempre estão preparados para promover debates sobre os conteúdos que trabalham;
- Ser mais reflexivo do que memorizador.

Eles não se acham no direito de cobrar a direção para ter acesso com as crianças à sala de informática porque não se veem aptos para ensinar as crianças por intermédio dos recursos tecnológicos. Isso porque, apesar desse professores terem participado de atividades de formação continuada, nenhum deles possui cursos de formação continuada sobre educação musical infantil ou sobre as TIC como auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da música, como demonstrou o Quadro 2. Eles não estão buscando conhecer o que a tecnologia tem para oferecer na melhoria de suas aulas.

QUADRO 8 - Quinta questão da entrevista

	Você encontra obstáculos no uso das TIC/objetos de aprendizagem na educação musical infantil? Quais? Como poderia superar possíveis obstáculos?
M.A.	<i>Ah, bastante porque, atualmente, na escola não tem disponível computadores para as crianças. Até no fim do ano passado tinha, mas esse ano não está funcionando. Seria superando os obstáculos, com essa capacitação, com a compra de materiais, no caso, computadores pra estar disponibilizando. Porque, o nosso material, a apostila, é muito rica, dá pra usar muita coisa, mas a gente não tem por onde.</i>
M.C.	<i>Só o computador que a gente não tem esse material pra gente trabalhar. Outro obstáculo, acho que não... seria bem aceito pelas crianças.</i>

(continua)

(conclusão)

	Você encontra obstáculos no uso das TIC/objetos de aprendizagem na educação musical infantil? Quais? Como poderia superar possíveis obstáculos?
R.	<i>Ah, o obstáculo é isso né?... que a gente não tem o acesso do computador. Não é a falta dele, eu não tenho acesso e não é por conta da escola, parece que é um problema externo com a prefeitura, que não vem aqui a internet.</i>
M.R.	<i>Tem, porque assim, só o rádio, só o rádio então eu fico assim sem mais nada. Tem o CD que eu uso então eu precisava de mais materiais.</i>
O.	<i>Ah, sei lá se é obstáculo! Nós temos apenas aquilo. Então, é mais fácil você pegar um rádio e levar pra sala de aula do que vir aqui. Tem que ficar de pé com eles. Talvez, eles utilizando o computador, se interessariam bem mais porque estariam vendo, presenciando.</i>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Por meio das respostas dos professores, observamos que 80% deles alegaram que o problema é a não utilização dos computadores; apenas um professor cita o problema com a internet. Mas todos os entrevistados acreditam que isso é um obstáculo. Eles não percebem que, mesmo sem a internet, os computadores poderiam ser usados para o ensino das crianças.

A fala de M.A. deixa bem claro que os docentes acreditam não haver computadores disponíveis, uma vez que há uma sala de informática disponível, faltando apenas conexão com a internet.

QUADRO 9 - Sexta questão da entrevista

	Você acha importante o uso de TIC/objetos de aprendizagem na educação musical infantil? Por quê?
M.A.	<i>Ah, com certeza! É importante, né. Porque eles gostam. A gente vê assim que se a gente traz alguma coisa diferente, já chama atenção, né. Eu trabalho também em Prudente. Lá tem o laboratório de informática e eu utilizo muito o Youtube para estar mostrando o que eu trabalho na sala de aula, que nem, por exemplo, o índio, eu acabei mostrando músicas, fizemos apresentações. Mas aqui não dá para fazer isso. Mas é a realidade de cada lugar, né? A gente não tem como bater muito de frente. Mas isso também é o máximo de tecnologia que eu uso lá na outra escola, porque eu não tenho muito conhecimento sobre o assunto.</i>
M.C.	<i>Eu acho que ia ser bem interessante porque elas gostam de coisas novas. Pra eles é festa. Com música, eles se soltam tudo, eles relaxam, dá uma paz neles até... Tira tudo o stress deles, eles soltam pra fora. Eles gostam muito da música. Com a música eles vão dançar também.</i>
R.	<i>Acredito que sim. Porque eles gostam muito de cantar, eu vejo que através da música a gente consegue muita coisa com eles. Eles aprendem muito com música.</i>
M.R.	<i>Eu acho, desenvolve bastante a criança. Principalmente as crianças que são especiais. Eles adoram música, quando coloca música pra eles, é uma festa. Nossa, a coordenação melhora mais, se soltam mais. Para mim, seria muito bom.</i>

(continua)

(conclusão)

	Você acha importante o uso de TIC/objetos de aprendizagem na educação musical infantil? Por quê?
O.	<i>Nossa, demais. Eu acho que haveria mais interesse deles, pelo computador. Porque hoje o auge é o computador. Numa matéria que a gente fez pela apostila, a maioria entrou no computador. Eles adoram. Eu acho que a música também seria importante.</i>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

No relato de M.C., fica bem claro que música é indicada apenas para desestressar, acalmar as crianças e não como uma matéria com conteúdo para aprendido. Esta visão se alinha aos achados de Andraus (2008, p. 66), que também questiona que os docentes “[...] utilizam a música na aula apenas como meio de fixação de conteúdos, manutenção de disciplina e atenção, ou para simples distração dos alunos” (ANDRAUS, 2008, p. 66).

5.3 Observação durante a oficina

A oficina ocorreu na sala dos professores, onde existe um computador com internet. Levamos mais dois notebooks com acesso à internet e dois professores levaram os seus também. Assim, cada professor ficou com um computador disponível para utilizar durante a oficina.

Quanto ao dia e horário, marcamos a oficina todas as terças às 18h, no dia e hora da ATPC da escola. Desta maneira, todos os professores estariam presentes e num período sem aula.

A quantidade de horas considerada ideal para a oficina foi de 30 horas, pensando que haveria 10 horas para trabalhar com cada objeto educacional. Neste período, tivemos tempo suficiente para mostrar com calma e detalhadamente o funcionamento de cada um deles, quais temas podem ser trabalhados, deixar os professores livres para conhecê-los e sanar dúvidas.

5.3.1 Observação na oficina do objeto educacional “Zorelha”

Valendo-nos da observação dos professores durante a oficina do objeto educacional “Zorelha” (BRASIL, 2015), destacamos, a seguir, três critérios de observação que consideramos relevantes para esta pesquisa:

Critério 1

Durante a oficina, nenhum professor apresentou dificuldade em encontrar o objeto educacional “Zorelha”, seguindo as instruções dadas.

Critério 2

Ao explorar o objeto educacional “Zorelha”, os professores tiveram facilidade de entender o funcionamento do jogo. Ele foi projetado para crianças ainda não alfabetizadas, por isso, o passo a passo de como brincar é explicado em áudio pelo próprio Zorelha. Por esta razão, conseguiram colocar e tirar os participantes da banda, com seus instrumentos sem maiores dificuldades.

Depois de conhecer cada instrumento com seu timbre, eles tentaram jogar a brincadeira proposta pelo Zorelha. Nesta, um som é tocado, e quem está jogando deve ouvir e clicar no instrumento que produz este som (timbre).

Embora tenha entendido como jogar, por causa da falta de conhecimentos musicais, R. e M.C. tiveram um pouco de dificuldade em acertar os instrumentos que reproduzem os sons, confundindo, em especial, os sons (timbres) do violão com o do cavaquinho e o da guitarra com o baixo elétrico.

As notas musicais produzidas por instrumentos musicais ou por cantores são formadas por um conjunto de diferentes frequências, com uma frequência básica, ou fundamental, que é característica da nota. Um “Lá”, por exemplo, terá como frequência básica 440 Hz. Cada combinação diferente de frequência resulta em uma forma de ondas de pressão, determinada por fatores tais como o material de que é feito o instrumento, a forma da caixa de ressonância e a força usada para produzir o som. Um “Lá” de um violino é diferente do “Lá” de uma flauta ou de um cantor. Apesar de todas essas notas terem a mesma frequência dominante, a forma da onda de pressão é diferente. Uma flauta produz um som com uma onda tipo senoidal quase pura, enquanto que o som produzido por um violino é uma onda mais complexa. O timbre está associado à forma da onda e nos permite distinguir sons de mesma frequência, produzidos por instrumentos diferentes. O timbre é caracterizado pela composição de frequências que constituem a onda sonora emitida pelo instrumento. O timbre é também denominado qualidade do som. (SILVA, 2014, p. 1).

No jogo, quando é tocado o som do instrumento, clica-se na figura do instrumento que produz aquele som, mas o próximo som produzido, será adicionado ao som do instrumento anterior. Sendo assim, o jogo vai se tornando mais difícil gradativamente. É nesta etapa que foi possível identificar com clareza a dificuldade que tiveram os professores em identificar os timbres dos instrumentos.

Critério 3

Pudemos perceber, ainda, que mesmo sem conhecimento musical os professores conseguiram entender que o “Zorelha” trabalha o desenvolvimento da percepção musical. Todos conseguiram entender que as atividades servem para ajudar as crianças a entender qual é o som de cada instrumento.

Isso também é percebido pela fala de um dos entrevistados:

“Com eles, as crianças perceberiam a diferença dos sons” (O.).

5.3.2 Observação na oficina do objeto educacional “Práticas criativas na web 2.0”

Na observação dos professores durante a oficina do objeto educacional “Práticas criativas na web 2.0”, percebemos e enumeramos três critérios a seguir indicados, que consideramos importantes para esta pesquisa.

Critério 1

Da mesma maneira que tiveram facilidade de buscar o objeto educacional “Zorelha”, também não houve dificuldades para encontrar, por meio do site do Google, o objeto educacional “Práticas criativas na web 2.0” (NÚCLEO DE TECNOLOGIA DIGITAL APLICADA À EDUCAÇÃO, 2015).

Critério 2

Conhecendo o “Práticas criativas na web 2.0”, entramos em cada um dos quatro módulos, lendo e conhecendo as propostas de trabalho. Cada módulo traz um tema, a proposta de trabalho, slides sobre o assunto, desafios, com os objetivos da proposta e sugestões de atividade.

Os cinco professores mostraram mais interesse pelo módulo 2 (o ciberinfante criativo), no qual o desafio é ouvir a música “Pense, tente, invente” com a turma, depois, os alunos devem inventar seu próprio som, de maneira criativa. Podem ser explorados instrumentos tradicionais, feitos de sucata ou até mesmo a voz. Em seguida, é possível gravar esse som na trilha de “Pense, tente, invente versão 2”.

Nas sugestões de atividades, existem algumas que podem ser feitas em sala de aula, antes da gravação da trilha sonora. São elas: Desenvolver

Parâmetros sonoros, ou seja, atividades para desenvolver sons graves e agudos; atividades que desenvolvam o timbre; atividades que trabalhem intensidade (sons fortes e sons fracos) e trabalhos com ritmos diferentes.

Ao ler material, os professores se interessaram em perguntar mais a respeito. Nenhum deles tinha noção do assunto e perguntaram de algumas atividades que poderiam ser feitas em sala de aula.

Diante desta situação, percebemos que os professores não têm entendimento musical, desconhecem qual o conteúdo musical importante a ser ensinado à criança e de que maneira pode ser feito.

Os professores generalistas não são matemáticos mas incluem matemática em sua prática cotidiana; não são cientistas mas abordam as ciências em suas atividades de ensino; não são poetas nem escritores mas são responsáveis por questões de língua portuguesa; mas normalmente não se sentem confiantes para aplicar questões artísticas e musicais por se considerarem desprovidos de talento para tal. (FIGUEIREDO, 2004, p. 56).

Critério 3

Notamos que os docentes conseguiram entender que, de um modo geral, o “Práticas criativas na web 2.0” (NÚCLEO DE TECNOLOGIA DIGITAL APLICADA À EDUCAÇÃO, 2015) trabalha com criatividade musical, pois todos se utilizaram deste recurso para jogar. Por meio dessa atividade, tiveram a oportunidade de conhecer mais sobre o conteúdo musical e suas terminologias, tais como: intensidade (forte e piano), duração (sons curtos e longos) e timbre.

5.3.3 Observação na oficina do objeto educacional “Gen Virtual”

Na observação dos professores durante a oficina do objeto educacional “Gen Virtual” (ANA GRASIELLE, 2015), percebemos e enumeramos três critérios apresentados a seguir, que consideramos importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

Critério 1

Diferentemente dos outros dois objetos educacionais, para os cinco sujeitos da pesquisa, encontrar o “Gen Virtual” não foi tão simples. Ao procurar no Google, este direciona para o site que permite baixar o programa. Mas, para a

instalação do “Gen Virtual”, deve-se fazer o download e extrair o arquivo.zip. É dentro da pasta zip que se encontra o arquivo gen.exe. Depois disso, é preciso imprimir os cartões com o nome das notas e figuras dos instrumentos que é necessário para jogar.

O próprio programa ensina como deve ser feito o processo de instalação e, mesmo assim, dos cinco professores, apenas um conseguiu fazer todo o processo. Os demais participantes (quatro) conseguiram apenas baixar o programa, mas não souberam instalar.

Critério 2

Conhecendo o “Gen Virtual”, os professores colocaram as fichas com os nomes das notas em várias posições diferentes, formando melodias. A princípio, todos colocaram as fichas em uma linha reta, mas, aos poucos, perceberam que era possível brincar com as notas, colocando-as em diferentes posições ou colocando apenas algumas fichas e deixando outras.

Um dos professores, inicialmente, teve dificuldade com as fichas porque, para os símbolos serem reconhecidos como notas e se tornarem sons, a câmera precisa capturar as imagens que são processadas e analisadas. Ou seja, as fichas devem estar em um local de visão computacional.

“Para obter sensação de realismo em Realidade Aumentada, é necessário alinhar corretamente os objetos virtuais em relação ao ambiente real. Esta técnica é fundamental para obter a ilusão da coexistência entre eles” (AZUMA, 1997, p. 355).

Critério 3

Foi possível percebermos que, mesmo sem conhecimento musical, os professores conseguiram entender que o “Gen Virtual” trabalha o desenvolvimento da percepção musical. Embora eles não conheçam os termos musicais, perceberam que ele trabalha a altura das notas. Assim, os cinco docentes conseguiram entender que o “Gen Virtual” serve para ajudar as crianças a ouvir e brincar com as notas musicais e os sons de alguns instrumentos.

Isso também é percebido pelas falas de um dos sujeitos da pesquisa:

“Com eles, as crianças perceberiam a diferença dos sons” (O.).

“Aqueles jogos que nós vimos lá no computador, pra eles é uma festa, trocando instrumentos, montando música, colocando mão no papel que toca música” (O.).

5.4 Entrevista com professores pesquisados após aplicação da oficina com os objetos educacionais

Após a oficina e o contato com os objetos educacionais “Zorelha”, “Gen Virtual” e “Práticas criativas na web 2.0”, os professores responderam a um segundo questionário, por meio do qual foi possível identificarmos algumas mudanças nas respostas dos participantes, como mostra o Quadro 10, a seguir.

QUADRO 10 - Primeira questão da entrevista após aplicação da oficina

	Você tem usado a tecnologia em ambiente computacional para educação musical infantil? (Se a resposta for sim, Como? Quais recursos utiliza? Se a resposta for não, por quê?)
M.A.	<i>Não, porque a gente não tem os aparatos pra isso.</i>
M.C.	<i>Então, não é possível usar os computadores, a não ser que use só aquele que tá funcionando, mas como é muita criança numa sala pequena e não é um computador por criança, não dá. Eu não uso, não.</i>
R.	<i>Não. A informática, dentro da escola, não. A escola só tem um computador funcionando. A gente não consegue usar a sala toda então a gente vai mostrando alguns sites pra eles que tenham música, instrumentos musicais, onde eles fazem os instrumentos e vão brincando com os instrumentos.</i>
M.R.	<i>Não, não uso. Minha sala é grande, não tenho ajudante. Tenho uma criança especial na sala, que exige muita atenção. Além disso, não temos um computador pra cada aluno. Tem apenas um que dá pra usar.</i>
O.	<i>Não uso. Sem os computadores não dá.</i>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Percebemos que a justificativa para o não uso da tecnologia em ambiente computacional continua a mesma: a falta de computadores.

No momento da entrevista, as respostas foram as relatadas acima. Porém, na oficina, os professores afirmaram que existe a sala de informática, com computadores novos, mas que há um problema externo, com a internet. Por esta razão, a diretora não permite o uso da sala de informática, que permanece fechada.

É possível perceber, nesse contexto, que a diretora não consegue compreender a importância da tecnologia para a educação. Assim, prefere manter a sala de informática fechada, para apenas mostrar aos pais que a escola possui computadores, mas não considera necessária a sua utilização.

QUADRO 11 - Segunda questão da entrevista após aplicação da oficina

	O conhecimento dos objetos de aprendizagem “Zorelha”, “Práticas criativas na web 2.0” e “Gen Virtual”, fez você mudar algo no processo de ensino-aprendizagem na educação musical infantil? Explique melhor.
M.A.	<i>Ah, eu gostei, mas pra tá utilizando com as crianças eu achei difícil por conta da falta do computador. Mas, vai servir de bagagem pra gente, e vamos usar quando os computadores estiverem funcionando.</i>
M.C.	<i>Olha, é bem interessante e as crianças iriam amar. Eles adoram essas coisas com jogos e computador.</i>
R.	<i>Eu acho que os sites são bem interessantes, eles são animados, então a criança pequena se interessa. Provoca um interesse maior no brincar, porque eles aprendem brincando. Acaba se tornando mais divertido.</i>
M.R.	<i>Nossa, gostei. Gostaria de poder usar com as crianças. Espero que arrumem logo o problema nos computadores e a gente possa trabalhar isso em sala. As crianças iriam gostar muito. Com eles, dá para trabalhar a parte musical através da tecnologia, de uma maneira diferente, criativa e com certeza eles amariam.</i>
O.	<i>Olha, gostar eu gostei. Mas não sei mexer naquilo não. E eles tão trabalhando festa junina, onde mais se usa música e estão adorando isso. Nessa época eles usam muito a música e a dança.</i>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

É interessante observarmos que, mesmo gostando de ter conhecido os OA, nenhum deles mostrou interesse em se organizar e arrumar uma maneira viável de utilizar essa “nova” tecnologia em seu planejamento e poder melhorar sua qualidade de ensino. Todos preferem colocar a culpa em falhas técnicas, ditos obstáculos, mas que podem ser superados de maneira simples, apenas baixando os programas, não precisando, assim, de acesso à internet para utilizá-los.

Percebemos, na verdade, que a dificuldade de uso do computador associada a muitas horas de trabalho semanais levam os docentes a preparar suas aulas de maneira simples, em sala de aula, por ser mais cômodo, uma vez que é a maneira conhecida e dominada por eles.

Planejar uma aula com o uso da tecnologia exigiria que os professores buscassem o OA com antecedência e o manipulassem para poder saber como ensinar as crianças. Ao passo que adotando uma aula tradicional, eles só leem o conteúdo e verificam como ensiná-lo por meio de exercícios da apostila.

QUADRO 12 - Terceira questão da entrevista após aplicação da oficina

	Você encontra obstáculos no uso das TIC/objetos de aprendizagem na educação musical infantil? Quais? Como poderia superar possíveis obstáculos?
M.A.	<i>Tem o obstáculo de não ter os computadores. Então, sem os computadores, a gente faz música com bandinha, com o próprio conteúdo da musicalização. Mas é nesse aspecto só mesmo, sem tecnologia. Coisas do dia a dia, material reciclável, pra gente tá trabalhando. Porque a tecnologia fica meio de lado, infelizmente.</i>
M.C.	<i>Olha, sem os computadores, teria que pensar como fazer. Acho que não tem como fazer nada. Não tem como mesmo, só esperar consertar os computadores pra podermos usar. Fazer música aqui é tudo com rádio, fazendo os gestinhos das músicas. Aí, quando aparece na apostila os instrumentos musicais, a gente chama a banda da Polícia Militar, o Projeto Guri e eles mostram os instrumentos pessoalmente. Se tiver alguém que tem os instrumentos, a gente pede pra trazer e tocar, pra eles experimentarem. É a alternativa que a gente tem pra dar essas aulas de música, sempre sem a tecnologia, pelo menos por enquanto. Porque com o computador mesmo é complicado.</i>
R.	<i>A falta de computador, porque a gente tem que usar um micro pra sala inteira. Olha, uma das maneiras que a gente já tem usado para superar isso é usar Power Point, que você joga no telão e as crianças assistem como se fosse um vídeo. Uma pessoa só mexe, às vezes junta duas, três salas pra assistir determinado assunto.</i>
M.R.	<i>Olha, nosso problema aqui é não ter computador disponível. Eles estão novos mas não dá pra usar, tem problema na rede, sei lá. Não, só vai dar pra usar quando consertarem. Eu não uso muito a música na aula. A única coisa que eu uso, lá na apostila, quando tem uma parte com a música "O pintor de Jundiaí". Aí, com ela foi trabalhado os desenhos, a hora, trabalhou várias coisas. É a música ajudando nas outras matérias. Mas eu uso pouco, é mais as palavrinhas, títulos de texto. Eu sou do Infantil II, então é mais estar preparando pro primeiro ano então é difícil usar essa parte de música, que é muito importante, eu acho. Só que eu tenho que puxar mais a matéria senão eles ficam fracos pro primeiro ano. Então, eles têm que estar "bons" na letra de forma, juntando bem as sílabas, porque eles vão trabalhar a letra cursiva no outro ano. No meu caso, a música fica muito a desejar, porque quase não uso.</i>
O.	<i>Os obstáculos são a falta de computadores. Não tem o que fazer. Tem o rádio, pra usarmos, que é tecnologia também. Mais do que isso não tem o que fazer. Aqueles jogos que nós vimos lá no computador, pra eles é uma festa, trocando instrumentos, montando música, colocando mão no papel que toca música. Mas sem o computador fica muito difícil. Ficamos mais nos instrumentos de sucata.</i>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Notamos que as respostas dos professores, antes e depois da oficina não mudaram. Eles mantiveram a opinião de que o maior obstáculo para a não utilização dos objetos de aprendizagem consiste na falta de computadores, e que não se pode fazer nada para mudar isto.

QUADRO 13 - Quarta questão da entrevista após aplicação da oficina

	Você acha importante o uso de TIC/objetos de aprendizagem na educação musical infantil? Por quê?
M.A.	<i>Olha, acho muito importante, mas a gente não tem como usar e também não sabia o que fazer de diferente usando tecnologia e música. Apenas tínhamos o site do positivo. Mas agora, você nos mostrou três programas legais pra trabalhar com as crianças. Só falta mesmo arrumar os computadores pra podermos utilizá-los na sala de aula.</i>
M.C.	<i>Olha, é bem importante. Se fosse possível utilizá-los aqui, eu usaria sim. Os três que você mostrou são bem legais, seriam bem úteis nas aulas. As crianças são ligadas nessas coisas com tecnologia, seria uma maneira fácil de ensinar. Eles iam pegar rapidão, porque pra eles é fácil mexer e ia ser divertido. Se eles tivessem como usar esses sites, pra tá mexendo, ouvindo, fazendo música, ia ser muito bom!</i>
R.	<i>Olha, esses três sites que você mostrou semana passada, eu não conhecia e eu achei bem interessante. No nosso material do Infantil I, no último bimestre tem aquela história do “Pedro e o Lobo”. Então, tem um CD do Positivo que tem, porque cada animal, cada personagem na história, ela é representada por um instrumento. E na apostila tem todas as figuras dos instrumentos com o personagem para a criança ouvir e associar. O ano passado, quem fez a apresentação de música pra gente foi a banda da Polícia Militar. Esse ano, acho que eles fazem de novo, mas isso só acontece lá no último bimestre. Na apostila, acho que a parte mais gostosa pra eles verem é o último bimestre. É ai que a gente usa instrumentos. Eles produzem instrumentos. Chocalhos, por exemplo. A latinha com arroz, a latinha com feijão, a garrafa com pedrinha. Diferentes garrafas com água. Trabalhando timbre. Então é bem legal, mas essa parte musical é bem trabalhada, só que só no último bimestre. É, nessa parte é onde fica mais contextualizado. Porque dá pra você colocar em telão também. Eles veem, e a gente fala: olha, é só apertar aqui, só apertar ali. Na minha sala até dá, porque eu tenho estagiária e minha sala é pequena.</i>
M.R.	<i>Acho importante porque tecnologia atrai as crianças, mas não tenho usado, infelizmente. Tenho que correr com a matéria, a turma é grande, a matéria é extensa. Alguma coisa, no finalzinho da aula eu coloco musiquinha pra eles, no rádio. Mas ia ser bom eu conhecer mais músicas que poderiam trabalhar interdisciplinaridade, usando músicas que falam sobre letras, sílabas, que eu poderia tá usando pra ensinar a matéria cantando, sabe. Porque música eles adoram, eles dançam, eles pulam, fazem gestos.</i>
O.	<i>Claro, muito bons. Com eles, as crianças perceberiam a diferença dos sons, criatividade, e outras coisas.</i>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Em alguns relatos, notamos que os professores destacaram o uso de sucata para fazer instrumentos musicais.

“Eles produzem instrumentos. Chocalhos, por exemplo. A latinha com arroz, a latinha com feijão, a garrafa com pedrinha” (R.).

“[...] a gente faz música com bandinha, com o próprio conteúdo da musicalização. Mas é nesse aspecto só, mesmo, sem tecnologia. Coisas do dia a dia, material reciclável, pra gente tá trabalhando” (M.A.).

É interessante ressaltar essa atividade com sucata porque revela que, mesmo sem grandes conhecimentos musicais, os professores estão trabalhando aspectos importantes como as experimentações sonoras, com diferentes timbres, ajudando no desenvolvimento infantil. Lembrando que a construção dos instrumentos, em si, não é uma atividade musical, mas torna-se uma experiência musical se os instrumentos forem utilizados para trabalhar ritmos, sons diferentes, entre outros aspectos da música.

A esse respeito, Diniz (2005, p. 62) corrobora nossa afirmação, ressaltando que a construção de instrumentos, por si só, não significa fazer música, entretanto, “teria outro significado para a criança quando relacionada à composição, à execução e à apreciação”.

Dos resultados obtidos, emergiram três categorias – “O ensino da música”, “O uso da tecnologia” e “O uso dos objetos educacionais no ensino da música” – as quais descrevemos a seguir.

5.5 Categoria 1: O Ensino da Música

Segundo os PCN (BRASIL, 1998b, p. 82), o conteúdo de música deve conter:

Improvisações, composições e interpretações utilizando um ou mais sistemas musicais [...]. Percepção e utilização dos elementos da linguagem musical (som, duração, timbre, textura, dinâmica, forma, etc.) em processos pessoais e grupais de improvisação, composição e interpretação [...]. Experimentação, improvisação e composição a partir de propostas da própria linguagem musical (sons, melodias, ritmos, estilo, formas).

Como apontamos anteriormente, nas aulas de musicalização, além de trabalhar psicomotricidade por meio das músicas, as crianças devem ter noções de canto, aula mais aprofundada das propriedades do som (percepção sonora, movimento sonoro e noção melódica, noção de som e silêncio), conjunto de percussão (pulsação, ritmo da melodia, acentos, tempos, compassos, subdivisão binária e ternária), utilizando vários instrumentos diferentes ao mesmo tempo e, algumas vezes, até tocando separadamente, além de adquirir noções básicas de flauta doce. É possível, também, propor atividades com paisagens sonoras, criação e sonorização de histórias. A apreciação musical, com crianças maiores, também é uma atividade que pode ser feita com maior frequência e com músicas de maior duração.

Atividades que trabalham os parâmetros da música, como altura, timbre, duração e intensidade, deveriam ser muito utilizadas pelos professores, porém, com base nas respostas dos docentes entrevistados, pudemos perceber que não é o que ocorre.

A música é usada como uma maneira de ensinar o conteúdo de outras matérias, como é possível perceber pelos relatos:

“Eu não uso muito a música na aula. [...] Aí, com ela foi trabalhado os desenhos, a hora, trabalhou várias coisas. É a música ajudando nas outras matérias” (M.R.).

“Alguma coisa, no finalzinho da aula eu coloco musiquinha pra eles, no rádio. Mas ia ser bom eu conhecer mais músicas que poderiam trabalhar interdisciplinaridade, usando músicas que falam sobre letras, sílabas, que eu poderia tá usando pra ensinar a matéria cantando, sabe” (M.R.).

A música pode ser muito útil para o aprendizado de outras matérias. Ela pode ser uma maneira diferente de levar o aluno a assimilar o conteúdo.

Atualmente a maioria dos autores de livros didáticos faz uso da canção como estratégia de ensino para apresentar os conteúdos que serão abordados ou, até mesmo, para complementar os já estudados. Esse recurso chama a atenção dos alunos, pois a música, muitas vezes, aparece inserida nos tópicos a serem trabalhados (LACERDA, 2011, p. 52).

Como salienta o referencial teórico, a música auxilia na memorização. Neste caso, ela serve para ajudar a memorizar conteúdos de outras matérias.

Utilizar a música como um recurso para o ensino de outras matérias é importante e pode facilitar a aprendizagem de algumas crianças. Mas, não é visto como uma aula de música, e sim, como uma aula de português, matemática ou demais matérias que recorrem à música com o intuito de ensinar um conteúdo não musical, utilizando-a apenas como instrumento de ensino.

Outra maneira que, segundo os professores, é considerada uma aula de música, é quando colocam um CD e deixam as crianças à vontade para cantar, dançar, pular. Podemos perceber esta concepção nos relatos dos entrevistados:

“Funciona, a gente canta, dança e dá pra trabalhar em cima da letra da música” (M.C.).

“Fazer música aqui é tudo com rádio, fazendo os gestinhos das músicas” (M.C.).

“Porque música eles adoram, eles dançam, eles pulam, fazem gestos” (M.R.).

“Olha, educação musical infantil [...] a gente canta com eles. A gente usa muita música da Xuxa, Eliana, que tem musiquinhas com gestinhos, que eles gostam de brincar, pular, dançar, é que a gente acaba usando. Se não os DVDs com vídeos” (R.).

“Com música eles se soltam tudo, eles relaxam, dá uma paz neles até. Tira tudo o stress deles, eles soltam pra fora. Eles gostam muito da música. Com a música eles vão dançar também” (M.C.).

Dependendo da maneira como é desenvolvida esta atividade, ela pode ser considerada apreciação musical. Mas, para isso ocorrer, além de escutar a música, é necessário fazer um trabalho mais detalhado, ouvindo os sons, percebendo quais instrumentos estão tocando, quais as semelhanças e diferenças entre eles, se há parte vocal, entre muitas outras características musicais.

A apreciação é uma das atividades mais importantes para o desenvolvimento musical porque desenvolve a audição crítica e estética do aluno, esta (a apreciação) não pode mais ser tratada como uma mera audição descompromissada. (MOREIRA, 2010, p. 290).

Entretanto, utilizar a música como um período de descontração, uma forma de entretenimento, não é trabalhar música em sala de aula. Nessa perspectiva, Albuquerque (2013, p. 2) enfatiza que “[...] música não apenas como um momento de descontração ou para passar o tempo, mas como um processo socializador e facilitador das diferentes habilidades”.

Trabalhar com uma banda rítmica é uma maneira interessante de abordar conhecimentos musicais como timbre e ritmos.

Por meio dos relatos, podemos notar que a banda é uma maneira de fazer música utilizada pelos professores sujeitos da pesquisa.

“Ficamos mais nos instrumentos de sucata” (O.).

“[...] teve uma vez que a professora de artes fez uma bandinha com chocalho, pandeirinho, essas coisas” (R.).

“[...] a gente faz música com bandinha, com o próprio conteúdo da musicalização” (M.A.).

“Eles produzem instrumentos. Chocalhos, por exemplo. A latinha com arroz, a latinha com feijão, a garrafa com pedrinha. Diferentes garrafas com água. Trabalhando timbre” (R.).

“[...] a gente vai mostrando alguns sites pra eles que tenham música, instrumentos musicais, onde eles fazem os instrumentos e vão brincando com os instrumentos” (R.).

Lembrando que, quando é dito que utilizam sites, os professores trazem seus computadores particulares que possuem acesso à internet ou levam as crianças para a sala da diretoria, onde existe um computador conectado à internet.

Mas, será que nestas aulas são trabalhados os diferentes timbres dos instrumentos, ritmos diferentes, história da música ou se concentram apenas na construção destes instrumentos com sucata?

Construir instrumentos com diferentes materiais não pode ser considerado uma aula de música, pois é apenas um trabalho manual, não utiliza conhecimentos musicais para isto.

A música trabalha coordenação motora, e construir instrumentos musicais também trabalha a parte motora da criança, embora não seja uma aula de música, já que trabalha apenas o manual e não o auditivo.

Se os instrumentos forem utilizados para trabalhar diferenças sonoras (timbre), trabalhar ritmos, fraseados musicais, criações musicais, entre muitas outras possibilidades, a bandinha rítmica é uma ótima opção para se trabalhar em sala de aula.

As crianças precisam ter experiências concretas com objetos que emitem sons, instrumentos musicais ou outros e formar um vocabulário específico para se referir a eventos sonoros. O manuseio de objetos sonoros cria situações em que será possível agrupar ou separar os sons, classificar e seriar. [...] As crianças desenvolvem formas de trabalhar com os sons que permitirão organizar suas ações e realizar atividades expressivas com esses materiais. Agindo assim, as crianças aprendem a fazer parcerias, criam e reproduzem pequenas combinações, que são esboços das regras que regem os sons de sua cultura. (MAFFIOLETTI, 2001, p. 130-131).

Para O., a música é um recurso muito usado na época de festas, como podemos perceber pelo seu relato:

“E eles tão trabalhando festa junina, onde mais se usa música e estão adorando isso. Nessa época eles usam muito a música e a dança” (O.).

Mas, dançar com um fundo musical pode ser considerado aula de música?

Embora, tanto nas festas juninas quanto nas aulas de música é trabalhada a psicomotricidade e, em ambas, músicas são muito utilizadas, o intuito da festa junina, assim como de outras festas, não é aprender a fazer música. Nestas

comemorações a música é apenas um meio e não se aprende nenhum conhecimento musical.

A música é um elemento expressivo nas festas escolares, ela caracteriza determinado ritual e fornece elementos para que se possa reconhecer o ambiente que se busca representar. Sendo assim, não podemos pensar hoje em festas juninas sem a execução da típica quadrilha, ou de uma hora cívica sem o Hino Nacional. (CERRI; RUNDVALT, 2010, p. 2).

É possível fazer uma aula de música durante o período de festas como a festa junina. Uma das maneiras é utilizar o repertório musical conhecido deste período e trabalhar conhecimentos musicais. Trabalhar o ritmo das músicas, fazer um estudo sobre os instrumentos típicos deste tipo de festa e quais suas características, entre muitas outras propostas.

O relato de M.C. permite-nos perceber que eles fazem um trabalho de apreciação musical interessante:

“Aí, quando aparece na apostila os instrumentos musicais, a gente chama a banda da Polícia Militar, o Projeto Guri e eles mostram os instrumentos pessoalmente. Se tiver alguém que tem os instrumentos, a gente pede pra trazer e tocar, pra eles experimentarem” (M.C.).

“O ano passado, quem fez a apresentação de música pra gente foi a banda da Polícia Militar” (R.).

Mostrar os instrumentos e deixar as crianças manusearem, é uma boa maneira de conhecerem diferentes instrumentos e seus sons, podendo ter a oportunidade de, até mesmo, tentar tirar som destes.

Em uma aula como a acima proposta, é possível trabalhar o timbre destes instrumentos, se se trata de um instrumento agudo ou grave, se faz sons longos, curtos ou ambos, pode-se, ainda, classificar cada instrumento nas categorias (instrumento de madeira, metal, cordas ou percussão), trabalhar estilos musicais diferentes, entre muitas outras atividades.

A apreciação musical é um recurso viável e pode ser uma importante estratégia educacional na formação do educador já que o capacita a desenvolver maneiras de envolver o aluno esteticamente com estilos de músicas e manifestações culturais de diferentes povos, proporcionando-lhe uma compreensão crítica e reflexiva dos vários contextos sociais nos quais as músicas estão inseridas. (BASTIÃO, 2003, p. 9).

Diante do exposto, é possível percebermos que os professores não sabem como trabalhar música na sala de aula. Eles manifestaram interesse pelo assunto, mas nunca fizeram cursos que os ajudassem neste quesito e não têm material que possa auxiliá-los. Eles veem a música como algo importante, contudo, somente aproveitam os recursos que ela traz para a educação.

Em razão da falta de capacitação dos professores, a música fica geralmente como uma atividade auxiliar, ajudando a atingir objetivos não musicais.

Há uma enorme carência de atividades musicais adequadas às crianças... Isso se deve, entre outros fatores, a pouca atenção dispensada à educação musical nos cursos de formação de professores para o ensino fundamental. Conseqüentemente a música não faz parte dos currículos escolares de maneira efetiva e, quando ocorre, restringe-se apenas a reprodução de músicas veiculadas pela mídia ou músicas ditas “pedagógicas”, que reproduzem melodias com letras adaptadas a situações de momento e gestos estereotipados. (KATER et al., 1998, p. 114).

As aulas de música, na época do Canto Orfeônico, foram aos poucos se tornando aulas de artes visuais, minimizando a expressão artística musical. É possível que isto esteja ocorrendo, novamente, nas nossas aulas de música atuais?

5.6 Categoria 2: O Uso da Tecnologia

O referencial teórico enfatiza que, no mundo de hoje, a tecnologia é muito utilizada no dia a dia das pessoas, e o professor deve fazer uso deste recurso em sala de aula.

Nesse sentido, notamos que os professores da pesquisa acreditam não ser possível trabalhar alguma atividade com os alunos sem o uso da internet. Eles alegam que não há computadores para realização desta atividade, como é possível perceber nos seus relatos:

“Ah, bastante porque atualmente na escola não tem disponível computadores para as crianças. Até fim do ano passado tinha, mas esse ano não está funcionando” (M.A.).

“Só o computador que a gente não tem esse material pra gente trabalhar” (M.C.).

“Então, não é possível usar os computadores, a não ser que use só aquele que tá funcionando” (M.C.).

“A escola só tem um computador funcionando” (R.).

“Além disso, não temos um computador pra cada aluno. Tem apenas um que dá pra usar” (M.R).

“Sem os computadores não dá” (O.).

“Ah, eu gostei mas pra tá utilizando com as crianças eu achei difícil por conta da falta do computador. Mas, vai servir de bagagem pra gente, e vamos usar quando os computadores estiverem funcionando” (M.A.).

“Espero que arrumem logo o problema nos computadores e a gente possa trabalhar isso em sala” (M.R.).

“Tem o obstáculo de não ter os computadores. Então, sem os computadores [...] Mas é nesse aspecto só mesmo, sem tecnologia. [...] Porque a tecnologia fica meio de lado, infelizmente” (M.A.).

“Olha, sem os computadores, teria que pensar como fazer. Acho que não tem como fazer nada. Não tem como mesmo, só esperar consertar os computadores pra podermos usar” (M.C.).

“A falta de computador, porque a gente tem que usar um micro pra sala inteira” (R.).

“Só falta mesmo arrumar os computadores pra podermos utilizá-los na sala de aula” (M.A.).

“Os obstáculos são a falta de computadores. Não tem o que fazer. Tem o rádio, pra usarmos, que é tecnologia também. Mais do que isso não tem o que fazer” (O.).

O interessante é que, após algum tempo de conversa, notamos que existe computadores novos na escola e que estão funcionando. O problema, segundo eles, é com o servidor da internet:

“[...] a gente não tem o acesso do computador. Não é a falta dele, eu não tenho acesso e não é por conta da escola, parece que é um problema externo com a prefeitura, que não vem aqui a internet” (R.).

Apesar de haver um problema na rede, seria possível fazer uso do computador sem acessar a internet. Mas os professores reiteram que não é possível utilizá-los, como relatado por M.R.:

“Olha, nosso problema aqui é não ter computador disponível. Eles estão novos mas não dá pra usar, tem problema na rede, sei lá. Não, só vai dar pra usar quando consertarem” (M.R.).

Mas, porque os professores associam o uso dos computadores apenas ao acesso a internet?

Os professores comentaram que, quando utilizam o computador, é apenas para pesquisa na internet ou para abrir o site da apostila, como podemos perceber nas citações:

“Então, por exemplo, festa junina, a gente vai lá em casa e pesquisa, acha música, grava e traz pra usar em sala” (R.).

“Lá (na outra escola que trabalha) tem o laboratório de informática e eu utilizo muito o youtube para estar mostrando o que eu trabalho na sala de aula [...]” (M.A.).

“Apenas tínhamos o site do Positivo” (M.A.).

Sabemos que é possível utilizar o computador sem o acesso à internet, uma vez que muitos programas podem ser baixados e trabalhados em sala de aula, sem conectar à internet. Entre os exemplos estão os três objetos de aprendizagem apresentados aos docentes (“Zorelha”, “Gen Virtual” e “Práticas criativas na web 2.0”).

A má utilização da tecnologia acontece porque os professores ainda não perceberam a importância desta ferramenta para o ensino.

“A escola está tendo bastante dificuldade para assimilar a tecnologia como parte do processo de geração do conhecimento” (VALENTE, 1999a, p. 80).

O que podemos perceber, então, é que os docentes entrevistados não têm muito conhecimento na área tecnológica, como demonstra o relato a seguir:

“Lá (na outra escola que trabalha) tem o laboratório de informática e eu utilizo muito o Youtube para estar mostrando o que eu trabalho na sala de aula [...]. Mas isso também é o máximo de tecnologia que eu uso lá na outra escola, porque eu não tenho muito conhecimento sobre o assunto” (M.A.).

Pensando no professor diante da tecnologia, qual é o papel deste em sala de aula?

O professor, neste contexto de mudança, precisa saber orientar os educandos sobre onde colher informação, como tratá-la e como utilizá-la. Esse educador será o encaminhador da autopromoção e o conselheiro da aprendizagem dos alunos, ora estimulando o trabalho individual, ora apoiando o trabalho de grupos reunidos por área de interesses. (MERCADO, 2002, p. 12).

Diante dessa nova situação, é importante que o professor possa refletir sobre essa nova realidade, repensar sua prática e construir novas formas de ação que permitam não só lidar, com essa nova realidade, com também construí-la. Para que isso ocorra, o professor tem que ir para o laboratório de informática dar sua aula e não deixar uma terceira pessoa fazer isso por ele. (LOPES, 2004, p. 3).

Diante das dificuldades que surgiram no decorrer da oficina dos objetos de aprendizagem, também pudemos identificar os percalços que alguns professores apresentam com a tecnologia.

Poucos professores estão preparados para integrar esses diferentes domínios na sua prática pedagógica. Isso implica maior compromisso na sua formação, por isso a formação do professor envolve muito mais do que fornecer conhecimentos técnicos sobre os computadores. Ela deve dar condições para o professor construir conhecimento sobre os aspectos computacionais; compreender as perspectivas educacionais que estão nos softwares em uso, isto é, as noções de ensino – aprendizagem e conhecimento implícitos no software; e entender porque e como integrar o computador na sua prática pedagógica. (MERCADO, 2002, p. 139).

Apesar disso, os professores desta pesquisa reconhecem a importância da tecnologia para o aprendizado, como mostram as citações:

“Talvez, eles utilizando o computador, se interessariam bem mais porque estariam vendo, presenciando” (O.).

“Eu acho que haveria mais interesse deles, pelo computador. Porque hoje o auge é o computador” (O.).

“As crianças são ligadas nessas coisas com tecnologia, seria uma maneira fácil de ensinar. Eles iam pegar rapidão, porque pra eles é fácil mexer e ia ser divertido” (M.C.).

“Acho importante porque tecnologia atrai as crianças, mas não tenho usado, infelizmente” (M.R.).

[...] docente construir conhecimento sobre as técnicas computacionais, entender por que e como integrar o computador na sua prática pedagógica e ser capaz de superar barreiras de ordem administrativa e pedagógica, possibilitando a transição de um sistema fragmentado de ensino para uma abordagem integradora de conteúdo e voltada para a resolução de problemas específicos do interesse de cada aluno. (BARANAUSKAS et al., 1999, p. 13).

A tecnologia poderia ajudar muito no processo de ensino aprendizagem, desde que o professor saiba como utilizá-la de maneira efetiva.

O professor será mais importante do que nunca, pois ele precisa se apropriar dessa tecnologia e introduzi-la na sala de aula, no seu dia-a-dia, da mesma forma que um professor, que um dia, introduziu o primeiro livro numa escola e teve de começar a lidar de modo diferente com o conhecimento – sem deixar as outras tecnologias de comunicação de lado. Continuaremos a ensinar e a aprender pela palavra, pelo gesto, pela emoção, pela afetividade, pelos textos lidos e escritos, pela televisão, mas agora também pelo computador, pela informação em tempo real, pela tela em camadas, em janelas que vão se aprofundando às nossas vistas [...]. (GOUVÊA, 1999, p. 11).

O professor, com a ajuda da tecnologia em sua aula, passa a ser um orientador, ajudando no processo de ensino-aprendizagem e não ditando as verdades.

As mudanças que as tecnologias favorecem na postura do professor em aula são: ajuda os alunos a estabelecerem um elo de ligação entre os conhecimentos acadêmicos com os adquiridos e vivenciados, ocorrendo uma troca de idéia e experiências, em que o professor, em muitos casos, se coloca na posição do aluno, aprendendo com a experiência deste. (MERCADO, 2002, p. 23).

Para que as aulas utilizando a tecnologia sejam verdadeiramente eficientes para o aprendizado e que a tecnologia seja utilizada como auxiliar do ensino do professor, é necessário que haja uma mudança de mentalidade de toda a escola.

Uma conscientização de que o ensino atual mudou e que a tecnologia veio para acrescentar, não somente para divertir as crianças.

Finalmente, a implantação da informática, como auxiliar do processo de construção do conhecimento, implica em mudanças na escola que vão além da formação do professor. É necessário que todos os segmentos da escola - alunos, professores, administradores e comunidade de pais - estejam preparados e suportem as mudanças educacionais necessárias para a formação de um novo profissional. Nesse sentido, a informática é um dos elementos que deverá fazer parte da mudança, porém essa mudança é muito mais profunda do que simplesmente montar laboratórios de computadores na escola e formar professores para a utilização dos mesmos. (VALENTE, 1999a, p. 2).

5.7 Categoria 3: O Uso dos Objetos Educacionais no Ensino da Música

Os professores deste estudo, como podemos observar pelas falas expressas no Quadro 6, desconheciam objetos educacionais para auxiliar no ensino de música na escola. Contudo, mostraram-se interessados pela capacitação, pois poderiam aprender mais sobre o assunto.

“Ah, eu gostaria. Porque eu acho interessante” (M.A.).

“Ah, seria interessante porque ajuda bem a criança” (M.C.).

“Ah, seria interessante até” (R.).

“Eu gostaria de ser capacitada pra isso para efetivar eles mais [...]” (M.R.).

“Ah, sim, eu gostaria. Ah, porque é importante eles terem contato, terem um acesso” (O.).

Os objetos educacionais podem auxiliar no ensino de muitas matérias. De acordo com Mercado (2002, p. 133): “A informática, quando aplicada no ensino, traz flexibilidade na aprendizagem, une as teorias e as práticas, onde os alunos aprendem e sabem como, por que, onde e quando eles aprendem”.

No ensino da música, especificamente, eles podem ser um meio de ensinar os parâmetros sonoros de uma maneira diferente, divertida e cativante para os alunos.

O objetivo do projeto, do ponto de vista tecnológico, é a pesquisa das tecnologias de telecomunicações e de informática atualmente disponíveis e o desenvolvimento de ferramentas que auxiliem a educação musical, com o intuito de facilitar a inserção social e cultural por meio da inserção tecnológica de seus usuários. [...]. Por isso, o Portal traz atividades em que crianças experimentam instrumentos, descobrem a diferença entre timbres e sons por meio de cores e formas sugestivas. (FICHEMAN et al., 2004, p. 505).

Os três objetos de aprendizagem apresentados aos professores (“Gen Virtual”, “Zorelha” e “Práticas criativas na web 2.0”) trabalham parâmetros sonoros – timbre, altura, intensidade e duração –, iniciando, assim, as crianças no universo musical.

Por intermédio do “Zorelha” (BRASIL, 2015), é possível trabalhar a apreciação musical, ouvindo os grupos de instrumentos formados pelo objeto de aprendizagem, podendo identificar características de cada um.

Apreciação musical: escutar ativamente os sons organizados (ou não) musicalmente, ou seja, refletir sobre aquilo que escuta, interpretando significados, identificando elementos da linguagem musical, enfim, identificando estilos musicais e seus contextos históricos, de modo que haja uma estruturação individual e coletiva progressiva desta escuta. (KEBACH, 2008, p. 44).

“Práticas criativas na web 2.0” (NÚCLEO DE TECNOLOGIA DIGITAL APLICADA À EDUCAÇÃO, 2015) possibilita trabalhar com criação musical, compondo ou improvisando a partir da música indicada pelo objeto de aprendizagem.

Criação musical: espaço de organização do material sonoro de modo inovador, isto é, composições e improvisações criadas coletivamente. Trata-se de pôr em prática toda a criatividade possível, através de livres expressões (invenções), porém, orientadas por tarefas específicas. (KEBACH, 2008, p. 45).

Por meio do “Gen Virtual” (ANA GRASIELLE, 2015), é possível trabalhar com criação musical e também com recriação musical, momento em que se cria tomando-se por base obras de outros compositores.

Recriação musical: execução expressiva, interpretativa e criativa de obras de outros compositores. Caracteriza-se por uma espécie de exercício de “reprodução criativa”, pois compreendo, com a Epistemologia Genética, que toda a reprodução não é cópia fiel do objeto, e sim, uma interpretação pessoal do mesmo, em menor ou maior grau de criatividade, a partir dos esquemas de assimilação de cada um, o que gera formas de adaptação diferenciadas em ambiente coletivo construtivista. (KEBACH, 2008, p. 45).

É importante lembrar que estes são alguns exemplos de conteúdos de música possíveis de ser trabalhados por meio dos três objetos de aprendizagem.

Os professores, como percebemos por meio de seus relatos, gostaram de conhecê-los.

“Mas agora, você nos mostrou três programas legais pra trabalhar com as crianças” (M.A.).

“Os três que você mostrou são bem legais, seriam bem úteis nas aulas” (M.C.).

“Olha, esses três sites que você mostrou semana passada, eu não conhecia e eu achei bem interessante” (R.).

Eles também conseguiram perceber um pouco do que cada um dos objetos educacionais trabalha.

“Com eles, dá para trabalhar a parte musical através da tecnologia, de uma maneira diferente, criativa e com certeza eles amariam” (M.R.).

“Com eles, as crianças perceberiam a diferença dos sons, criatividade, e outras coisas” (O.).

“Com eles, as crianças perceberiam a diferença dos sons” (O.).

“Aqueles jogos que nós vimos lá no computador, pra eles é uma festa, trocando instrumentos, montando música, colocando mão no papel que toca música” (O.).

A utilização de objetos de aprendizagem no ensino da música é algo importante, que pode auxiliar no ensino da matéria de maneira criativa. Os três objetos apresentado aos professores, são softwares abertos, gratuitos e que não dependem de internet para funcionarem, facilitando assim a utilização destes em sala de aula.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS

Esta pesquisa se dedicou, com base no relato dos professores entrevistados antes, durante e depois da oficina, a analisar a percepção destes docentes sobre a educação musical mediada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação.

Analisando de maneira qualitativa as falas dos professores a respeito de sua formação e da utilização de recursos tecnológicos na sua prática educativa e aulas de educação musical, foi possível compreendermos sobre a preparação dos professores para o ensino de música nas escolas, sobre a utilização da tecnologia neste ambiente, e qual a finalidade desta ação pedagógica.

Nesse cenário, propusemos as seguintes questões de pesquisa: Será que as professoras de educação infantil estão preparadas para lecionar aulas de música? Os professores conhecem TIC que auxiliem no ensino da música? As TIC podem estimular os alunos em seu processo de aprendizagem? Esses recursos podem ser usados, na escola, como estratégia para o ensino da música?

Constatamos, nesta pesquisa, que os professores estudados apresentam dificuldades em lecionar a matéria de música na escola porque não têm conhecimento suficiente da matéria. Observamos que nenhum dos entrevistados possui formação musical e, por esta razão, não adquiriram o conhecimento necessário nesta área específica que tornasse possível trabalhar em sala de aula. Desta forma, os docentes utilizam músicas em sala de aula apenas para auxílio de outras matérias ou em datas comemorativas. Seria importante uma formação continuada destes professores para que os mesmos adquiram conhecimento para trabalhar o conteúdo e assim lecionar com segurança a matéria. Percebemos, nesse contexto, a importância da continuidade de estudos – formação continuada –, pois é uma maneira de ampliar seus conhecimentos e fixar o conteúdo já aprendido.

O presente estudo também permitiu percebermos que as TIC adotadas como ferramenta de ensino podem contribuir para a formação das crianças, pois, por serem ferramentas interativas, atraem a atenção dos alunos e despertam neles a vontade de participar da atividade proposta. Desse modo, por intermédio do brincar, os alunos também aprendem.

Como os três objetos de aprendizagem constituem propostas de jogos com atividades, eles motivam os alunos e despertam seu interesse. Dessa forma, os

OA constituem um recurso que pode ser utilizado na educação infantil para conquistar a participação das crianças, aprendendo brincando.

Percebemos a importância da tecnologia na educação, ajudando nos processos de ensino aprendizagem, e nas aulas de música. Mostramos que isto é possível quando o professor assume suas dificuldades e busca superá-las. Ele precisa entender que a tecnologia serve como mediadora na educação musical (assim como nas demais matérias), por isso deve inseri-la nas suas práticas diárias. Desta maneira, o aluno aprende vivenciando.

Diante do exposto, é importante destacarmos que a escola deve investir em tecnologia e na formação do professor visando despertar no docente uma consciência da importância da tecnologia para a construção do conhecimento.

A fim de que este investimento aconteça, é necessário que não só os professores mas toda a escola perceba a importância dos computadores para as aulas. Para, então, entender que o investimento nesta tecnologia tem significado e que não adianta, também, dispor de uma sala de informática na escola que não esteja aberta aos alunos, pois o importante é utilizar e explorar os recursos que este ambiente oferece.

A tecnologia aguça a criatividade, transforma a maneira de vermos e fazermos tarefas. Por esta razão, tanto o professor quanto a equipe gestora (diretor, coordenador) devem reconhecer que, atualmente, a tecnologia é um meio de ensino fundamental. Eles precisam mudar seu conceito de aprendizado, deixar de pensar que, para ensinar, é preciso apenas quadro, giz, apagadores, canetas e começar a perceber a importância da tecnologia, pois é um recurso rico, divertido e em constante transformação que traz novas alternativas para promover o ensino e a aprendizagem do indivíduo.

Como muitos professores não nasceram numa época tecnológica e apresentam dificuldades em utilizá-la, é necessário que participem de um aperfeiçoamento das habilidades para utilização destes equipamentos; pois, em virtude da globalização, desenvolver habilidades e competências tecnológicas é muito importante para qualquer pessoa.

Da mesma maneira, por intermédio deste trabalho, identificamos e apresentamos alguns objetos educacionais que trabalham com temas relacionados à música. Notamos, entretanto, que os professores que participaram da pesquisa desconheciam tais tecnologias e não as utilizavam em sala de aula. Ao apresentarmos os objetos de aprendizagem “Zorelha”, “Práticas criativas na web

2.0” e “Gen Virtual”, os participantes, apesar de admirarem os recursos tecnológicos, mostraram pouco interesse em trabalhar com essa tecnologia, pois, mesmo diante da possibilidade de baixar os programas nos computadores da sala de informática da escola e, assim, não precisar do acesso à internet, eles alegam que não utilizam o computador porque não está conectado à internet.

Em razão desta e de outras observações, constatamos que os professores ainda não se apropriaram da tecnologia na sala de aula, preferindo dar aulas de maneira tradicional, à qual estão acostumados.

A formação do professor deve prover condições para que ele construa conhecimento sobre as técnicas computacionais, entenda por que e como integrar o computador na sua prática pedagógica e seja capaz de superar barreiras de ordem administrativa e pedagógica. Finalmente, deve-se criar condições para que o professor saiba re-contextualizar tanto o aprendizado como as experiências vividas durante a sua formação para a sua realidade de sala de aula, compatibilizando as necessidades de seus alunos aos objetivos pedagógicos a que se propõe atingir. (MAINART; SANTOS, 2010, p. 10).

As TIC podem e devem ser usadas na sala de aula como um importante mecanismo de aprendizado, desde que sejam trabalhadas corretamente. Não adianta apenas levar os alunos para a sala de informática. A aula deve ser programada para fazer as crianças pesquisarem, ampliarem seus conhecimentos por meio desta tecnologia.

Os dados também nos permitiram constatar que os professores trabalham mais de 30 horas semanais. Este fato também pode ser um empecilho para um bom planejamento de aulas, pois, cansados, eles acabam planejando rapidamente, buscam o caminho mais prático e não pensam em estratégias diferentes, que chamem a atenção dos alunos.

À vista do exposto, acreditamos ter alcançado o objetivo geral desta pesquisa, que foi o de compreender a percepção dos docentes sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação como ferramenta auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da educação musical infantil. Percebemos que os professores, apesar de considerarem importante utilizar as TIC na sala de aula, apresentam dificuldades de incorporá-las no dia a dia escolar. Isto ocorre, sobretudo, porque eles não possuem muita experiência no uso desta tecnologia, nem conhecimento musical suficiente. Diante desta situação, urge que esses docentes busquem ajuda, façam cursos a fim de ampliarem o conhecimento em tecnologia e música, visando uma

aula menos tradicional, na qual o professor explana a matéria e os alunos apenas anotam.

Para os professores utilizarem os OA em sala de aula, é necessário um bom planejamento de aula, para que sejam aplicados com criatividade e de maneira efetiva.

Os resultados também comprovaram que alcançamos o primeiro objetivo específico, que foi o de identificar as metodologias mais utilizadas no ensino musical da Educação Infantil.

Verificamos, por intermédio da pesquisa, que os professores utilizam a música como um meio de ensinar outras matérias, assim, recorrem a uma melodia para fazer as crianças decorarem nomes de cores, formas geométricas, entre outros conceitos. Também utilizam a música em comemorações festivas como Páscoa, Festa Junina e Natal. Normalmente, a metodologia adotada pelos professores para o que eles chamam de aula de música, limita-se a cantar com as crianças, ouvir um CD, fazer movimentos com a música ou chamar um grupo musical para se apresentar na escola.

Essas são maneiras que pouco ensinam o conteúdo musical, porque não dão ênfase à música em si, não abordam melodia, harmonia, parâmetros sonoros. A metodologia utilizada pelos professores entrevistados não leva os alunos se interessar em aprender música, não incita a curiosidade deles em saber mais sobre a música em si e sua importância para a humanidade.

No tocante ao outro objetivo específico traçado neste trabalho, o de constatar se os docentes conhecem e utilizam objetos educacionais disponíveis em rede virtual. Ficou evidente, perante os dados levantados na pesquisa, que os professores pesquisados, em sua maioria, desconheciam qualquer tipo de objeto educacional que possa ser utilizado com os alunos nas aulas. E, após conhecerem os três OA que apresentamos, nenhum dos professores achou possível utilizá-los em aula, e associaram essa impossibilidade a problemas como: uma turma muito grande que fará bagunça; a sala de informática sem acesso à internet; entre outros.

Essa postura dos professores nos leva a constatar uma dificuldade quanto a mudança da metodologia das aulas expositivas, em que o conteúdo está na apostila e apenas é explicado e avaliado por meio de tarefas para as crianças. Da outra maneira, teriam que planejar mais detalhadamente as aulas, além de ter algum conhecimento em computação e música.

Outra razão é o desconhecimento dos professores sobre esta tecnologia. Por serem imigrantes digitais e não possuírem cursos de aperfeiçoamento na área, eles desconhecem como utilizar esta tecnologia em sala de aula.

Retomando as questões da pesquisa, observamos as questões respondidas e outras perguntas se formaram, dando margem a futuras discussões e investigações.

Refletindo sobre as dificuldades dos professores com o ensino da música, levantamos os seguintes questionamentos: Não seria necessário reformular o currículo do curso de Pedagogia, e incluir uma disciplina específica de música, a fim de que os professores saiam do Ensino Superior aptos a lecionar música nas escolas de Ensino Fundamental?

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, J. S. **Música e construção de instrumentos musicais na educação infantil**. Campina Grande, PB, 2013. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_or_al_idinscrito_1573_c92749c137ffbd9ddd965e876b0050fa.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2014.
- ALVAREZ, M. E. B. **Exercitando as inteligências múltiplas: dinâmicas de grupo fáceis e rápidas para o ensino superior**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2008.
- AMARAL, C. B. et al. **Práticas criativas na web 2.0**. 2009. Disponível em: <http://www.nuted.ufrgs.br/objetos_de_aprendizagem/2009/criativas/>. Acesso em: 19 set. 2013.
- ANA GRASIELLE. **Download** – cartões marcadores. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/anagrasi/genvirtual/download>>. Acesso em: 15 mar. 2015
- ANDRAUS, G. C. Um olhar sobre o ensino de música em Uberlândia (MG). **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 19, p. 65-73, 2008. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/260/191>>. Acesso em: 11 jul. 2014.
- ANTONI, P. et al. **Actividades de música para educación infantil**. Espanha, 1997. Disponível em: <http://clic.xtec.cat/db/act_es.jsp?id=1370>. Acesso em: 17 jun. 2014.
- ARAUJO, E. L. de. **A realização da monografia jurídica na graduação: caminhos e trilhas da pesquisa**. In: PAES, A. B. et al. **Pesquisa em educação: concepções trajetórias e memórias**. Campo Grande: Ed. UNIDERP, 2006. p. 125-157.
- ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de A. C. Amaral e C. C. Gomes. Lisboa: Vega, 1998. (Livro 8, ed. bilíngüe).
- ARRUDA, Y. Q. **Elementos de canto orfeônico**. 33. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.
- ASSMANN, H. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a02v29n2.pdf>>. Acesso em: 7 jan. 2015.
- AZUMA, R. A survey of augmented reality. **Presence Teleoperators and Virtual Environments**, Malibu, v. 6, n. 4, 1997. Disponível em: <<http://www.cs.unc.edu/~azuma/ARpresence.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2014.
- BARANAUSKAS, M. C. C. et al. **O computador na sociedade do conhecimento**. São Paulo, 1999. (Coleção informática para a mudança na educação). Disponível em: <<http://usuarios.upf.br/~teixeira/livros/computador-sociedade-conhecimento.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

BARRETO, A. M. R. F. **Por uma política de formação do profissional de educação infantil**. Belo Horizonte: MEC/SEF/COEDI, 1994.

BARRETO, C. B. B. **Côro orfeão**. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, Biblioteca de Educação, 1938.

BASTIÃO, Z. A. **Apreciação musical: repensando práticas pedagógicas**. Florianópolis, 2003. Disponível em: <http://prolicenmus.ufrgs.br/repositorio/moodle/material_didatico/didatica_musica/turma_cd/un13/links/bastiao.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2014.

BEHAR, P. et al. **Modelos pedagógicos em educação a distância**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BEHAR, P.; ROSAS, F. **A importância da música em objetos de aprendizagem**. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://www.nuted.ufrgs.br/edu3051_2011_1/texto1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação: polêmicas do nosso tempo**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

BERNARDINO, J. et al. **Música: entenda porque a disciplina se tornou obrigatória na escola**. 2013. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/musica-escolas-432857.shtml>>. Acesso em: 18 fev. 2014.

BERTOLDO, J. V.; RUSCHEL, M. A. M. **Jogo, brinquedo e brincadeira – uma revisão conceitual**. 2000. Disponível em: <<http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/37/Etapa%203/e3t1.pdf>> Acesso em: 6 jan. 2015.

BETTEGA, M. H. S. **Educação continuada na era digital**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BIAGIONI, M. Z. et al. **A criança é a música**. 2. ed. São Paulo: Fermata, 1998.

BORGES, G. A. **Tecnologias da informação e comunicação na formação inicial do professor de música: um estudo sobre o uso de recursos tecnológicos por estudantes de licenciatura em música no estado de Santa Catarina**. Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1972>. Acesso em: 03 abr. 2014.

BORNE, L. S. **Trabalho docente na educação musical a distância: educação superior brasileira**. 2011. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/34141/000791560.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Decreto n. 981, de 8 de novembro de 1890. Aprova o regulamento da instrução primária e secundária do Distrito Federal. **Diário Oficial da União**, Palácio do Governo Provisório. 8 nov. 1890. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-981-8-novembro-1890-515376-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998a.

_____. Ministério da Educação. Rede Interativa Virtual de Educação – RIVED. **Zorelha**: Um objeto de aprendizagem para auxiliar o desenvolvimento da percepção musical. Disponível em: <http://rived.mec.gov.br/atividades/concurso_2007/zorelha/>. Acesso em: 12 mar. 2015.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 12 nov. 2014.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n. 11.769. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm>. Acesso em: 13 abr. 2015.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n. 9.394. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 13 abr. 2015.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá providências. Presidência da República, 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm>. Acesso em: 28 fev. 2014.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte. Brasília: MEC / SEF, 1998b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

BRÉSCIA, V. L. P. **Educação musical**: bases psicológicas e ação preventiva. São Paulo: Átomo, 2003.

BRUM, B. P.; LIRIO, R.; VICTOR, V. B. **Cores**. Vitória, 2006. Disponível em: <http://rived.mec.gov.br/atividades/concurso2006/cores/art_coresrived.swf>. Acesso em: 9 jul. 2014.

CAETANO, J. S.; MARQUES, A. C. Utilização da informática na sala de aula. In: MERCADO, L. P. L. **Novas tecnologias na educação**: reflexões sobre a prática. Maceió: EDUFAL, 2002. p. 131-168.

CANAVARRO, A. P.; PONTE, J. P. **O papel do professor no currículo da matemática**. 2005. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4085/1/05-Canavarro-Ponte%28GTI%29.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2015.

CERRI, L. F.; RUNDVALT, D. **História e música nas festas escolares**. Guarapuava, PR, 2010. Disponível em: <<http://anais.unicentro.br/xixeaic/pdf/1089.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2014.

CÓRIA-SABINI, M. A.; LUCENA, R. F. **Jogos e brincadeiras na educação infantil**. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2004.

CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. **Educação infantil: para que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

D'URGELL, S. I. E. D. P. **El cuerpo humano-1**. Espanha, 1997. Disponível em: <http://clic.xtec.cat/db/act_es.jsp?id=1044>. Acesso em: 8 jun. 2014.

DEL BEN, L.; HENTSCHE, L. Educação musical escolar: uma investigação a partir das concepções e ações de três professoras de música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 7, n. 7, p. 49-57, 2002.

DINIZ, L. N. **Música na educação infantil: um survey com professoras da rede municipal de ensino de Porto Alegre-RS**. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6006/000479322.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

FARIA, C. O. et al. **Geometria**. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.rea.net.br/educarede/2013/05/21/geometria/>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

FERES, J. S. M. **Bebê: música e movimento: orientação para musicalização infantil**. Jundiaí, SP: J.S.M. Feres, 1998.

FERES, J. S. M.; NAGUMO, L. F. **Orientação para professores de musicalização infantil**. Jundiaí, SP: J. S. M. Feres, 2010.

FERNÁNDEZ, J. R. **El nombre de los números**. Espanha, 1997. Disponível em: <http://clic.xtec.cat/db/act_es.jsp?id=1287>. Acesso em: 8 jun. 2014.

FERREIRA, F. R. **Mapas auto-organizáveis na construção de recursos de aprendizagem adaptativos: uma aplicação no ensino de música**. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://tede.mackenzie.com.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=804>. Acesso em: 03 abr. 2014.

FICHEMAN, I. K. et al. **Portal edumusical: telemática aplicada à educação musical**. São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/351/337>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

FIGUEIREDO, S. L. F. A preparação musical de professores generalistas no Brasil. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 11, p. 55-61, set. 2004. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista11/revista11_artigo6.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GALOTTA, A. **Objetos de aprendizagem**. 2007. Disponível em: <webmsbr.tv1.com.br/brasil/educacao/parceiro/>. Acesso em: 20 fev. 2014.

GARCÍA, D. G. **Actividades musicales**. Espanha, 2006. Disponível em: <http://clic.xtec.cat/db/act_es.jsp?id=3342>. Acesso em: 17 jun. 2014.

GIGA, I. A educação vocal da criança. **Revista Música, Psicologia e Educação**, n. 6, 2004. Disponível em: <http://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/3153?mode=full&submit_simple=Mostrar+registro+em+formato+completo>. Acesso em: 26 mar. 2014.

GIRARDELLI, M. F. **Qual é a diferença entre multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade?** Manaus, 2007. Disponível em: <<http://cafecomletrinhas.blogspot.com.br/2007/07/qual-diferenca-entre-multidisciplinarida.html>>. Acesso em: 26 mar. 2014.

GOUVÊA, S. F. Os caminhos do professor na era da tecnologia. **Revista de Educação e Informática**, São Paulo, ano 9, n. 13, p. 11-20, abr. 1999.

HARF, R.; STOKOE, P. **Expressão corporal na pré-escola**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1980.

IEEE LEARNING TECHNOLOGY STANDARD COMMITTEE. In: **WG12: Learning Object Metadata**. 2005. Disponível em: <<http://ltsc.ieee.org/wg12/>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

JACOBUCCI, D. F. C. **A formação continuada de professores em centros e museus de ciências no Brasil**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP. Disponível em: <<file:///C:/Users/Anelise/Downloads/TeseDanielaFrancoCarvalhoJacobucci.pdf>> Acesso em: 03 jul. 2014.

JESUS, E. A. **Zorelha: um objeto de aprendizagem para auxiliar o desenvolvimento da percepção musical em crianças de 4 a 6 anos**. Itajaí, 2008. Disponível em: <<http://siaiacad17.univali.br/zorelha/pdf/Zorelha-TCC.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2014.

JESUS, E. A.; RAABE, A. L. A.; URIARTE, M. Z. **Desenvolvendo a percepção musical em crianças através de um objeto de aprendizagem**. Disponível em: <http://www.academia.edu/1234407/Desenvolvendo_a_percepcao_musical_em_criancas_atraves_de_um_objeto_de_aprendizagem#>. Acesso em: 19 set. 2013.

JOURDAIN, R. **Música, cérebro e êxtase: como a música captura nossa imaginação**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

KATER, C. et al. Música na escola: implantação da música nas escolas públicas do estado de Minas Gerais (1997-1998). In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 7., 1998, Recife. **Anais...** Recife: ABEM, 1998. p. 114-122.

KEBACH, P. F. C. **Musicalização coletiva de adultos: o processo de cooperação nas produções musicais em grupo**. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://dide.minedu.gob.pe/xmlui/bitstream/handle/123456789/429/2008_Kebach_Musicaliza%C3%A7%C3%A3o%20coletiva%20de%20adultos%20o%20processo%20de%20coopera%C3%A7%C3%A3o%20nas%20produ%C3%A7%C3%B5es%20musicais%20em%20grupo.pdf?sequence=1>. Acesso em: 29 jul. 2014.

KIEFER, B. **Villa-Lobos e o modernismo na música brasileira**. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, 1986.

KIRNER, C.; KIRNER, T. G. Virtual reality and augmented reality applied to simulation visualization. In: EI SHEIKH, A. A. R.; AI AJEELI, A.; ABU-TAIEH, E. M. O. (Eds.). **Simulation and modeling**: current technologies and applications. Hershey-NY: IGI Publishing, 2008. v. 1, p. 391-419.

KRÜGER, S. E. Educação musical apoiada pelas novas tecnologias de informação e comunicação (TIC): pesquisas, práticas e formação de docentes. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n. 14, p. 75-89, mar. 2006.

KUHLMANN JR., M. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LACERDA, V. N. **O ensino do gênero canção em aulas de língua portuguesa**: um estudo de educação linguística. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://tede.mackenzie.com.br/tde_arquivos/8/TDE-2012-02-02T125112Z-1375/Publico/Viviane%20Nery%20Lacerda.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2014.

LIMA, A. L. D. TIC na educação no Brasil: o acesso vem avançando. E a aprendizagem? **Tic educação**, 2011. Disponível em: <<http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-educacao-2011.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2015.

LIMA, C. et al. **A importância da formação continuada para uma atuação docente reflexiva**: o processo formativo e desenvolvimento profissional de professores das séries iniciais do ensino fundamental básico das escolas municipais de Teresina-PI. 2011. Disponível em: <[http://www.jornaldaeducacao.inf.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1453#myGallery1-picture\(4\)](http://www.jornaldaeducacao.inf.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1453#myGallery1-picture(4))>. Acesso em: 18 set. 2013.

LINO, D. L. Música é... cantar, dançar... e brincar! Ah! Tocar também! In: CUNHA, S. R. V. (Org.). **Cor, som e movimento**: a expressão plástica musical e dramática no cotidiano da criança. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 59-92.

LOPES, J. J. **A introdução da informática no ambiente escolar**. São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.clubedoprofessor.com.br/artigos/artigojunio.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2014.

MACHADO, M. C. G.; PASCHOAL, J. D. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 33, p. 78-95, mar. 2009. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/33/art05_33.pdf> Acesso em: 04 abr. 2015.

MAFFIOLETTI, L. A. Práticas musicais na educação infantil. In: CRAIDY, M.; KAERCHER, G. E. P. S. **Educação infantil**: pra que te quero. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 123-134.

MAINART, D. de A.; SANTOS, C. M. A importância da tecnologia no processo ensino-aprendizagem. In: CONGRESSO VIRTUAL BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO, 7., 2010. **Anais...**, 2010. Disponível em: <http://www.convibra.com.br/upload/paper/adm/adm_1201.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2015.

MARCIEL FILHO, L. **Sobre a(s) leitura(s) dos métodos musicais:** da mimese ao estilo. Campinas, 2004. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000340611>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

MÁRQUEZ, A. S. **Los Tamaños.** Espanha, 2006. Disponível em: <http://clic.xtec.cat/db/act_es.jsp?id=3328>. Acesso em: 17 jun. 2014.

MARTINS, M. Z. **Audible Images:** síntese de imagens controladas por áudio. 2008. 84 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Instituto de Matemática e Estatística, Universidade de São Paulo, São Paulo - SP. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/45/45134/tde-01042008-010011/pt-br.php>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

MAZZEU, F. J. C. **Uma proposta metodológica para a formação continuada de professores na perspectiva histórico-social.** Campinas, 2009. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar?q=import%C3%A2ncia+da+forma%C3%A7%C3%A3o+continuada+do+professor&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5>. Acesso em: 05 jan. 2015.

MELLO, M. I. S. A. **A música como instrumento de intervenção psicopedagógica.** Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/enletrarte/article/view/2050/1206>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

MERCADO, L. P. L. **Novas tecnologias na educação:** reflexões sobre a prática. Maceió: UFAL, 2002. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=bi7OpaxCJT8C&oi=fnd&pg=PA11&dq=novas+tecnologias+na+educa%C3%A7%C3%A3o&ots=uAjY9ffdd6&sig=gFed8wiB5T_eAWBRYHIHBv96OIs#v=onepage&q=novas%20tecnologias%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o&f=false>. Acesso em: 17 jul. 2014.

MILLAS, A. R. **Toca el pianimbo.** Espanha, 1996. Disponível em: <<http://www.pequenot.com/parajuegos.asp?mov=/habitantes/images/1090.swf&w=640&h=400#inicio>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

MIRANDA, R. M. **GROA:** Um Gerenciador de Repositórios de Objetos de Aprendizagem. 2004. 80 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação) – Instituto de Informática, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4120/000452979.pdf?sequence=1>>. Acesso: 19 fev. 2014.

MORAN, J. M. **Educação e tecnologias: mudar para valer!** 2006. Disponível em: <<http://www.netescola.pr.gov.br/netescola/escola/279042018/Gestao.doc>>. Acesso em: 20 fev. de 2014.

MOREIRA, L. R. S. Representações sociais: caminhos para a compreensão da apreciação musical? In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, 1., COLÓQUIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UNIRIO, 15., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Agência Brasileira do ISBN, 2010. p. 283-291.

NEGREIROS, E. A nova consciência e a música. In: SORRENTINO, M.; TRAJBER, R.; BRAGA, T. (Orgs.). **Cadernos do III Fórum de Educação Ambiental**. São Paulo: Gaia, 1995. p. 65-68.

NÚCLEO DE TECNOLOGIA DIGITAL APLICADA À EDUCAÇÃO – NUTED.

Práticas criativas na web 2.0. Disponível em:

<http://www.nuted.ufrgs.br/objetos_de_aprendizagem/2009/criativas/#voltartopo>. Acesso em: 12 mar. 2015.

NUNES, C. **Desenvolvendo LOs**. 2004. Disponível em:

<<http://www.microsoft.com/brasil/educacao/parceiro>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

OLIVEIRA, D. A. **Musicalização na educação infantil**. Campinas, 2001. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1755/1597>>.

Acesso em: 04 jul. 2014.

OLIVEIRA, Z. M. R. **Creches: Crianças, faz de conta & Cia**. Petrópolis: Vozes, 1992.

PENNA, M. A dupla dimensão da política educacional e a música na escola: II – da legislação à prática escolar. **Revista da Abem**, Porto Alegre, n. 11, p. 7-16, 2004.

Disponível em:

<http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista11/revista11_completa.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2014.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

PONTE, J. P. da. Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: que desafios? **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 24, p. 63-90, dez. 2000.

PRENSKY, M. **Digital Natives, Digital Immigrants**. Londres: MCB University Press, 2001.

RIBEIRO, H. L. **Papel da música na educação segundo Platão**. 2001. 14 f. Dissertação (Mestrado em Etnomusicologia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <<http://hugoribeiro.com.br/download-textos-pessoais/platao.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

ROYO, C. F. **Actividades de música para primaria y ESO**. Espanha, 1997.

Disponível em: <http://clic.xtec.cat/db/act_es.jsp?id=1373>. Acesso em: 17 jun. 2014.

SANCHO, J. M. Introdução: sentido e organização do texto. In: _____. (Org.). **Para uma tecnologia educacional**. Tradução de Beatriz A. Neves. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 17-22.

SCHNETZLER, R. P.; ROSA, M. I. F. P. S. A investigação-ação na formação continuada de professores de ciências. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 1, p. 27-39, 2003.

SILVA, D. C. M. Mundo educação: timbre. **Rede Omnia**, 2014. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com/fisica/timbre.htm>>. Acesso em: 24 jun. 2014.

SILVEIRA, T. R. **Ser educador**. 2009. Disponível em: <<http://www.pedagogia.com.br/artigos/sereducador/>>. Acesso em: 01 mar. 2014.

SMITH, A. **A riqueza das nações**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Economistas, v. II).

SOUZA, J. Da formação do profissional em música nos cursos de licenciatura. In: SEMINÁRIO SOBRE O ENSINO DE ARTES E DESIGN NO BRASIL, 1., 1997, Salvador. **Anais...** Salvador: CEEARTES, 1997. p. 13-20.

SUZUKI, S. **Educação é amor: um novo método de educação**. 2. ed. Santa Maria: Pallotti, 1994.

TOMIAZZI, E. **Educação musical a distância: formação continuada de docentes da educação infantil**. 2013. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente - SP. Disponível em: <http://apeclx.unoeste.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=445> Acesso em: 17 jun. 2014.

VALENTE, J. A. A escola que gera conhecimento. In: FAZENDA, I. et al. **Interdisciplinaridade e novas tecnologias formando professores**. Campo Grande, MS: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 1999a.

_____. Informática na educação no Brasil: análise e contextualização histórica. In: _____. (Org.). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: UNICAMP/NIED, 1999b. p. 1-13. Disponível em: <<file:///C:/Users/Anelise/Downloads/cap1%20LIVRO%20INFORMATIC%20n%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20ARMANDO%20VALENTE.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2014.

VELASCO, C. G. **Brincar: o despertar psicomotor**. Rio de Janeiro: Sprit, 1996.

VIANNA, B. Ensino de música torna-se obrigatório a partir de 2012. **Instituto Votorantim**, 2012. Disponível em: <<http://www.blogacesso.com.br/?p=4572#>>. Acesso em: 16 set. 2013.

VILLA-LOBOS, H. Educação musical. **Boletim Latino Americano de Música**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, p. 515-588, abr. 1946.

VOSGERAU, D. S. R. A tecnologia nas escolas: o papel do gestor neste processo. **Tic educação**, 2011. Disponível em: <<http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-educacao-2011.pdf>> Acesso em: 6 jan. 2015.

VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Penha Villalobos. 2. ed. São Paulo: Ícone, 1988. p. 103-117.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: “A educação musical infantil e o uso das tecnologias de informação e comunicação: concepção dos docentes”

Nome do(a) Pesquisador(a): Anelise Lupoli Chamorro.

Nome do(a) Orientador(a): Raquel Rosan Christino Gitahy.

1. Natureza da pesquisa: o Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa que tem como finalidade compreender a concepção dos docentes sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) como ferramenta auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da educação musical infantil.

2. Participantes da pesquisa: cinco docentes da Escola Municipal de Educação Infantil Profa. Aparecida Marques Vacaro.

3. Envolvimento na pesquisa: ao participar deste estudo o(a) Sr.(a) permitirá que as pesquisadoras Anelise Lupoli Chamorro e Raquel Rosan Christino Gitahy realizem a coleta de dados por meio de questionário, entrevista e observação durante oficina pedagógica.

O trabalho será feito em quatro etapas.

Na primeira, haverá uma coleta de dados mediante questionário de perfil, a fim de levantarmos informações sobre formação inicial, atuação profissional e formação continuada dos pesquisados. Em um segundo momento, as pesquisadoras farão uma entrevista individual seguindo um roteiro semiestruturado sobre o uso das TIC na educação musical infantil. Na terceira etapa, será realizada uma oficina de 30 horas no horário da ATPC (Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo) dos docentes. Esta oficina acontecerá na própria escola onde os professores lecionam. Nesta, os pesquisadores apresentarão e os pesquisados manusearão três objetos de aprendizagem, a saber: “Zorelha”; “Práticas criativas na web 2.0” e “Gen Virtual”.

Durante o manuseio dos objetos de aprendizagem acima descritos, os pesquisadores farão observação considerando: as possíveis dificuldades dos

docentes no uso da tecnologia; as comunicações realizadas pelo docente durante o uso do OA e perceber as relações realizadas pelos docentes sobre os OA e sua prática no ensino de música.

Em uma última etapa, será realizada nova entrevista, segundo roteiro semiestruturado, para identificar as mudanças nos docentes depois de conhecerem objetos de aprendizagem.

O(a) Sr.(a) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para o(a) Sr.(a). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa por meio telefone da pesquisadora do projeto e, se necessário, pelo telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

4. Riscos e desconforto: a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

5. Confidencialidade: todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e sua orientadora terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa.

6. Benefícios: ao participar desta pesquisa o(a) Sr.(a) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre possíveis contribuições do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no processo de ensino e aprendizagem da Educação Infantil, de forma que o conhecimento que será construído com base nesta pesquisa possa auxiliar na reflexão sobre a importância das TIC na educação musical infantil. Cabe esclarecer que a pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos, respeitando-se o sigilo das informações coletadas, conforme previsto no item anterior.

7. Pagamento: o(a) Sr.(a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto, preencha, por favor, os itens que se seguem: Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs.: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Nome do Participante da Pesquisa

RG ou CPF do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura da Orientadora

Pesquisadora: ANELISE LUPOLI CHAMORRO – Tel.: (18) 3222-5811

Orientadora: RAQUEL ROSAN CHRISTINO GITAHY – Tel.: (18) 8136-1807

Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa: Profa. Dra. Gisele Alborgheti Nai

Vice-Coodenadora: Profa. Dra. Rosa Maria Barilli Nogueira

Telefone do Comitê: (18) 3229-2077

E-mail: cep@unoeste.br

APÊNDICE B – Questionário sobre o perfil dos pesquisados**Questionário sobre o perfil dos pesquisados**

1. IDADE:

- Até 24 anos
- De 25 a 29 anos
- De 30 a 39 anos
- De 40 a 49 anos
- De 50 a 54 anos
- 55 anos ou mais

2. FORMAÇÃO ACADÊMICA E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

2.1. NÍVEL DE ESCOLARIDADE

- Magistério
- Superior – Licenciatura
- Superior – Outros
- Especialização – mínimo 360 horas
- Mestrado
- Doutorado

2.2. SE VOCÊ FEZ CURSO SUPERIOR, DE QUE FORMA ELE FOI REALIZADO?

- Presencial
- Semipresencial
- A distância

2.3. VOCÊ PARTICIPOU DE ALGUMA ATIVIDADE DE FORMAÇÃO CONTINUADA
(Atualização, Treinamento, Capacitação, etc.)?

- Sim
- Não

2.4. VOCÊ PARTICIPOU DE CURSOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA SOBRE EDUCAÇÃO MUSICAL INFANTIL?

() Sim

() Não

2.5. NO CURSO ESPECIFICADO NOS ITENS 2.3 E 2.4 FORAM TRATADOS ASSUNTOS SOBRE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO AUXILIAR NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA MÚSICA?

() Sim

() Não

3. ATIVIDADE PROFISSIONAL

3.1. HÁ QUANTOS ANOS VOCÊ ESTÁ LECIONANDO?

() Há menos de 1 ano

() De 1 a 2 anos

() De 3 a 5 anos

() De 6 a 9 anos

() De 10 a 15 anos

() De 15 a 20 anos

() Há mais de 20 anos

3.2. AO TODO, QUANTAS HORAS-AULA VOCÊ MINISTRA POR SEMANA?

() Até 10 horas-aula

() De 10 a 20 horas-aula

() De 20 a 30 horas-aula

() De 30 a 40 horas-aula

() Mais de 40 horas-aula

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista semiestruturado

Roteiro de entrevista semiestruturado

- 1- Na sua escola existem recursos de tecnologia em ambiente computacional? São eficientes? O que está faltando?
- 2- Você tem usado a tecnologia em ambiente computacional para educação musical infantil? (Se a resposta for sim, Como? Quais recursos utiliza? Se a resposta for não, por quê?)
- 3- Você conhece objetos educacionais disponíveis nos ambientes virtuais? Se sim, quais você conhece?
- 4- Você gostaria de ser mais capacitado para usar as TIC/objetos de aprendizagem na educação musical infantil? Por quê?
- 5- Você encontra obstáculos no uso das TIC/objetos de aprendizagem na educação musical infantil? Quais? Como poderia superar possíveis obstáculos?
- 6- Você acha importante o uso de TIC/objetos de aprendizagem na educação musical infantil? Por quê?

APÊNDICE D – Roteiro de entrevista semiestruturado

Roteiro de entrevista semiestruturado (Após a participação em oficina pedagógica com OA)

- 1- Você tem usado a tecnologia em ambiente computacional para educação musical infantil? (Se a resposta for sim, Como? Quais recursos utiliza? Se a resposta for não, por que?)
- 2- O conhecimento dos objetos de aprendizagem “Zorelha”, “Práticas criativas na web 2.0” e “Gen Virtual”, fez você mudar algo no processo de ensino-aprendizagem na educação musical infantil? Explique melhor.
- 3- Você encontra obstáculos no uso das TIC/objetos de aprendizagem na educação musical infantil? Quais? Como poderia superar possíveis obstáculos?
- 4- Você acha importante o uso de TIC/objetos de aprendizagem na educação musical infantil? Por quê?
- 5- Espaço aberto para sugestões/observações.